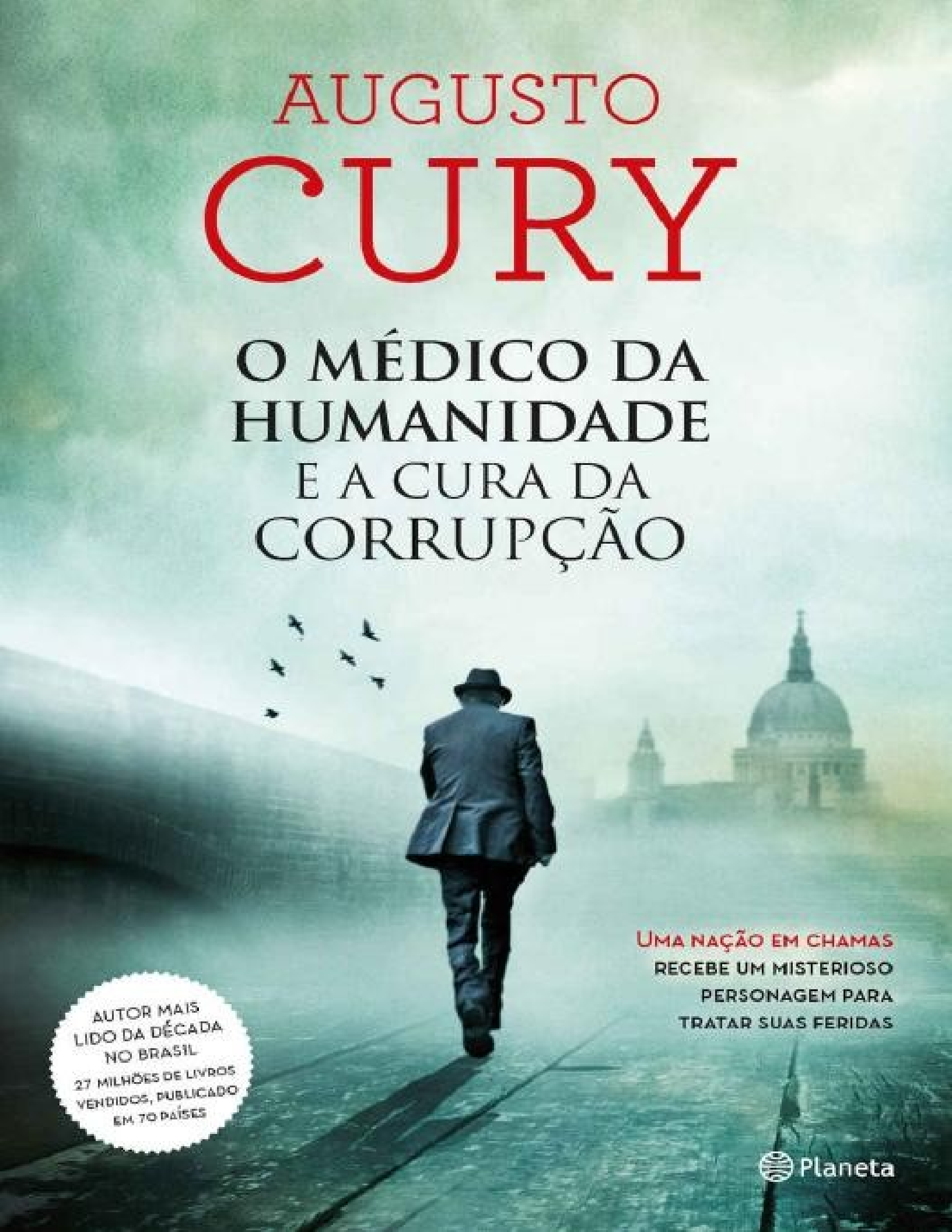
AUGUSTO

CURY

O MÉDICO DA HUMANIDADE E A CURA DA CORRUPÇÃO



UMA NAÇÃO EM CHAMAS RECEBE UM MISTERIOSO PERSONAGEM PARA TRATAR SUAS FERIDAS

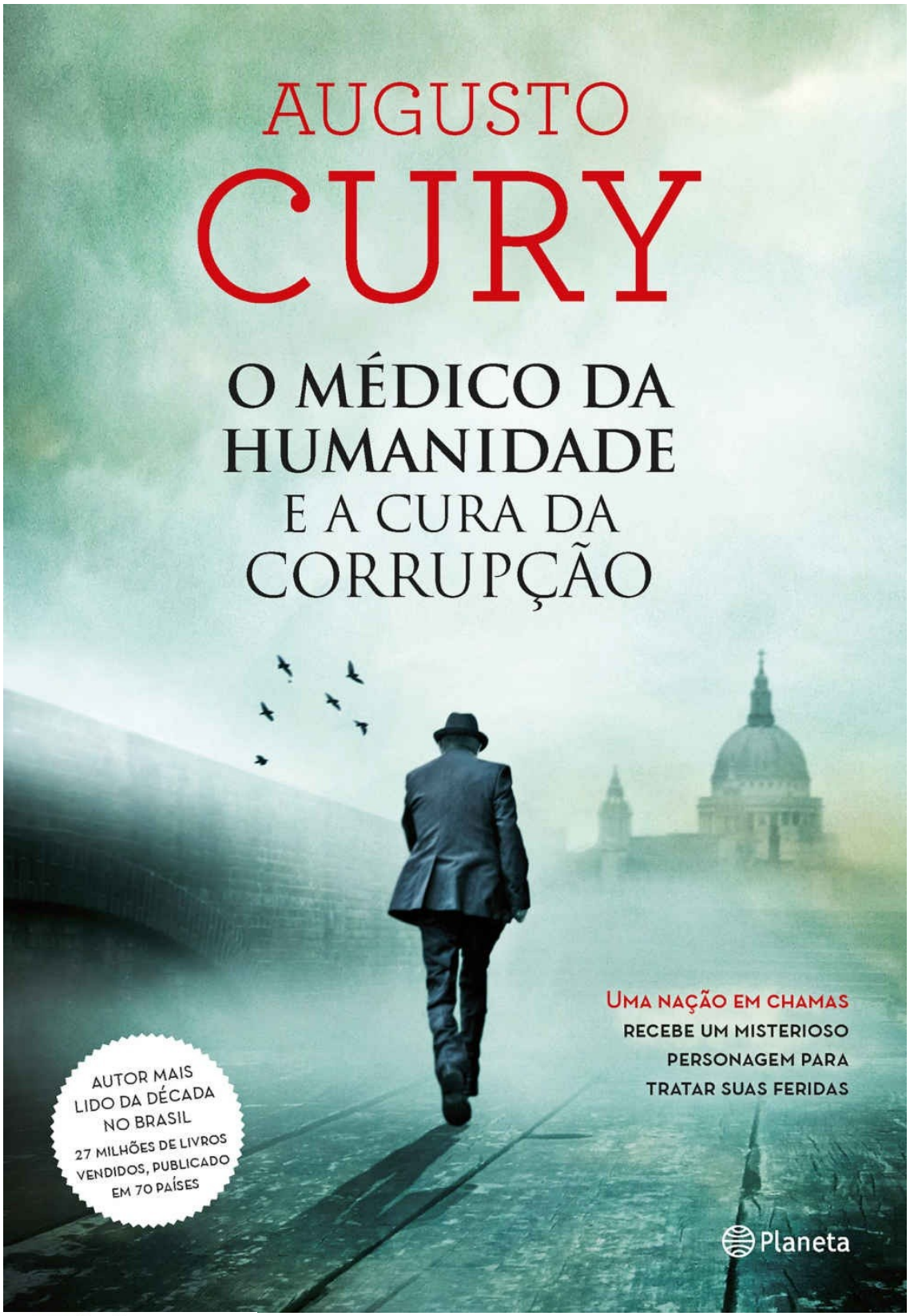
AUTOR MAIS LIDO DA DÉCADA NO BRASIL

27 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS, PUBLICADO EM 70 PAÍSES

Planeta

Table of Contents

Um voo inesperado
Vírus com várias cepas
Reencontro com o passado
Forasteiro de si mesmo
Refém de um personagem
Um menino e seus fantasmas
A revolução e a guilhotina
Todo carrasco constrói seus monstros
O agrônomo que assassinou milhões
Direito de escolher
Um homem ousadíssimo
A necessidade neurótica de poder
A droga das drogas
O maior julgamento da história
Quem apaga a luz?
Estranhos em família
O grande provocador da mente
Julgar sem conhecer
Só os amigos traem
Ideias que resistem ao veneno
O golpe dos íntimos
Uma incrível história de amor


AUGUSTO
CURY
O MÉDICO DA HUMANIDADE
E A CURA DA CORRUPÇÃO
UMA NAÇÃO EM CHAMAS
RECEBE UM MISTERIOSO
PERSONAGEM PARA
TRATAR SUAS FERIDAS
AUTOR MAIS LIDO DA DÉCADA NO BRASIL
27 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS, PUBLICADO EM 70 PAÍSES
Planeta

leLivros

DADOS DE COPYRIG HT
Sobre a obra:
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o obj etivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêm icos, bem com o o sim ples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de com pra futura.
É expressam ente proibida e totalm ente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso com ercial do presente conteúdo
Sobre nós:
O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dom inio publico e propriedade intelectual de form a totalm ente gratuita, por acreditar que o conhecim ento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar m ais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.
"***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.***"

AUGUSTO
CURY

O MÉDICO DA HUMANIDADE E A CURA DA CORRUPÇÃO

UMA NAÇÃO EM CHAMAS RECEBE UM MISTERIOSO PERSONAGEM PARA TRATAR SUAS FERIDAS

Planeta

O MÉDICO DA HUMANIDADE E A CURA DA CORRUPÇÃO

Copyright © Augusto Cury, 2016
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016
Todos os direitos reservados.
Preparação: Ingrid Tavares
Revisão:Paula Nogueira e Beth Gobbi
Diagramação: Futura
Capa: Compañía
Imagens de capa: Roy Bishop/Arcangel Images Adaptação para eBook: Hondana
DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C988m Cury, Augusto
O médico da humanidade e a cura da corrupção / Augusto Cury. -
1. ed. - São Paulo : Planeta, 2016.
ISBN 978-85-422-0692-0
1. Ficção brasileira. I. Título.
CDD: 869.93
16-
CDU:
30647
821.134.3(81)-3

2016
Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manoel, 100 – 21º andar
Edifício Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo – SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br
Sumário
Um voo inesperado
Vírus com várias cepas
Reencontro com o passado
Forasteiro de si mesmo
Refém de um personagem
Um menino e seus fantasmas
A revolução e a guilhotina
Todo carrasco constrói seus monstros
O agrônomo que assassinou milhões
Direito de escolher
Um homem ousadíssimo
A necessidade neurótica de poder
A droga das drogas
O maior julgamento da história
Quem apaga a luz?
Estranhos em família
O grande provocador da mente
Julgar sem conhecer
Só os amigos traem
Ideias que resistem ao veneno
O golpe dos íntimos
Uma incrível história de amor
Um voo inesperado

O avião Airbus A320 decolou de Barcelona para Düsseldorf, na Alemanha. Suas turbinas rasgaram o ar com uma força brutal. Subiu a 38 mil pés, suavemente, para o que prometia ser um voo tranquilo.

Porém, trinta minutos depois, turbulências perturbadoras sequestraram a tranquilidade dos passageiros. Não parecia uma "turbulência de céu claro" comum, mas algo mais grave.

Mentes inquietas, emoções asfixiadas, cérebros em pânico. Os ateus desapareceram na aeronave descontrolada, procurando recursos sobre-humanos, porque o DNA, o segredo da vida, tem sede e fome incontroláveis de viver. Dez trilhões de células constituem o corpo humano, nenhuma delas programada para morrer. Mecanismos cerebrais foram acionados com

rapidez, pressões sanguíneas e ventilações pulmonares foram às nuvens para que os passageiros fugissem da situação de risco. Mas para onde?
A comissária de bordo, preocupada com a segurança, sem demora interveio.
– Atenção, senhores passageiros, estamos passando por uma área de turbulência. Sentem-se e apertem os cintos!
No meio da imensa aeronave, algo estranho acontecia. Dois personagens, distantes dois passos um do outro, estavam em pé no corredor e não tinham onde sentar. O primeiro exalava serenidade, o segundo parecia em estado de choque. O primeiro tinha cabelos grisalhos, seu semblante carregava as marcas do tempo, vira e experimentara tantos dramas em sua longa jornada existencial que nada parecia abalá-lo. O segundo era moreno, alto, cinquenta anos, austero e ambicioso, mas estava abaladíssimo – não apenas pelas turbulências, mas porque pela primeira vez se sentia desorientado no tempo e no espaço. Seus pés estavam fixos no piso de aço da aeronave, mas sua mente não tinha solo para se apoiar.
O primeiro sorria para os passageiros e acenava para as crianças assustadas, tentando distraí-las diante dos solavancos do avião; o segundo olhava perplexo para frente e para os lados, parecia um bebê expulso do útero materno, observando um ambiente estranho aos seus olhos. Era um “rato” de aeroporto, voara inúmeras vezes, mas nunca daquele modo, sem poltrona para sentar. Eram audíveis seus questionamentos ansiosos:
– O que estou fazendo nesta aeronave? Como cheguei a este lugar? Não me recordo de ter feito check-in!
Simplesmente não se lembrava de ter embarcado. Não sabia qual era o destino do voo. Não conhecia nenhuma daquelas pessoas.
Observava os passageiros, mas eles pareciam não falar sua língua.
Era um advogado hábil, arguto, seguro, um político respeitado em sua nação. Seu nome, Napoleão Anacleto de Alcântara Filho. Não era poderoso como o ditador francês, mas tinha tudo para se tornar um dos maiores líderes mundiais. Todavia, sua segurança derretia como gelo dentro da fria aeronave.
– O senhor sabe para onde estamos indo? – perguntou a um sujeito de cerca de quarenta anos, que trajava terno e gravata. Mas o sujeito, agarrado aos braços da poltrona, nem sequer ergueu os olhos para ele.
– E a senhora, sabe de onde partimos? – indagou a uma mulher de meia-idade, de cabelos ruivos. Mas ela o ignorou como se ele não existisse.
– Sentem-se! – alguns gritavam.
– Mas onde? – disse Napoleão a si mesmo. – Não sei nem o número de minha poltrona!
A aeronave estava lotada, e não havia lugar para os dois passageiros que estavam de pé. O cérebro de Napoleão entrou em estado de alerta máximo. Seu fluxo sanguíneo aumentou ainda mais, seu coração disparou como um cavalo selvagem, seus pulmões perderam a serenidade. Jamais ficara tão perturbado. De repente, o homem de cabelos grisalhos, caminhando com

inacreditável equilíbrio num avião instável, se aproximou de Napoleão. E, em vez de aquietá-lo, colocou combustível em seu caos emocional. Sua voz era imponente, mas branda.
– Eu o trouxe aqui.
No exato momento em que disse essas palavras, a turbulência começou a ceder. Todos respiraram aliviados, mas não Napoleão, que levou um susto com a afirmação. Virou-se para trás como se estivesse diante de um terrorista.
– Você me trouxe aqui? Como assim? Não o conheço!
– Mas eu o conheço muito bem – disse o estranho, convicto.
– De onde me conhece? É um dos meus eleitores?
– Ou um dos seus opositores…
Ao ouvir essa palavra, o político deu um passo para trás, dando a deixa para o idoso ironizá-lo.
– Sempre pensando em política. Sempre vestindo um personagem, homem.
Teve apreço em usar a palavra “homem” no final da frase, como se Napoleão representasse uma massa de seres humanos que amava a maquiagem mais do que o conteúdo. Napoleão ficou intrigado com a resposta. Era um especialista em colocar jurados e promotores contra a parede quando se pronunciava no fórum, e também seus adversários políticos. Entretanto, agora fugiam-lhe os argumentos. Sob as chamas da tensão, perguntou:
– Quem é você?
– Nunca pergunte quem sou se não sabe quem é.
– Como me trouxe aqui? E com que autorização?
– Com que autorização? Ora, com a sua. Estou saciando sua sede.
– Sede de quê?
– Você cuspiu em meu rosto e me desafiou – falou o estranho com sua poderosa voz.
– Eu? Está maluco!
– Estou levando-o para uma longa viagem.
Napoleão, recuperando seu habitual ar de arrogância, reagiu:
– Mas que loucura é esta? Você sabe quem eu sou?
Queria mostrar que era um poderoso político. Mas o misterioso personagem cortou sua intenção pela raiz.
– Senhor Napoleão Anacleto de Alcântara Filho, tenho certeza de que você mesmo não sabe quem é. Aliás, a casta mais profunda dos homens, da qual você não faz parte, conhece no máximo a sala de estar de sua mente.

* * *

Antes da carreira política, Napoleão era um dos mais respeitados e combativos advogados do país, um especialista em livrar réus de suas penas. Desde muito jovem o criminalista era contratado a peso de ouro. Eloquente, persuasivo, perspicaz, seduzia a todos com seus argumentos.

Certa vez, um rico empresário cometeu um assassinato porque, numa discussão, a vítima jogou um copo de água em seu rosto na frente de outras pessoas. O motivo era fortuito para um crime atroz. No dia da audiência, vendo que o notável promotor, o guardião da sociedade, dr. Mario Sergio, massacrara o réu, apontando sua alta periculosidade, seu enorme potencial para violência, acusando-o de, de forma fria, não se importar com a viúva e os filhos da vítima, Napoleão tomou uma atitude ímpar.
Ciente de que a condenação do seu cliente seria inevitável, pegou um copo d'água, bebeu alguns poucos goles e se aproximou dos jurados. Em seguida, provocou-os e elevou o tom de voz contra eles e, num gesto inesperado, atirou a água em seus rostos. Os jurados vestiram o manto da perplexidade, alguns ficaram irados.
Napoleão, observando seus semblantes, sem demora comentou:
– Desculpem-me pelo gesto, senhores jurados. Se ficaram indiferentes ao meu comportamento e à água que lhes atirei na face, condenem meu cliente à pena máxima, mas, se sentiram golpes de raiva e indignação, então experimentaram um pouco da emoção do meu cliente quando, numa discussão, a vítima jogou-lhe água perante uma plateia. Desse modo, entenderão que seu comportamento foi impensado, foi em legítima defesa da sua honra.
Façam justiça. Libertem este réu.
Capturados pelas ideias de Napoleão, cinco jurados dos sete votaram a favor da sua liberdade, embora anteriormente estivessem dispostos a condená-lo. Na saída, o promotor, que, embora confrontasse diversas vezes o criminalista, nutria admiração por ele, disse:
– Napoleão, sua astúcia beneficiou mais um miserável.
– Esses idiotas me pagam bem. – Foi sua lacônica resposta.
– Mas vale a pena ser o advogado do diabo?
– Dr. Mário Sérgio, ganhei neste processo o salário de cinco anos de um profissional notável como o senhor.
– E a sua consciência? Tem preço? Napoleão parou, respirou e depois disse:
– Só não defendo estupradores e traficantes.
– E os que estupram os cofres públicos?
– A Justiça serve para regular as relações da sociedade, abrandar o instinto humano, mas também serve para os advogados inteligentes ganharem a vida – argumentou.
– Mas…
– Atuo dentro da lei, dr. Mario Sérgio. Se me pagam com dinheiro legalizado, eu os defendo sem peso na consciência.
De repente, o prefeito da cidade, rodeado de pessoas, a trinta metros deles, gritou:
– Napoleão! – E se aproximou. Viu o promotor constrangido e disse para o criminalista: – Preciso falar sobre uma questão profissional com você.
– Sinto muito, prefeito, não converso de trabalho em lugares abertos. Marque um horário e nos vemos no meu escritório.

Deu as costas para o político e saiu conversando com o promotor. Todos tinham de respeitar a agenda do jovem advogado, não importando o poder que tivessem. A saúde e a liberdade são os dois bens mais caros para os mortais, o que faz médicos e advogados serem pagos a preços altíssimos. Napoleão podia se dar ao luxo de escolher seus clientes, em geral os mais endinheirados. De cada dez que o procuravam, descartava cinco.
– Defenderá mais um corrupto, doutor? Teremos outros embates – disse o promotor, referindo-se ao prefeito.
– E ainda posa de celebridade – observou Napoleão, surpreso, porque vira as pessoas pedindo para tirar uma selfie com o político de caráter duvidoso.
– Um dia você vai cair nos braços da política, doutor.
– Vire essa boca para lá, dr. Mario Sergio. Políticos são funcionários públicos e, se forem honestos no decurso de seu mandato, apenas sobrevivem, não enriquecem.
– O vírus do poder ainda vencerá sua resistência.
As palavras do promotor seriam proféticas. O criminalista, respeitado por todos os partidos políticos, foi seduzido aos poucos.
Negou uma, duas, três vezes; na quarta vez, estava filiado a um partido. Mas colocou condições: “Só me filio se for indicado para me candidatar à prefeitura”. Sua cidade era belíssima, tinha quase um milhão de habitantes. E, claro, foi escolhido, deixando para trás antigos caciques do partido. Sangue novo na política, com a fama de ter um caráter forte e com a ajuda de sua brilhante oratória, Napoleão agradou ao eleitorado. Teve uma solene vitória, derrotando o prefeito – a quem ele havia livrado da prisão em sua tentativa de reeleição. Não hesitou em usar, para isso, métodos pouco éticos, inclusive fazendo insinuações em relação ao seu adversário:
– Se não fosse minha habilidade, certos políticos estariam mofando na cadeia.
Como prefeito, adotou uma postura centralizadora. Era um executivo que batia na mesa, que não admitia que a governabilidade saísse de seu controle. E também batia no peito, considerando-se ético, um celeiro de virtudes, incorruptível. Às vezes, perguntava, em seu gabinete, aos fornecedores da prefeitura: “Qual será minha comissão?”.
– Dez por cento – alguns falavam.
Imediatamente, se levantava e dizia:
– Você foi filmado e será processado. Caia fora do meu gabinete! Para muitos, Napoleão fizera um mandato digno de aplausos. Suas características o transformaram em um colecionador de admiradores e de inimigos. Implacável com seus adversários e autossuficiente, considerava em primeiro lugar sua própria opinião, em segundo também, e só em terceiro dava espaço para as pessoas que o assessoravam opinarem. Defendera tantos criminosos que sua emoção passara a ser irrigada por doses de paranoia. Sempre desconfiava das pessoas e das motivações que se escondiam atrás da cortina de seus sorrisos.

Depois, candidatou-se a deputado federal. Venceu. Foi um dos parlamentares mais atuantes na Câmara. Candidatou-se a senador. Venceu. Diante dessa coleção de vitórias, alguns de seus pares diziam: “Quem sabe você não será o próximo governador?”. Ele, sorrindo, respondia: “Não sonhem pequeno!”.

* * *

Todavia, o advogado ousado, o político notável, estava agora ofegante dentro de uma estranha aeronave, desnudado de seu poder, impotente diante do estranho que o abordava. Observou o paletó do velho, que parecia ter o volume de uma arma na altura da cintura.

Seria um desafeto querendo se vingar? Ou quem sabe… Por impulso, indagou ao estranho em tom mais baixo, para não causar pânico nos passageiros:
– Você é um ladrão?
– Assalto mentes egocêntricas e toscas, mas não o sou.
O experiente criminalista já vira muitas respostas intrigantes, mas nunca como esta. Atônito, perguntou:
– Sequestrador?
– Sequestro a ignorância, mas não o sou.
Que homem é este?, pensou. Logo após a resposta, as turbulências voltaram, embora mais brandas do que as primeiras. O cérebro de Napoleão tornou-se uma fábrica de inquietações. Acostumado a debates ardentes, a enfrentar adversários ferinos e a responder questionamentos argutos de jornalistas, agora estava sem voz. Tal insegurança era um terreno em que ele nunca havia pisado. Tanto que, certa vez, um senador, impactado com seu equilíbrio, o questionou: “O que o intimida, Napoleão?”. Sem titubear, ele respondeu: “Até aqui, nada”. “Nem a morte?”. Em mais uma de suas respostas históricas, daquelas que ficavam famosas na internet, disse: “Não tenho tempo para morrer”.
Mas, naqueles cálidos minutos na aeronave, sentia-se um menino desprotegido. Alguns passageiros, mesmo assaltados pelo medo, começaram a prestar atenção no embate dele com seu interlocutor. Outros, apavorados, suavam e faziam suas preces.
– O que você quer? Eu exijo, identifique-se – disse o advogado, tentando exercer sua força perante o homem que o tirava de seu ponto de equilíbrio.
– É estranho, homem. Certa vez você disse que medo não fazia parte do dicionário de sua vida. O que o perturba agora? A instabilidade desse avião; eu, um idoso; ou você, uma incógnita? – indagou o homem de cabelos brancos.
– Nunca o vi. Como sabe minhas palavras?

– Sei de coisas que nem imagina. Sei que os bajuladores o traem. Sei que você já disse 32 vezes que ia voltar a atuar apenas como criminalista. Sei que não consegue se livrar da dependência do poder.
– Você está me incomodando – reagiu Napoleão.
– Acalme-se, homem. Posso ser seu melhor amigo ou seu pior inimigo. Posso ser seu libertador ou seu carrasco. Depende de como me trata.
O político virou-se para ele e deu um sorriso regado de desprezo.
– Mas que poder tem um homem na sua idade?
– Se me desafia, testarei se suporta as turbulências da vida.
– Você é um contador de anedotas!
O velho suspirou com calma, abriu os braços como asas, levantou o direito e abaixou o esquerdo. Imediatamente, o avião fez uma súbita virada à esquerda, acompanhando o movimento. Gritos ecoaram pela aeronave. Napoleão, assombrado, tentou se segurar
como pôde. Passado o susto, colocou as mãos na cabeça, abrindo e fechando os olhos para ver se tudo aquilo era real. Nunca fora tão testado.
– Só pode ser um pesadelo!
– Pode ser o pior deles. Depende de como você se comporta nessa jornada.
– Que viagem é essa? Para onde estamos indo?
Mas o estranho se calou. Napoleão olhou ao redor, aquele avião, aquelas pessoas, tudo parecia tão sólido, mas, ao mesmo tempo, tão surreal. “Será que estou delirando?”, pensou. Deu alguns murros nos compartimento de bagagens. Sentiu dor.
Então o homem tocou o ombro de Napoleão, e ele, como se saísse do interior da aeronave, foi transportado para um lugar insólito, isolado e intensamente frio: as geleiras do Polo Norte.
Estava sozinho diante da brancura que se estendia como lençol diante dos olhos.
O advogado sentiu-se alvejado por rajadas de ventos cortantes. Contraiu sua musculatura e encolheu seu corpo pelo frio insuportável que o abatia. Seu cabelo liso e escuro ficou grisalho de neve. Em minutos poderia morrer congelado. Passou as mãos na cabeça, sentiu a umidade da neve e, com esse gesto, retornou à aeronave – ou nunca saiu dela, não sabia. Teve calafrios, não pela temperatura do seu corpo, mas da sua mente. O homem que detestava incertezas não se conteve. Perguntou batendo o queixo, agora com reverência:
– Por acaso você é Deus?
O estranho meneou a cabeça dando uma resposta negativa.
– Quem sabe… o diabo?
O enigmático homem sorriu com ironia.
– Deus e o diabo sempre foram usados para as explicações ingênuas.
– Você é um mago? Um bruxo?
– Superstição! Ah, o velho veneno que entorpece mentes torpes… – suspirou.
– Está me chamando de superficial?

– Apenas tirando o verniz de sua arrogante intelectualidade.
– Você está me ofendendo!
– Não, você está se enxergando!
– Você foi contratado por adversários para me desestabilizar?
Só pode ser.
O estranho meneou a cabeça.
– Políticos, tão lúcidos, tão paranoicos! Atiram para todos os lados para acertar um alvo.
– Quem é você? – indagou novamente. – Ninguém me desestabiliza!
Desde o início de sua espetacular carreira como homem público, colocou-se como um defensor irredutível de seus valores.
Deputados, senadores e governadores o consideravam o rei do autocontrole.
Mas o monarca estava à beira de um ataque de nervos.
Cerrou os punhos, prestes a esbravejar, mas o pavor de alguém filmá-lo perdendo o equilíbrio e postar o vídeo nas redes sociais o levou a se segurar.
– Parabéns. A maquiagem social prevaleceu – disse o velho.
– Meu Deus. Estou surtando, morto, sonhando, sei lá!
– Opções interessantes – afirmou o estranho. – Eu ficaria com a primeira.
Ao ser chamado de louco, Napoleão perdeu as estribeiras.
Esqueceu os olhares dos passageiros e rebateu em voz alta:
– Sabe que sou uma autoridade? Sabe que posso liderar meu país?
Mas o estranho, em vez de se intimidar, aproximou-se de Napoleão, ficando face a face.
– Ninguém pode ser um grande líder se não consegue liderar sua aeronave mental. Como pretende gerir uma nação, se não pode sequer gerir seu orgulho?
Napoleão empurrou o estranho, que quase caiu.
– Quantas vezes você me discriminou, me maltratou, homem!
– Eu? Você está debochando da minha cara! – disse, tentando se lembrar dos criminosos que defendera. Em seguida pegou-o pelo colarinho.
– Perdeu o controle? Você precisa de um exame psiquiátrico.
– Não preciso, o povo é meu atestado.
– O povo é soberano, sem dúvida, mas, em tempo de estresse político e econômico, os eleitores rebaixam sua consciência crítica, procuram salvadores da pátria, podendo eleger sociopatas. O povo votou em Hitler, um homem tosco, rude, radical, que, anos antes de ser chanceler, já havia dito, numa reunião do partido nazista, que quase um milhão de crianças alemãs portadoras de deficiência deveriam ser eliminadas. A necessidade neurótica de poder que alguns líderes têm os tornam especialistas em falsas promessas e falácias.
– Não tenho necessidade neurótica de poder.
– Você é uma piada! Nem sequer conhece o vírus que o infecta.
– Eu o processo! Meto-lhe no cárcere – falou o advogado, dando as costas.
Saiu pelos corredores, fugindo do homem que o perturbava. Tentava

encontrar uma poltrona, um lugar para descansar sua mente, mas todas estavam ocupadas. O velho seguiu seus passos.
– Ah, o brilhante criminalista que livrou os maiores crápulas do cárcere quer me levar às barras da Justiça. Aliás, você já me processou muitas vezes! – ironizou o idoso.
– Está blefando!
– Queria estar. Usei pessoas para alertá-lo e você covardemente quis metê-las na prisão. Só não sei como Débora o suporta.
– Não coloque o nome de minha esposa em seus lábios.
O idoso, com sua incrível capacidade de raciocinar e sintetizar, mostrou a incoerência do advogado.
– Seja coerente, homem. Num momento me reverencia como a um Deus, noutro quer me encarcerar como a um inimigo. Os que têm depressão bipolar são dignos de respeito, mas os que têm um
raciocínio bipolar são manipuladores.
Perturbado, Napoleão sentiu os lábios tremendo pela ansiedade. Os dois pareciam estar num coliseu, travando um combate mortal.
– Não sou bipolar. Sou um homem estável, minhas opiniões são…
– Imutáveis, eu sei!
– Não coloque palavras na minha boca! Sou flexível, um democrata – falou, ríspido.
– Mas os democratas não deveriam dissimular, manipular, trapacear!
– Eu sou transparente. Por acaso está me colocando no banco dos réus? – esbravejou.
– Os hipócritas são mestres dos disfarces.
Napoleão cerrou os punhos, mas caiu em si.
– Mas o que estou fazendo? Você não merece meu tempo.
Tenho milhões de eleitores.
– Há exatos oito dias, às 9h30, nos corredores do Congresso Nacional, você conversou com o líder de um partido que há tempos pedia para apoiá-lo. Ele deu as cartas: “Ok, Napoleão, vamos apoiá-
lo, mas exijo um ministério se você for eleito”. Você afirmou:
“Certamente! Apoie-me e juntos governaremos o país!”. Ele saiu eufórico, e você balbuciou: “Idiota!”. Que nome você dá a este comportamento?
Napoleão perdeu a cor. Virou-se e indagou:
– Como você sabe disso?
– Conheço seus segredos, homem.
Em seguida o estranho olhou para o teto da aeronave, como se tivesse procurando o espaço sideral, e meneou a cabeça, desapontado.
Vírus com várias cepas
A comissária de bordo, uma mulher bela e, em geral, serena, não suportou ver os dois homens se digladiando e desrespeitando as normas de segurança. Aproximou-se deles, nervosa.
– Não ouviram minhas advertências? Sentem-se e apertem os cintos. Há sinais de novas turbulências pela frente.

O idoso tomou a frente e disparou:
– Não me culpe, senhorita. Este homem está confuso. Estou tentando organizar seu raciocínio.
– Organizar meu raciocínio? Você está me enlouquecendo! Esgotando-me, testando-me, massacrando-me!
– Está vendo, senhorita. Esse sujeito não está normal. Sente-se perturbado diante de um pobre homem como eu.
– Pobre homem? Você é uma bomba-relógio.
Quando ele falou em bomba, a comissária colocou as mãos no rosto, assustada, e várias pessoas que o ouviram começaram a gritar.
Tentou colocar panos quentes.
– Fiquem tranquilos – disse para os passageiros –, usei uma metáfora.
O idoso sorriu e falou, baixinho:
– Bipolar. Causa pânico e depois pede calma.
Napoleão sempre demonstrara para juízes, promotores, jurados, bem como para seus pares, uma segurança inabalável.
Agora, sentia-se fragilíssimo num tribunal a céu aberto, como réu diante de um promotor fisicamente frágil, mas, ao mesmo tempo, poderosíssimo. Um homem que dissecava como um habilidoso neurocirurgião as camadas mais íntimas de sua personalidade. Uma nova onda de turbulências o desequilibrou.
– O que está acontecendo com este avião?
– Estamos passando por uma sequência de tempestades – afirmou a comissária.
– Não se preocupe, sua tempestade mental é pior do que a que vem de fora.
– Cale-se – disse Napoleão, que em seguida voltou-se a ela: – Preciso de sua ajuda. Não me lembro de ter feito check-in. Não tenho nem cartão de embarque.
– Como assim? Ninguém pode embarcar sem ter feito check-in.
– Eu fiz o check-in com a permissão dele – interferiu o estranho.
– Não conheço este homem, comissária. Livre-me dele, por favor. – Como isso parecia impossível, resolveu usar os passageiros contra o velho, aumentando o tom de voz e olhando para os que os ouviam: – Suspeito que ele seja um sequestrador ou um terrorista.
Quando ouviram essas palavras, os passageiros entraram em pânico. O tumulto foi tão grande que ninguém mais se entendia.
Lembrando que os terroristas de 11 de setembro de 2001 usaram aviões como armas, três homens fortes agarraram o idoso, deitaram-no sobre o piso e o renderam. Segundos depois, com a boca sangrando, ele bradou:
– Já viram um velho ser um terrorista? Isso é coisa de jovens!
Ninguém deu atenção ao estranho, que, então, com uma força incomum, soltou-se dos homens, levantou-se e os golpeou. Em seguida, bradou:
– Revistem-me! Vejam se trago uma bomba colada ao corpo, ou uma arma escondida em meu casaco. Vi muitas guerras, mas amo a paz. A única

bomba que trago, queridos passageiros, é a do amor, e, para alguns egocêntricos, a do autoconhecimento – disse, voltando-se para Napoleão.
Os três homens, perplexos com a força do velho, o apalparam com respeito. Nada acharam. Pediram desculpas e o soltaram. Um deles disse:
– De onde vem sua força?
– Se eu contasse, você não acreditaria.
O estranho voltou-se para o político:
– É insensatez fugir de mim, homem. Ninguém escapa das minhas mãos. Transformei reis em pobres súditos, enterrei ditadores e tornei ególatras em meninos.
Sentindo-se apequenado e destituído de forças, o criminalista lembrou-se das técnicas que usava para defender os réus. Precisava usá-las com honestidade. Respirou com calma.
– Desculpe-me por agredi-lo.
– Você agrediu a si mesmo. O ser humano não precisa de predadores para assombrá-lo, ele é tão complexo que os constrói em sua mente.
Napoleão entendeu o recado e anuiu. E, dessa vez, pediu com humildade.
– Por favor, não brinque com minha boa-fé. Já que me acusa de não ser transparente, haja você com transparência. Seja honesto.
Qual é seu nome?
– Pode me chamar de H.
– H? Só isso? Quero nome, sobrenome, profissão.
– Você quer saber demais para quem se conhece tão pouco.
Nome H, sobrenome Tempo, profissão professor.
– Professor?
– Você despreza os mestres?
– Mas mestre do quê?
– De sanidade para os loucos, de crítica para os pensadores, de sabedoria para os ignorantes, de alegria para os abatidos… A lista é grande.
A comissária estava perdida com a conversa entre eles. Vendo que não entrariam em acordo, insistiu:
– Sentem-se, por favor, só se levantem quando o comandante retirar o sinal de alerta
– Mas não há poltronas para nos sentarmos – comentou Napoleão.
– Como não? Há duas poltronas vagas cinco fileiras à frente.
Napoleão ficou confuso.
– Mas circulei pelo avião e todas estavam ocupadas. Será que foram ao banheiro?
– Ninguém se levantou nessa turbulência – ela afirmou.
Enquanto caminhavam até a poltrona, H cantarolou o refrão de New York, New York.
– É a música que você e Débora amam. Ela me trata melhor do que você.
– De onde conhece minha mulher? – indagou, virando o pescoço.
H não respondeu, apenas sorriu. Napoleão relaxou, também expressou um suave sorriso no meio de sua turbulência emocional.

O político começou a caminhar em direção à poltrona indicada pela comissária, mas H interrompeu seus passos, tocando suas costas:
– Olhe para essas duas pessoas. O que você vê nelas?
Eram dois irmãos de meia-idade, usando roupas simples.
Viajavam com as economias que haviam feito nos anos anteriores.
– Não vejo nada demais. – E continuou andando.
H perdeu seu ar de mestre. Irritou-se.
– Como não? São seus patrões!
– Não sou empregado de ninguém.
– Você não é um político?
– Sim. Sou um senador – falou, com uma pontada de orgulho.
– Os contribuintes pagam seu salário. Como senador, você é um simples empregado da sociedade. Deve se emocionar diante dos contribuintes, se curvar perante eles.
– Você só pode estar brincando…
– Napoleão? – Disseram os passageiros que H apontara.
– Mas vocês falam minha língua?
– Claro, somos seus eleitores.
– Obrigado – disse, sem emoção, seguindo seu caminho pelo corredor do avião.
Alguns passos à frente, H comentou:
– Seus patrões não o fazem mais suspirar.
– Espere, senhor. Um empregado não toma decisões que contrariam seus patrões. Um político sério, não populista, tem de
tomar medidas impopulares para corrigir erros da máquina pública.
– Parabéns, homem – disse H.
– Elogiando-me? Que surpresa!
– Elogio quando você merece, e merece pouco. Tomar medidas impopulares, mas corretas, não o isenta de ser um simples empregado do país. Só é digno do poder quem usa seu cargo para servir à sociedade, e não para ser servido por ela. Você ama ser o centro das atenções. São detestáveis os políticos que posam como deuses, e não como os serviçais que são. Você, em particular, está drogado pelo poder.
– Com que base você me acusa? – interrompeu Napoleão.
– Seus comportamentos confeccionam minha peça jurídica. A corrupção é um vírus com várias cepas. É possível não subornar com dinheiro, mas subornar com cargos.
O político engoliu saliva. Essas palavras foram o passaporte para que viajasse no tempo. Lembrou-se de quando era um simples advogado, iniciando a carreira, valorizando cada humilde cliente.
Lembrou-se da primeira vez que se candidatou a um cargo público.
Cada eleitor era um rei para ele. Apertava as mãos de todos com respeito, conhecia não poucos pelo nome, tinha tempo para bater um papo nos cafés.
Vendo Napoleão pensativo, e sabendo que ele estava fazendo autocrítica, acrescentou mais fervura na sua emoção.

– O sucesso é mais difícil de ser trabalhado que o fracasso. O risco do sucesso é aquele que o alcança se você se tornar vítima dele.
– Você me espanta, H. Consegue ler a minha mente?
H ignorou a pergunta.
– À medida que você subiu na carreira política, decresceu em humanidade. Você abraçava idosos nas ruas, tinha tempo e alegria de escutar suas queixas. Mas pouco a pouco seus eleitores se tornaram números, e você se encastelou, como um miserável morando em palácio. Você está doente, homem.
Napoleão, de fato, já não se alegrava quando alguém o reconhecia. Não precisava mais de um simples eleitor, mas de milhões. Muitos queriam fazer selfies com ele, mas sentia que invadiam sua privacidade. Tornara-se técnico, frio, distante. Só recebia presidentes de entidades de classes, grandes empresários, celebridades, políticos de destaque. A preocupação com sua imagem asfixiou sua saúde, seus filhos, sua mulher, sua liderança.
H usou a história da ciência para questioná-lo.
– Responda-me: em que época da vida ocorrem as mais importantes descobertas científicas? Na maturidade do pensador, quando vive de aplausos, ou em sua juventude?
– Nunca pensei sobre isso.
– Pois eu lhe digo: Einstein tinha 26 anos quando desenvolveu os fundamentos de sua teoria. Na matemática, as grandes descobertas foram realizadas por pesquisadores que não passavam dos vinte e poucos anos. Quando o reconhecimento chega, contrai-se a inventividade dos pensadores. E você? Quem perde o romantismo político e a paixão de mudar o mundo deve cair fora da política. Caia fora, homem.
– Mas sou candidato à presidência do meu país. Tenho chances reais de ganhar! – disse, com altivez.
– Seu coração está errado, sua motivação está infectada, seus sonhos estão doentes.
– Se estou assim, como estão meus adversários?
– Esqueça-os, você está na mesa de operação. É o seu câncer que está em jogo. Você é um pai alienado, um marido insensível e um filho irresponsável. Se você não consegue ser um bom ser humano, como vai governar outros seres humanos? Respostas inteligentes são dadas por seres humanos, e não por máquinas políticas, máquinas de governar.
Napoleão tinha um belíssimo apartamento que comprou quando atuava como criminalista. Sua cama era king size, enorme e macia, mas ele não descansava. Acordava à noite como um zumbi e não dormia mais. O jardim era espetacular, mas não tinha tempo para as flores. Tinha os mais diversos pratos sobre a mesa, mas engolia os alimentos, não desfrutava. Vivia num cárcere privado.
– Estou confuso. Você tirou meu chão, abalou meus ossos, fragilizou minha musculatura. Vamos nos sentar.

Mais eis que as poltronas estavam ocupadas por um casal de idosos.
Intrigado, perguntou:
– Vocês estavam no toalete?
– Não, nunca saímos da poltrona.
– Mas…
– Esqueça suas dúvidas. Encoste na cabeça deles.
– Não tenho essa liberdade – disse, preocupado. Todavia, os velhos o encorajaram.
– Fazemos questão de que você faça o que sugeriu este senhor.
Ele tocou a cabeça do homem primeiro, e imediatamente as janelas do seu passado se abriram. Recordou quando era pequeno e se sentava aos pés de seu avô. Ele contava-lhe histórias magníficas.
– Agora toque na cabeça da senhora – disse H.
Ela se curvou para que Napoleão a alcançasse. E ele lembrou-se de sua avó, uma espanhola que cultivava frutas no quintal.
Lembrou que colhia uvas com ela e ficava com a boca toda suja durante a colheita. Recordou ainda de quando teve sarampo. Cheio de pústulas, todo empipocado, chorava muito, e sua avó passava um pano úmido no seu corpo para aliviar a dor. Chamava-a carinhosamente de Bia. Crescera debaixo do afeto dos avós.
– Que belas recordações.
– Infelizmente, você enterrou seus avós vivos.
O homem frio, austero, debatedor, que não tinha tempo para chorar, se emocionou. H tinha razão.
Seu amável avô ficou internado três meses num hospital antes de morrer. Napoleão já era prefeito, mas só o visitou uma vez, e por dois minutos. Entrou e saiu do mesmo jeito. Em seguida, entrou em reunião com os diretores do hospital para discutir a saúde municipal.
Sua querida avó, dez anos depois da morte do marido, teve Alzheimer. Ficou dois anos com o raciocínio comprometido.
Chamava dia e noite pelo neto mais especial, mas Napoleão não tinha tempo a perder. Já era um famoso senador. Visitou-a duas vezes, uma
por três minutos e outra por quatro minutos. Essas recordações geraram o velho fantasma da culpa. Tentou disfarçar seus sentimentos.
Ao olhar novamente para os idosos, eles tinham os rostos dos seus avós.
– Vovô, vovó!
Eles pegaram nas mãos dele e disseram, emocionados:
– Nós nunca nos esquecemos de você, querido.
– Não é possível – disse, perplexo, voltando-se para H.
Quando voltou a olhar para o casal, não reconheceu seus rostos.
Foi a deixa para H se manifestar:
– Os líderes de sucesso fracassam quando deixam as pessoas mais queridas pelo caminho.
– Culpa, esse velho fantasma que me assombra! – lamentou Napoleão. Era a primeira vez que admitia seus débitos emocionais.

– A psiquiatria tem moléculas para tratar de depressão, mas não tem moléculas para tratar do sentimento de culpa. Só você pode se perdoar e se reinventar.
Napoleão ficou pensativo.
– É isso… Você é um psiquiatra.

* * *

Napoleão tinha aversão a psiquiatras. Era um homem de caráter forte e emoção inabalável. Certa vez, na primeira reunião com senadores e deputados para falar da campanha para presidente, foi sabatinado sobre alguns pontos. Um deputado, vendo sua determinação, perguntou:

– Você nunca ficou deprimido?
– Depressão é coisa de gente desocupada – falou, sem titubear.
A plateia deu risadas. Por viver na superfície da emoção, não sabiam que um bilhão e quatrocentos milhões de pessoas cedo ou tarde desenvolverão o último estágio da dor humana, uma depressão.
Cerca de 20% daqueles líderes atravessaria seus vales.
– Nunca foi a um psiquiatra? –– indagou o deputado, que já tivera ataques de pânico.
– Eles é que vinham atrás de mim quando eu atuava como criminalista. Tratei de vários deles – brincou, como se estivesse protegido contra qualquer tipo de transtorno psíquico.
– O pior louco é o que não reconhece suas loucuras – comentou uma deputada.
– E o pior juiz é o que prejulga sem conhecer o réu e os fatos – rebateu Napoleão, com segurança.
Calisto, um senador que era amigo e admirador do candidato, considerou:
– Você parece implacável em seus propósitos.
– Só me curvo quando falho. Como quase nunca falho, passo a imagem de implacável.
Mais risadas na reunião.
– Sua segurança parece inabalável. Você é forte ou disfarça seus sentimentos?
– Não sou perfeito, mas fui prefeito – brincou, fazendo trocadilho, e completou: – Mas o medo não faz parte do dicionário de minha vida.
Foi aplaudido. Tinham um candidato com caráter único, destemido, decidido, perspicaz, culto, rápido nas palavras, que não se dobrava quando questionado. Era impossível estar perto dele e não ter uma dessas duas reações: amá-lo ou odiá-lo.
Reencontro com o passado
Quando Napoleão questionou a H se era um psiquiatra, ele apenas afirmou:
– Conheço todos os psiquiatras do mundo, seus acertos e seus defeitos, bem como as suas teorias, mas não o sou. Posso ser um poderoso instrumento dos sábios.

– Que mistério é esse? Como consegue fazer com que as pessoas se revelem num toque?
Nesse momento, as turbulências retornaram. Um jovem de cerca de vinte anos se levantou, assustado. Estava a três poltronas de Napoleão. O rapaz estava com vertigem, suava frio, seu coração parecia sair pela boca.
– Aquele jovem está mal. Vou ajudá-lo.
– Não o toque – pediu H, puxando-o pelo braço.
– Como não? Você é tão altruísta. Por que impedir-me?
– Deixe ele mesmo se superar.
– Num momento você parece o mais gentil dos homens; noutro, o mais rigoroso – disse Napoleão.
– Se tocá-lo, esta aeronave poderá despencar.
– Bobagem.
Quando se aproximou do rapaz e o tocou, o rosto dele se transfigurou, parecia um monstro. Atacou Napoleão com violência, como se quisesse exterminá-lo. O político gritou:
– Socorro!
Ao mesmo tempo em que a luta era travada, a imensa aeronave inclinou-se em direção ao solo. Houve pânico geral, mais do que no momento das turbulências iniciais. Muitos gritavam:
“Vamos morrer!”. Máscaras de oxigênio caíram. Estavam nos instantes finais de suas vidas.
A inclinação da aeronave fez com que Napoleão perdesse o equilíbrio e se soltasse do jovem que o atacou. H estava caído no solo, e Napoleão esbarrou nele sem querer. Quando construíram uma
ligação física, a aeronave começou a recuperar sua estabilidade. Ao mesmo tempo, o jovem foi recobrando sua face normal e se acalmou.
E, para a perplexidade de todos, voltou ao seu lugar. Passado o susto, duas poltronas estavam, agora, disponíveis, e ambos se sentaram, um ao lado do outro. Napoleão estava esgotado, precisava descansar.
Só o corredor o separava de H.
– Meu Deus, o que aconteceu? Por que ele me atacou? E que ligação ele tem com o avião? – perguntou Napoleão, quase sem voz.
H ficou em silêncio por alguns segundos e depois comentou:
– Cuidado, nesta aeronave há mais cárceres do que nas grandes cidades.
– Mas qual a explicação?
– Cada resposta é o começo de novas perguntas.
Foi quando um menino, chorando, chegou ao lado de Napoleão e pediu:
– Converse comigo. Não me abandone.
Napoleão teve medo de falar com ele e outro desastre acontecer. Estava rígido como uma múmia.
– Cuidado! – disse H, e Napoleão se recolheu todo. –
Brincadeira, converse com ele.
– Mas quem é você, menino? – quis saber o político.
Com lágrimas nos olhos, ele enfatizou:

– Não se lembra de mim? Subíamos em árvores, soltávamos pipas, corríamos pelos campos.
– Mas não o conheço – afirmou Napoleão.
– Não reconhece o Generaldo?
– Esse era meu apelido quando criança.
Napoleão era mandão desde criança. Por isso seu apelido era Generaldo, um nome inspirado em “general”. De repente, a imagem do garoto de oito anos era a imagem do próprio Napoleão quando menino. Ao dizer essas palavras, a criança abaixou a cabeça e foi-se triste.
– Espere – Napoleão disse.
A criança virou-se, mas já não tinha uma face semelhante à
dele. Emocionado e, ao mesmo tempo, perturbado, Napoleão questionou H sobre esse episódio.
– O que isso significa isso?
H não respondeu. Apenas apontou duas fileiras à frente e comentou:
– Olhe para aquela jovem. Ela está no preâmbulo da vida. Mas já tem grandes cicatrizes. Sua mãe está com câncer, internada num hospital. Ela tem um namorado insensível, que não a apoia, só explora seus sentimentos. Morre de ciúme dele. Supliquei-lhe para não se submeter ao controle dele. Mas pergunte se ela me ouviu. Ela está perdendo as duas pessoas que mais ama. Pior, ela está se perdendo.
– Como você sabe disso? Como saber se tudo o que está relatando não é um surto psicótico? – questionou Napoleão.
Mas, para seu assombro, H confirmou sua suspeita.
– A humanidade sempre viveu um surto psicótico. Mortais fazendo guerras não é psicose? Diferenciar dois planetas psíquicos, dois seres humanos, pela fina camada da cor da pele não é loucura?
Fazer falsas promessas para ganhar um pleito é, por acaso, um exemplo de sanidade?
Nesse momento, um homem começou a gritar com sua mulher, três poltronas atrás da fileira das deles.
– Você não me apoia! Vive alienada!
– Acalme-se, querido!
– Não me chame de querido. Estou cansado de carregar um peso morto.
– Mas eu te amo! – disse ela, e começou a chorar.
Napoleão foi atraído para aquele diálogo. Não perguntou para H os perigos que correria. Se aproximou dos dois e ficou perplexo.
Era a imagem dele e de Débora nos primórdios de sua carreira política.
O marido insensível foi cruel.
– Lágrimas de crocodilo! – e, apertando seus pulsos, afirmou: – Não sei porque ainda estamos juntos. Você atrapalha meus
planos.
– Nunca o traí, sempre lutei pelo nosso casamento – afirmou ela, aos prantos.
H se levantou e perguntou para Napoleão:

– Quer ajudá-los?
– Mas somos minha esposa e eu há dez anos.
– Se não ajudá-los, todos morreremos.
Nesse momento, o pranto de Débora ressoou mais forte.
Muitos passageiros ouviram, mas ninguém ousou intervir.
– Você não é um advogado, o brilhante candidato à presidência? Aja, homem! – instigou H. Mas Napoleão estava paralisado. – Quer resolver os problemas do seu país e não consegue solucionar pacificamente os conflito de um casal?
Quando Napoleão começou a falar com ele mesmo, o homem que era ele dez anos atrás levantou-se e deu-lhe um soco. O político caiu para trás, ao lado de H. Ficou possesso de raiva. Teve vontade de jogá-lo para fora do avião. Mas como? Era ele mesmo. De repente, o avião começou trepidar com mais força.
– Insista. Tente controlá-lo que você controlará a aeronave – afirmou H. – Elogie primeiro quem erra e depois aponte seu erro. Assim ele pensará de forma crítica.
– Elogiar esse… esse… – começou Napoleão, mas foi em frente: – Desculpe-me pela intervenção. Vocês formam um casal tão bonito. Mas um homem inteligente deve tratar as mulheres com inteligência. O agressor se acalmou, e Débora lhe disse:
– Obrigada. Você deve ser um excelente marido.
Ele não suportou:
– Débora, você não me reconhece?
Assim que terminou essas palavras, Napoleão notou que o rosto dela já não era o de sua mulher, nem dele o rosto do homem que a acompanhava.
O político ficou perplexo, sem entender nada. Foi se sentar.
– Como trata sua mulher?
– Trato-a muito bem.
– Não a espanca?
– Jamais!
Napoleão olhou para H e percebeu que mais uma vez ele caíra numa armadilha.
– Nem emocionalmente?
Vendo que Napoleão estava mudo, H comentou:
– Sábado passado, às 21h, você a deixou chorando. Uma reunião era mais importante que seu casamento.
– H, eu reconheço, sou um hipócrita! Mas, por favor, me proteja um pouco, você disseca meu cérebro sem anestesia.
Nesse momento, o voo voltou a ficar mais tranquilo. O político sentou-se na sua poltrona quase sem energia. Curioso, ainda teve força para questionar:
– Explique-me porque só recebo pancada neste avião.
– Descanse um pouco e depois conversaremos.

O piloto desligou a luz de advertência, indicando que as turbulências cessariam. Houve aplausos gerais. Os passageiros ficaram em êxtase. Parecia que a viagem seria tranquila dali para frente. Napoleão tirou um cochilo agradável.
Uma hora e quinze minutos depois, infelizmente, o pior drama se iniciaria. Os passageiros ouviram alguém batendo com força na cabine do comandante. As cortinas da primeira classe estavam abertas. Napoleão olhou para a frente e viu que o homem que esmurrava a porta da cabine era o próprio piloto. Os ocupantes da primeira classe começaram a ficar atônitos. Napoleão e H estavam na classe econômica. Ousados, foram os únicos que se atreveram a ir ver o que estava ocorrendo.
Chegando lá, ao ver o desespero do piloto, Napoleão teve a impressão de que seu coração sairia pela boca. Mais uma vez, a aeronave inclinou de maneira perigosa. O político notou que dessa vez o problema não era com ele, e isso foi o que mais o atormentou.
– O que está acontecendo? – indagou Napoleão ao piloto.
– Não sei. Fui ao banheiro, e o copiloto trancou a porta por dentro.
– Você não tem chave?
– Não! – disse ele, batendo na porta com desespero. – A porta não abre por fora para evitar ataques terroristas. Com essa inclinação, vamos nos chocar… – disse, descontrolado. E insistiu em bater. – Abra essa porta! Abra a porta, pelo amor de Deus!
De repente, a mente de Napoleão foi iluminada. Ele olhou fixamente para o piloto:
– Que voo é este?
– Não importa! Precisamos abrir essa porta!
– O que estamos sobrevoando neste momento?
– Provavelmente os Alpes franceses.
– Não! – Napoleão soltou um grito estridente. – Esta aeronave vai cair!
Napoleão se convenceu de que estava a bordo do avião A320, no voo JK 4U9525 da Germanwings, que caiu nos Alpes franceses matando as 150 pessoas a bordo. O voo partiu de Barcelona, na Espanha, em direção a Düsseldorf, na Alemanha. O copiloto, Andreas Lubitz, não era apenas depressivo, mas um sociopata que queria ser lembrado e usou seu suicídio para cometer um homicídio coletivo.
Não se colocou no lugar dos outros, não se importou com a dor de inocentes. O candidato à presidência se aproximava de seu fim.
Descontrolado, dizia a todos:
– Não é possível! Voltei no tempo. Esse voo ocorreu em março de 2015. –– E batia em desespero na cabine, sangrando seus punhos.
E então voltou-se para H:
– H, vamos morrer! – Depois voltou-se para si mesmo e, aos prantos, disse: – Meus filhos, minha Débora! Oh, meu Deus, me perdoe por tudo, me perdoe.

Enquanto navegava em céu de brigadeiro, o político transitava entre o ateísmo e a crença; agora, no apagar das luzes da vida, sem nada em que se apoiar, sua religiosidade acendeu-se. O aparelho cerebral de Napoleão entrou em alerta máximo. Enviava mensagens para o coração: “Acelere!”; aos pulmões, bradava: “Ventilem! Queimem todo oxigênio!”. Reações sofisticadas do corpo trabalhavam para que o espetáculo da existência não terminasse.

A vida é uma fonte de enigmas, e seus instantes finais são inimagináveis; as palavras são débeis, rudes e toscas para descrevê-los.

Forasteiro de si mesmo

Um dia antes de Napoleão, a bordo de um avião, viver o maior drama da sua história, ele já andava tenso, fatigado. Seu nível de tolerância a frustrações, que nunca fora alto, estava abaixo da média. O homem que acreditava nunca falhar não suportava a mínima contrariedade.

Tinha uma jornada de atividades de dezesseis horas, seu sono era de má qualidade, entrecortado, dormia no máximo quatro horas por noite.

Nos últimos tempos, ele estivera em ascensão nas pesquisas de opinião, ocupando agora o segundo lugar. Seu principal adversário, Carlos de Mello, estava em queda livre, o que aumentava a base dos indecisos. Eufórico com os dados, Napoleão foi à capital de um dos Estados mais populosos da nação fazer uma carreata. Ao final dela faria um discurso para uma multidão. Eram esperadas mais de cinquenta mil pessoas. E as expectativas foram atendidas.

Seu discurso para aquela massa de gente foi vibrante, entusiasmado, inspirador. Os constantes aplausos que interrompiam suas palavras levavam sua emoção à estratosfera. Seu cérebro parecia um planeta diminuto para um ego tão inflado. Suas últimas palavras foram tanto arrebatadoras como desafiadoras. Discursava como um pequeno deus.

– É tempo de pessoas honestíssimas e competentes assumirem o comando deste país! – A multidão irrompeu em aplausos. Napoleão continuou: – É tempo de os corruptos serem banidos do teatro da política. – Mais aplausos: – Desafio alguém a encontrar em minha biografia algo que deponha contra minha imagem de homem público! Se eu for eleito, esta nação mudará para sempre as páginas da sua história!

Somente um homem em meio às cinquenta mil pessoas não o aplaudia. Estava compenetrado, reflexivo, parecia meditar. Era o mais misterioso dos personagens: H. Com essas palavras, Napoleão terminou seu discurso, e os aplausos fluíram como um rio caudaloso. A embriaguez emocional contaminou a multidão.

Pareciam não saber que estavam diante de um ser humano que acordava fatigado, sofria por antecipação, tropeçava em pedras, reagia por impulso e era assombrado por seus fantasmas noturnos.

* * *

O político que inspirava multidões estava esmurrando a cabine de comando. Seus punhos sangravam, tentando de alguma forma dilatar sua breve existência. Num intervalo de vinte e quatro horas, saiu do ribombar dos aplausos para o inferno do pânico. O

homem que dizia que medo não fazia parte do dicionário da sua vida engolia suas próprias palavras sem digeri-las. Suplicava o perdão a Deus como um simples e imperfeito mortal. Todo ser humano cedo ou tarde beija a lona da sua tremenda fragilidade. Chegara a vez de Napoleão.

– H, faça alguma coisa! Você tem superpoderes! – Bradou, no ápice do desespero.

Pela primeira vez suplicou ajuda ao estranho personagem que penetrava nas camadas mais profundas de sua personalidade. Mas H sentenciou:

– Sinto muito. O autor da existência perdoa sempre; os seres humanos, algumas vezes; a história, nunca. Não se conserta o passado, só se corrige o presente.

O político, ao ouvir essas palavras, deixou de ser um Homo sapiens, abortou o pensamento, tornou-se um Homo bios, instintivo, animal, preparado para enfrentar, sem concessões, a situação de risco. Mas para onde correr? Não havia como sair dali, nem tempo para mais nada…

O avião se chocaria com os Alpes franceses em segundos.

Seria um amontoado de aço e de dor. Nesse momento, ouviu-se um estrondo ensurdecedor. Silêncio total, breu completo.

Instantes depois, o sol começou a desenhar a silhueta de um homem e, com indecifrável generosidade, revelou uma paisagem belíssima no horizonte, regada a vales e montanhas. Já não eram os

Alpes franceses, mas os vales da Toscana italiana.

A silhueta do homem foi se definindo, denunciando ser o próprio Napoleão. Estava no cume de uma montanha. Era tempo da colheita das uvas. Mulheres delicadamente cortavam os cachos roxos e os depositavam em cestas. As uvas seriam esmagadas, tal como os humanos pela vida; estes para destilar a sabedoria, aquelas para produzir o nobre vinho de Montalcino. No fundo, a vida é um vinho, às vezes ácido como vinagre.

Napoleão observava a paisagem fascinante que invadia sua retina. Atordoado, apalpou seu rosto, apertou seu peito, e se perguntou:

– O que está acontecendo? Estou vivo ou morto?

Não era sem razão sua perplexidade. O avião em que estava se chocara com violência. Não havia ninguém para lhe dar explicações, nem destroços para denunciar o acidente.

– Sou espectro virtual ou real? – Continuava a se perguntar.

Nesse momento, reapareceu o homem que o levara a fazer a mais incrível viagem. Como se saísse do nada, como se estivesse em todos os lugares todo tempo, H tocou-lhe o ombro e disse:

– Um dia, todos os mortais irão para a solidão de um túmulo, fecharão os olhos para a vida, mas ainda não foi sua vez.
– H! Você de novo? – Indagou, feliz: – Cadê a aeronave que se chocou contra o solo?
– Está aí.
– Aí onde? – perguntou Napoleão, olhando para o horizonte.
– Na sua cabeça.
– O quê? Você está brincando comigo? – disse, atônito.
– Você não estava numa aeronave de metal, mas na aeronave mental – explicou H.
– Impossível. Tudo o que vivi foi irreal?
– Não, tudo foi real.
– Como assim? – falou, pasmado, o político.
– Todos os personagens que você viu estão na sua mente. Não lembra? Você abandonou a criança que estava em você, feriu sua
esposa e a posicionou em segundo plano, colocou seus avós no rodapé da sua história.
Napoleão sentiu-se iluminado. Engoliu saliva. Colocou as mãos na cabeça e questionou a si mesmo:
– O que fiz com minha história? – Em seguida, lembrou: – E
o jovem que você pediu para não tocar…
– São seus arquivos traumáticos, as chamadas janelas Kil er.
Quando você entra nelas, dependendo do conteúdo, sente claustrofobia, pânico, raiva, ciúme, inveja, impulsividade, culpa.
Enfim, essas janelas traumáticas o fazem reagir sem pensar, como um animal, por instinto. Elas fecham o circuito da memória, aprisionando o Eu, sua capacidade de escolha.
– Então nossos traumas são cárceres! São arquivos sabotadores – analisou Napoleão. Estava começando a sair do superficialismo sobre a psique humana.
– Palavras que pais nunca deveriam dizer aos seus filhos, atitudes que casais jamais deveriam ter um com outro e reações que políticos não deveriam expressar são produzidas quando se instala a síndrome do circuito fechado. No cérebro humano há mais presídios do que na sociedade.
– Mas isso é chocante! Suas explicações abalam meus alicerces como político e, em especial, como criminalista. Eu sempre livrei criminosos dos cárceres, não apenas porque me pagavam a peso de ouro, mas porque esses presídios são escolas de crimes. Mas entendi que nunca os livrei dos seus cárceres psíquicos. E nunca imaginei que eu mesmo não era livre, que em minha mente há presídios piores do que os de concreto e barras de ferro. ––
Napoleão estava embasbacado. Colocou-se, pela primeira vez em 27 anos, desde que se formou na faculdade, na posição de aprendiz: – Tenho sede de mais explicações. Por favor, continue.
H tentou ser mais didático. Revelando seu poder, abriu as palmas de suas mãos e mostrou um cérebro em três dimensões na frente deles, num

formato gigante. Havia um personagem passeando alegremente pelos diversos circuitos cerebrais, como se estivesse
numa montanha-russa. Era o Eu (Self), o centro de comando da mente. O Eu não apenas viajava em velocidades altíssimas, mas pulava de um trilho para o outro, fazendo piruetas e malabarismos como o melhor de todos os acrobatas.
Em todas as áreas em que o Eu passeava, ele pegava alimentos ou informações e os ingeria. Desse modo, formava os pensamentos e as emoções. Mas, como a velocidade de nutrição era rápida, os pensamentos e as emoções que ele produzia com frequência eram superficiais, como impulsividade, agressividade, golpes de raiva, respostas impensadas. H ainda comentou que no mundo físico tudo o que era acelerado aumentava a produtividade, mas no mundo mental acontecia o contrário. O diálogo, a troca, a produção das artes têm de ser lentos e profundos. A produção acelerada dos pensamentos esgotava o cérebro e trazia sérias consequências, como fadiga, irritabilidade, impaciência, dores de cabeça, esquecimento.
As viagens do Eu, aceleradas ou não, eram tão complexas que precisavam de copilotos para facilitar sua navegação e evitar seus acidentes. O primeiro copiloto se chamava Gatilho da Memória; o segundo, Âncora da Memória; e o terceiro, Autofluxo.
Napoleão demonstrou notável admiração pelas imagens cerebrais que contemplava.
– Sem esses copilotos, o Eu não pilotaria a mente.
– Sem dúvida – afirmou H. – Mas, ao mesmo tempo que esses copilotos auxiliam o Eu em suas tarefas delicadíssimas de passear pela memória e nutrir-se com dados, eles podem perder suas funções saudáveis e colocar o Eu em queda livre, como aconteceu com sua aeronave mental.
– Incrível. Nunca imaginei conhecer a mente humana nessa perspectiva. Sou um forasteiro em minha própria personalidade –
concluiu de forma inteligente o político.
– Você disse que medo não fazia parte do dicionário de sua vida. Mas nos porões de sua mente há muitos fantasmas capazes de assombrá-lo querendo vir à tona. E talvez o pior deles seja o medo de se conhecer.
Napoleão estava paralisado.
– Quer que eu continue ou basta? – Instigou H.
– Continue, continue – falou, apressado, o homem que estava fazendo a mais fascinante jornada que um ser humano deveria empreender em sua breve existência. Uma jornada que poucos se atreviam a fazer.
– Você tem de saber que o Eu é “cego” e a memória é um calabouço escuro.
– Como é possível?
– Metaforicamente, a tarefa do Eu é tão complexa que equivale a sair de uma extremidade a outra na cidade de Nova York em milésimos de segundos, de olhos vendados e sem esbarrar em nenhum obstáculo.

– Mas é uma tarefa impossível circular cegamente por toda cidade sem esbarrar em nenhum carro, parede, pessoa, não?
– Mas na mente humana esse fenômeno ocorre milhares de vezes por dia, embora seja passível de vários acidentes. Reitero: o mais complexo dos pilotos, o mais excelente acrobata, enfim, o Eu entra nos porões da memória para resgatar informações tateando-as, mas o faz em altíssima velocidade. Mas como ele cumpre sua magna tarefa de pilotar a aeronave mental e realizar o sofisticadíssimo ato de pensar? Cumpre com o auxílio de copilotos super-habilidosos que estão no inconsciente. Freud descobriu o inconsciente, mas não estudou esses fenômenos.
H explicou o inconsciente usando uma metáfora. Disse que, diante de um estímulo qualquer – som, imagem, ou até mesmo droga ou pensamento –, o primeiro copiloto, o Gatilho da Memória, é acionado, abrindo os circuitos do cérebro para o Eu, o piloto, transitar. Depois, a Âncora da Memória, o segundo copiloto, como um excelente guarda de trânsito, dá sinais para o Eu estacionar numa região que contém um grupo de arquivos ou janelas da memória.
O Eu, portanto, interrompe seu curso e se nutre calmamente, fazendo uma dieta mais profunda de informações do que aquela que faz quando está num ritmo acelerado. É neste momento que o Eu
produz raciocínios mais complexos, ideias estratégicas, pensa antes de reagir, coloca-se no lugar dos outros.
Mas, muitas vezes, o Eu tira um cochilo, coloca a aeronave no piloto automático. Na realidade o piloto automático é o terceiro copiloto, o Autofluxo, que se fixa num grupo de janelas e começa a produzir fantasias, imagens mentais, pensamentos. Como o Autofluxo não tem autocrítica, sua produção é aleatória, pode tanto inspirar o ser humano como encarcerá-lo e fazê-lo adoecer, produzir ideias fixas, obsessões, fobias, compulsão pelas drogas.
– Então, se o Eu não faz um pit stop, não se fixa nos arquivos, produz muitos pensamentos superficiais – concluiu Napoleão, iluminado.
– Exatamente. Não tem foco. Começa muitas coisas e não termina. Fala muito e não diz nada. Quem vive estressado atira para todos os lados, pensa muito, mas é pouco eficiente. Além disso, atropela todo mundo, não tem tolerância com pessoas mais lentas. E
ainda por cima tem a necessidade neurótica de mudar os outros. Conhece pessoas assim?
– Bem eu… eu…
– Tem coragem de reconhecer sua vexatória agressividade, seu falso raciocínio complexo e seus baixos níveis de tolerância a frustrações?
– Meu Deus, como é difícil ser operado sem anestesia –
afirmou Napoleão, mais uma vez colocado contra a parede. E H não parou:
– Você é um trator que atropela todo mundo. Chamou sua secretária de troglodita. Eu sei. Disse só para você, ela não ouviu, mas disse. Chamou seu filho Fábio de tartaruga. Ele ouviu e foi machucado, você o sabotou, ele

passou a crer que nunca estará a sua altura. Não tem paciência com pessoas “lentas”. Não entende que cada ser humano é um veículo mental, tem sua velocidade e particularidades próprias. – Após essas palavras H voltou a provocá-lo: – Quer que eu continue?
Napoleão pingava de suor. Queria sair correndo, mas para onde?
– É possível fugir de você? – E fez um sinal para que continuasse.
É impossível interromper a construção de pensamentos. Se o Eu não constrói pensamentos numa direção lógica, entra em cena o Autofluxo, que é o maior de todos os fenômenos inconscientes, para manter o ritmo de construção.
– Veja sua atuação no cérebro. – Apontou H para a figura em 3D.
– Que engraçado, ele é diferente do Eu. O Autofluxo, às vezes, segue um ritmo calmo, constante, outras vezes faz malabarismos, cai, se levanta, se veste de palhaço e apronta todas no cérebro humano. Se o Autofluxo tem um comportamento tão confuso, porque ele é importante para o funcionamento da mente?
– Eis um dos grandes segredos do Homo sapiens. Porque o Autofluxo produz a maior fonte de entretenimento humano. Ele viaja ao passado, constrói imagens sobre o futuro, nos motiva, anima, distrai. O Autofluxo é o palhaço da mente, mas pode se tornar também seu carrasco. Como vimos, pode produzir os cárceres psíquicos – disse H e, em seguida, mostrou esse fenômeno atuando no cérebro.
– Veja, o Eu está assistindo aos malabarismos do Autofluxo.
Ele se diverte muito – descreveu Napoleão.
– Sem o Autofluxo, como copiloto que irriga a emoção, a espécie humana teria depressão coletiva. O suicídio poderia se multiplicar de forma assustadora. Quando ele não é eficiente, temos pessoas mendigando alegria enquanto moram em palácios, seres humanos deprimidos, ainda que aplaudidos como celebridades, pessoas angustiadas, embora tenham altíssima cultura acadêmica –
assegurou o mestre.
– É surpreendente essa conclusão. Conheço pessoas que têm todos os motivos para serem felizes e são tristes – comentou Napoleão. E, ao fazer um exame de consciência, disse: – Fui injusto.
Achava que essas pessoas eram frágeis, desocupadas. Mas, agora, vejo que elas não desenvolveram bem esse copiloto em seu inconsciente.
– Você não está longe, Napoleão, do seu próprio diagnóstico.
Tem tudo por fora, mas lá dentro tem muito pouco – diagnosticou H.
– Eu sei, eu sei. Era um menino muito alegre, um adolescente vibrante, mas me tornei um adulto ansioso. Cresci em poder e decresci em prazer e leveza da vida. – Em seguida olhou para a imagem em 3D: – Mas espere. Olhe para o cérebro. O Eu entrou numa prisão, está chorando, desesperado. O que aconteceu?

– Quando o Gatilho da Memória, o Autofluxo ou o próprio Eu entram numa janela traumática do cérebro, por exemplo, que tem uma derrota, traição ou fobia, o volume de tensão dessa janela é tão poderoso que bloqueia milhares de arquivos com milhões de dados, sabotando a pilotagem da mente.
– Ele perde a sua capacidade de decidir?
– Sim. Vive, como comentei, a síndrome do circuito fechado da memória. Nesse momento, o cérebro interpreta que está numa situação de risco, tal como um índio amazônico diante de uma serpente ou um africano diante de um felino. Portanto, o Eu é aprisionado, e o cérebro reage por conta própria, instintivamente, pois o que interessa é fugir ou lutar, e não pensar.
– Por isso são deflagradas guerras, são cometidos assassinatos e assédio moral – disse o político com a voz embargada, mas com a mente clareada. – Meu Eu batia na cabine de comando, mas o Gatilho encontrou uma janela traumática, a Âncora da Memória se fixou nela, e o Autofluxo, que deveria me distrair, produziu uma fonte de terror. Meu Eu ficou impotente, sem autocontrole.
– Você entendeu.
– Que loucura é essa? Sempre pensei que nossa consciência crítica, nosso Eu, era o único piloto da nossa mente.
– Não foi só você que se equivocou. Grandes pensadores da psiquiatria, da psicologia e da sociologia também desconheceram os copilotos da aeronave mental – disse H, para em seguida chocar mais uma vez o líder: – A política de má qualidade torna-se uma fábrica de inimigos, mas seus piores monstros serão sempre construídos por você mesmo. Todos os seres humanos, dos clérigos aos leigos, dos intelectuais aos iletrados, criam seus próprios predadores.
– Mas isso demonstra que nossa espécie tem defeito de fabricação! – Concluiu Napoleão, assombrado.
H fez uma longa pausa. Respirou lentamente, olhou para o horizonte, capturou as nuvens, olhou para dentro de si e depois respondeu.
– A espécie humana tem baixos níveis de viabilidade.
– Como assim? Sou um candidato à presidência. Sem esperança, meu projeto está morto! – disparou.
– A esperança é a lâmina do escultor, a tinta do pintor, os tijolos do arquiteto; sem ela, o ser humano se deprime e implode seu sentido existencial. Todavia, não seja ingênuo. Como viajante do tempo, atesto que, embora a mente humana não tenha defeito de fabricação, ela é tão complexa que é dificílima de ser gerenciada.
H ainda comentou que as melhores universidades estão na Idade da Pedra em relação a esse gerenciamento. Seria vital mudar o grande paradigma da educação para viabilizar a espécie humana.
– Precisamos passar da Era da Informação para a era do Eu como gestor da mente humana.
– Estou perturbado. Sou diretor dos direitos humanos no Senado. Sou conselheiro da ONU para promover igualdade entre os povos. Vi muitas

conferências ao redor do mundo, mas nunca vi uma explicação que questionasse nossa viabilidade, nunca imaginei que precisamos mudar de paradigma educacional.
H comentou que a gestão da aeronave mental passa por ensinar os alunos desde a mais tenra infância a proteger a emoção, a filtrar estímulos estressantes, a se colocar no lugar dos outros, a pensar antes de reagir, a desenvolver os papéis do Eu, a conhecer os copilotos inconscientes, as armadilhas mentais. Para ele, sem essa educação socioemocional, a espécie humana, tanto se durar mais cem
anos quanto cem milhões de anos, continuará a ter as páginas de sua história manchadas por assassinatos, suicídios, guerras, discriminação, exclusão social.
– Sem gestão da emoção, o céu e o inferno social sempre estarão muito próximos da humanidade. Casais começarão seu romance no céu do afeto e o terminarão no inferno dos atritos, políticos começarão sua carreira no céu da humildade e terminarão no inferno do orgulho e da manipulação. E você, homem, e seus amigos, são especialistas em construir esses dois infernos.
– Mas você não pode me acusar!
H olhou bem para Napoleão e, com segurança, disse:
– Admito que meus alunos sejam estúpidos, mas não hipócritas. Você colocou Débora na periferia da sua vida. Esqueceu? E
a que preço você quer ganhar essa eleição? Dia 29 de março do ano passado você votou contra uma pauta bomba, que aumentaria o gasto do governo federal. Excelente! Mas, como líder, se silenciou quando seu partido votou a favor.
Napoleão mais uma vez perdeu a voz. Tentou sair do sufoco:
– Era difícil ir contra a posição do meu partido.
– Você foi um fraco, tentou pouco. Se seu partido for mais importante do que o bem estar da sua nação, você está preparado para ser qualquer coisa, menos um líder político.
– Caramba! Quando penso que você se tornou um amigo, levo bordoadas. Pra você sou um fracasso em pessoa! E saiba que por muito menos cortaria meu relacionamento com quem…
– Com quem o contraria? Debaixo do verniz de pessoas éticas há muitas úlceras repugnantes. Você é da estirpe dos homens que usa e descarta as pessoas com facilidade.
Napoleão se levantou:
– Não dá! Qual é o propósito dessa tortura? Esqueça que eu existo. – E saiu a esmo.
H não se preocupou em assoprar a ferida que abriu. E
começou a dar nome aos bois.
– Cortou relacionamento com Félix Machado, Júlio de
Almeida, Claudia Sintra… A história humana é manchada por violências.
Napoleão começou apertar seus passos, H foi em sua cola.

Vendo que não conseguiria desacelerar seus passos, tocou na sua mais profunda ferida:
– Manchada, inclusive, pela autoviolência. A cada quarenta segundos uma pessoa tira sua vida com as próprias mãos.
Ao ouvir isso, Napoleão interrompeu seus passos. Seu passado tinha um trauma que ele escondia a sete chaves, não o contando nem para sua esposa. H continuou:
– Mas o Eu de um suicida tem fome e sede de viver.
Infelizmente, não sabe pilotar a aeronave mental ao atravessar o caos.
– Espere! – disse Napoleão, com os olhos úmidos. – Um suicida não quer exterminar a vida.
– Nunca. Muito menos Rubens.
– O quê? Como… você sabe… de meu irmão? – gaguejou.
– Ele tinha dezesseis anos, três meses, cinco dias e quatro horas quando fechou seus olhos – comentou o velho.
– Mas… mas… como… sabe disso?
– Conheço as lágrimas que você chorou e aquelas que não teve coragem de chorar. – E abordou um assunto que estava nos porões da mente de Napoleão: – Sei que você foi dormir no quarto que ainda estava sujo de sangue.
– Foi horrível, horrível. Insuportável. Uma noite, uma eternidade – disse Napoleão, em lágrimas. – Eu podia ter impedido que Rubens se matasse. Ele me contou naquela manhã tenebrosa que estava muito triste. Mas, insensível, me distraí com outras coisas.
– Mas você era bem jovem, não tinha completado doze anos.
– Mas três horas antes de acontecer… eu briguei com ele.
Porque usou uma camiseta minha. Como fui injusto, meu Deus!
Gritei: “Você é um egoísta!”, mas eu é que estava sendo egocêntrico.
– Por isso você se tornou um dos maiores criminalistas da nação.
– Como assim?
– Quando absolvia um réu, ainda que um sociopata, você estava tentando se absolver…
– Nunca pensei nisso… Mas é provável – disse, quase sem voz.
– Você sempre detestou psiquiatras porque fugia de você mesmo.
Ao tocar nesse delicado assunto, H procurava o ser humano por trás da celebridade, a essência por detrás do notável político.
– Talvez… A vida toda ocultei essa culpa – confirmou com as palavras e com a cabeça.
– Seu irmão usava drogas.
– O quê? Como? Não sabia disso!
– Ele tinha frequentes crises de angústia por causa da cocaína.
No dia anterior ao fato, a namorada tinha terminado com ele. Por fim, ele se abandonou. Todos esses fenômenos ajudam a explicar, mas não justificam tirar a própria vida. Todos os dias alguém sente o mundo desabar sobre si.

Chora, se desespera, fica deprimido, mas não se mata. Você não matou Rubens!
– O que faltou para meu irmão?
– O Eu dele deveria gritar, impugnar a dor, odiar o sentimento de culpa, virar a mesa, mas ele não aprendeu em sua formação escolar, como quase todos alunos, a dirigir seu veículo mental. A educação clássica, excessivamente cartesiana, está falida.
Por motivos fortuitos se comete crimes ou se tira a vida.
– Quem é você, H? Por favor, responda – disse, emocionado e mais aliviado.
– Eu sou quem sou. Isso basta. O que me preocupa é que temos a mais poderosa indústria de lazer de todos os tempos, mas, paradoxalmente, estamos diante da geração mais ansiosa e triste que pisou nesta terra. Eu grito dia e noite sobre esse fenômeno, mas quem ouve minha voz?
Para o misterioso H, o fantasma da ansiedade assombrava dia e noite as pessoas de todas as idades e culturas. A indústria do seguro crescia de forma assustadora, mas as pessoas não tinham seguro emocional. O sofrimento por antecipação vampiriza quase toda a humanidade.
– As sociedades digitais construíram um gigantesco hospício a céu aberto, meu amigo – refletiu H.
E Napoleão sintetizou:
– E todos nós nos internamos nele.
Quando ambos chegaram a essa conclusão, o céu começou a escurecer, trovões ribombaram perto deles, raios cortaram o céu como lâminas e ricochetearam nas imediações. Começou a ventar muito. Não havia abrigo, nem sequer uma árvore. Napoleão, sentado no solo, recolheu o corpo, abraçou as suas pernas para se proteger das rajadas de vento. “Sobrevivi ao drama da aeronave”, pensou Napoleão, “mas não sobreviverei à tempestade que se abate sobre mim”.

Refém de um personagem

Napoleão encontrava-se numa praça, ensopado, com frio, trêmulo, tentando se proteger da chuva torrencial. Ficou assustado ao ouvir o ronco dos motores machucando os ouvidos dos passantes.
– Mas como? Não estou mais na Toscana?
Olhou para os lados e mais uma vez H tinha sumido, como um pensamento que cintila num instante e desaparece noutro. Por mais estranho que parecesse, conhecia o local. Era perto de seu apartamento. Levantou-se e foi a pé em direção à sua casa.
Sua esposa, Débora, estava preocupadíssima. Ninguém sabia onde Napoleão se encontrava. O deputado Carvalho, tesoureiro de sua campanha, Calisto, um dos senadores responsáveis pela coordenação política, e João Gilberto, o marqueteiro chefe da campanha, tinham aparecido desesperados no apartamento dele.
– Débora, onde está Napoleão? – indagara Carvalho.

– Carvalho, você é a décima pessoa que me pergunta isso. Não sei! Pensei que estivesse cumprindo a agenda da campanha.
Calisto interveio:
– Napoleão não é de sumir.
– Ele dormiu aqui?
– Claro. Tomou café da manhã bem cedo. Beijou-me na testa e, como sempre, saiu ansioso. Agora são quatro da tarde. Será que foi sequestrado? – questionou Débora. E, aflita, concluiu: – Precisamos acionar a polícia.
– Espere mais um pouco! Um escândalo poderia ser desastroso – comentou o especialista em marketing político João Gilberto.
– Ele é mais importante! Não estou nem aí para escândalo – rebateu, inocente, a esposa de Napoleão.
Carvalho deu uma tossidela e explicou melhor a suspeita deles.
– Vocês estão bem no casamento?
– Sim – falou, num impulso. Depois se corrigiu, mas não se abriu: – Bem, temos nossos atritos. Napoleão é um homem bom, vibrante, mas está com pavio curto, não suporta ser contrariado.
– Mas isso ele sempre foi. Não há nada grave. Claro, sem querer entrar em sua privacidade – disse João Gilberto.
Ela deixou escapar uma lágrima.
– Ele dá mais importância à campanha do que a mim. Seus companheiros têm prioridade na sua agenda, e não eu. Coisas "normais" de um homem público – falou ela, com tristeza.
– Minha esposa tem as mesmas queixas – disse Carvalho, esfregando as mãos no rosto, preocupado. Mas não se atreveu a concluir. Ela entendeu a mensagem subliminar.
– O que vocês estão sugerindo, Carvalho? Um caso, uma amante? – indagou Débora.
– Não, não. Quer dizer, precisamos pensar em todas as possibilidades.
– Em política, é melhor um casamento maquiado do que casamento fragmentado – acrescentou, com frieza, o chefe da campanha de marketing.
– A maquiagem é mais importante do que a realidade, João Gilberto? Meus sentimentos não importam?
Calisto interveio.
– Longe disso, Débora. Estamos pensando no bem do país.
– No bem do país ou no bem de seus egos? Tenho medo de quem coloca o poder acima das pessoas – disse Débora, que era uma mulher inteligentíssima e honesta.
Eles se calaram. Débora, assim como Napoleão, tinha convicções fortes, não se deixava manipular. Mas seu marido pouco a pouco se curvava à necessidade ansiosa de preservar sua imagem a qualquer custo. Então o telefone tocou. Era Napoleão, enfim.
– Débora, onde você está? – disse ele ao celular, escutando pouco, devido ao som da chuva e dos veículos.
– Todos o procuram! O que aconteceu?

– Depois eu conto. Estou com muito frio. Liguei só para avisar que estou chegando.
Nervosa, ela insistiu.
– Onde você está? Todos estão preocupados com seu paradeiro.
– Desculpe-me, querida. Estou próximo do apartamento.
Os líderes da campanha respiraram aliviados. Antes de entrar no edifício, Napoleão foi clicado por alguns jornalistas de plantão, que o aguardavam cheios de perguntas.
– Napoleão, onde o senhor esteve? – questionou um deles.
– Curtindo a chuva – respondeu, com ironia.
– Por que o senhor não cumpriu seus compromissos de hoje?
– indagou outro jornalista, tentando proteger Napoleão com seu guarda-chuva.
– Estive cumprindo agenda pessoal.
– Mas o senhor deveria ter dado uma palestra no final da manhã no sindicato das indústrias. Sua assessoria disse que o senhor não foi porque estava gripado. Como alguém gripado pode andar na chuva sem proteção?
O político era rápido nas respostas.
– Estamos vivendo uma grave escassez hídrica. Fiquei tão feliz com o tempo fechado que resolvi fazer uma caminhada junto com um amigo para agradecer à natureza. Mas a tempestade desabou.
– Mas com quem esteve? – insistiu um dos jornalistas.
Napoleão, lembrando-se de H, acrescentou:
– Sou um ser humano candidato e não um candidato ser humano. Tenho necessidades pessoais, como qualquer mortal.
E saiu andando, recusando mais explicações. Em seguida, o porteiro, muito simpático, sempre orgulhoso do morador ilustre no condomínio, o conduziu pelo imenso saguão. Ao vê-lo todo molhado e com o corpo encolhido, comentou, assustado.
– Pego de surpresa, “presidente”?
– Sim, Naldo. Choveu de repente – disse, constrangido.
– A patroa está em casa, preocupada. Perguntou duas vezes pelo senhor. Alguns amigos estão lá também.
– Ah, tudo bem. – Napoleão bebeu algumas doses de ansiedade. Iria passar por outro pequeno tribunal, teria de explicar o inexplicável.
Enquanto esperava o elevador, as gotas de água escorriam pelo seu corpo e ensopavam o chão. Mas Naldo não se importou com o trabalho que teria. Acrescentou:
– Ser famoso tem seu preço.
– Sim. Não tenho mais privacidade. Ser anônimo é uma dádiva. Nunca reclame dessa condição, Naldo, nunca – disse e entrou no elevador.
Os vizinhos que saíram do elevador o olharam de cima a baixo, espantados com seu estado.
– Esses políticos são esquisitos – saiu dizendo uma senhora bem idosa para outra.

– Fazem tudo para aparecer – disse a amiga.
Quando ele entrou no apartamento, todos ficaram chocados com sua aparência. Sua esposa o abraçou e o beijou, sem se importar por umedecer suas próprias roupas.
– Onde você esteve, Napoleão?
Mas, antes que ele desse qualquer explicação, João Gilberto comentou:
– Algum jornalista tirou foto sua ao chegar no edifício?
– Sim.
– Isso é péssimo.
– Você respondeu a perguntas?
– Sim. Disse que estava na casa de uma amante. – Fez a brincadeira para evitar especulações, porque já sabia o que se passava na cabeça daqueles homens que, quando não falavam de políticos, gostavam de conversar sobre sexo, mulher e futebol. Napoleão era crítico desse raciocínio apequenado.
– Não brinque com sua campanha, Napoleão. O cargo mais importante da nação está em jogo – falou João Gilberto, com a aprovação dos demais.
– Caramba. Você não pergunta se fui sequestrado, assaltado, se desmaiei. A imagem, sempre a imagem.
– Desculpe-nos. É que precisamos dar satisfação à imprensa – disse Carvalho.
– Vocês já deram. Disseram que eu estava gripado. Eu lhes falei que fui tomar chuva para me curar – rebateu, irritado. E não respondeu mais nada. Aliás, se explicasse nua e cruamente o que aconteceu, eles o internariam. Os organizadores da sua campanha sabiam que Napoleão detestava pressão. Para eles, ele era um líder inquebrantável, um homem indomável. Mas não deixavam de tentar colocar um freio em seu ímpeto.
– Querido, você precisa tomar um banho. Venha e depois conversamos.
Napoleão se retirou para o quarto com Débora, que esperou estarem a sós para falar:
– Vamos, estou esperando.
– Esperando o quê?
– Você sempre foi honesto comigo. Há outra pessoa?
– Sim, H.
– Quem é H? Helena, Helen…?
– Débora, não coloque mais lenha em meu estresse. Eu estava estafado pela campanha. Você mesma tem me dito que, se não descansasse, iria enfartar. Tirei esta manhã e esta tarde para mim.
Para entrar nos bastidores da minha mente. Calibrar meus sentimentos.
– Mas porque não me avisou?
– Você suportaria a pressão deles? Sei que preciso dar mais atenção ao nosso casamento.
– Que casamento? – disse ela, deixando escapar uma lágrima.
– Preciso de momentos de solidão. Errei em não contar, me desculpe. Eu te amo.
Débora enxugou seus olhos com a mão e disse:

– Pelo menos está pedindo desculpas, algo raro. Mas onde esteve?
– Por aí, disfarçado, como anônimo. Viajando para dentro de mim mesmo. São milhares de selfies por dia. Entrevistas a cada hora.
Já não sei quem sou, já não sei o que falo. Acho que me tornei refém de um personagem.
– Ah, se você se tornar presidente, será que não perderá sua humanidade?
– Tenho minhas dúvidas. Por favor, querida, preciso menos de uma juíza agora e mais de uma companheira.
Napoleão nunca demonstrava fraquezas, sempre escondia seus sentimentos. Vendo-o abalado, ela o acolheu sem colocar pré-
condições.
– Apesar de às vezes achar que não conheço mais o coração do homem que escolhi para viver, eu confio em você. Mas seus parceiros não serão tão complacentes.
– Eu sei. Eles amam o que represento, e não o que sou.
Ela o abraçou, com os olhos úmidos. Nunca o futuro fora tão incerto, o casamento, a campanha, a relação com os dois filhos.
Depois do banho aquecido eles se amaram, embora brevemente.
Eram dois amantes sem agenda um para o outro. Napoleão seguiu para o escritório do comitê da campanha, onde o interrogatório continuou.
– Uma manhã e uma tarde sem dar notícias numa campanha em que cada hora vale ouro para conquistar milhares de votos é suicídio eleitoral. Alguns jornalistas internacionais, que não estavam presentes em sua casa, começaram a fazer especulações – falou Carvalho.
Napoleão escutava passivamente os perigos de sua ausência.
Em outras circunstâncias, teria soltado os cachorros em cima deles.
João Gilberto, vendo-o calado, também não perdeu tempo. Disse:
– David Semmler, correspondente do New York Times, ligou e disse que esse comportamento, sumir dessa maneira, cheira a outra mulher. Você está brincando com fogo.
– J. Badenes, o brilhante jornalista espanhol, especulou sobre sua saúde – relatou Carvalho.
Calisto era mais ponderado, menos inquisidor.
– Napoleão, somos amigos. Pode me contar onde esteve. Foi abordado por algum criminoso? Está atravessando algum conflito conjugal?
– Todos escorregamos uma ou outra vez – disse o marqueteiro. – Mas é preciso manter a discrição.
– João Gilberto, não coloque palavras em minha boca. Você serve a campanha, não é servido por ela. Tente não ultrapassar seus limites.
– Ok, ok! Tudo pelo seu futuro, tudo pelo país – disse, dissimulando.
– Diga que tirei algumas horas para ser um simples mortal. –
E para encerrar a conversa, olhou o relógio e aconselhou: – Vamos, estamos atrasados para o evento.
O grupo seguiu para o aeroporto e pegou o pequeno avião a jato de oito lugares mais dois pilotos. Era uma aeronave alugada para a campanha.

Faria mais um discurso numa importante capital. Uma hora e trinta minutos de voo. Chegariam atrasados. Durante o voo, Napoleão, diferentemente de outras vezes, permaneceu calado, introspectivo, reflexivo. Não sabia o que lhe acontecera. Toda a experiência com H parecia um pesadelo ou um surto psicótico. Seus assessores se entreolhavam e não se arriscavam a dizer nada.

Quando chegou ao evento, sessenta mil pessoas o esperavam numa praça pública.

– Veja, Napoleão! Você atrai mais gente que uma celebridade.

– Reconheceu Calisto.

– Sorria! Todos querem um candidato otimista – instigou João Gilberto.

O candidato olhou para a vibração das pessoas, caiu em si e, pouco a pouco, sua emoção incendiou. Mas havia algo diferente. Seus discursos sempre inflamavam as plateias, mas desta vez sua fala soava mais inteligente do que entusiasmada. João Gilberto lhe enviava sinais, elevava as mãos para que ele levantasse os ânimos do público.

Num momento em que ele fez uma pausa para tomar um gole de água, Carvalho, o tesoureiro, o provocou:

– Fale com mais vibração! Teremos muita grana para irrigar sua campanha.

Napoleão elevou o tom de voz e começou a encantar o público.

Ao final de seu discurso, fez uma pausa, fitou demoradamente a plateia e discorreu, sem margem de dúvidas:

– Meu sonho é implementar uma segurança que este país jamais viu, para que as famílias possam sair nas praças à noite sem medo de serem assaltadas. Meu sonho é acabar com o tráfico de drogas, permitir a existência de uma juventude livre, autora de sua própria história. Meu sonho é que todo cidadão comum frequente restaurantes, tenha acesso ao consumo e seja regado pelo bem-estar social. Meu sonho é que tenhamos a melhor saúde pública deste continente. Meu sonho é desenvolver um projeto de educação que forme alunos pensadores e empreendedores. Meu sonho é o pleno emprego, o crédito barato para que as empresas possam investir.

Meu sonho é sanar as finanças públicas e emagrecer o Estado para investir com mais força em infraestrutura.

Os constantes aplausos interrompiam suas últimas palavras.

Para encerrar seu discurso, elevou o tom de voz:

– Mas, para que meu sonho se concretize, eu preciso que vocês sonhem comigo.

Foi um discurso inesquecível. O governador do Estado, que era um dos seus apoiadores, sob as chamas do júbilo, pegou o microfone de Napoleão e, apontando para ele, proclamou, altissonante:

– Eis alguém incorruptível, corretíssimo, digníssimo.

Napoleão é um daqueles líderes raros que nascem um a cada século.

Eis o presidente que este país merece!

O ego de Napoleão foi às raias da euforia. Todos o aplaudiram entusiasticamente. Quando a emoção vai às nuvens, a razão desce como um raio. E, flutuando no céu da motivação, o governador continuou o exaltando.
– Napoleão de Alcântara é um armazém de honestidade, um líder que resolverá todos nossos conflitos sociais e econômicos. Será o apóstolo de uma sociedade livre e justa.
Mais aplausos, agora mais duradouros. O candidato à presidência, ao ouvir esses elogios, quebrou o protocolo, pegou novamente o microfone e bradou em alto e bom som:
– Esta nação beijará o solo da segurança, a saúde encontrará seus dias mais felizes e a educação nunca, mas nunca mais mesmo, será a mesma. Seremos uma sociedade mais livre, igualitária e fraterna. Aliás, os ideais da Revolução Francesa pulsam em minhas artérias, oxigenam meus pulmões. Liberdade! Igualdade!
Fraternidade!
E pediu para todos repetirem essas três teses que revolucionaram o mundo. E a plateia em coro bradou:
– Liberdade! Igualdade! Fraternidade!
O público foi tomado por tal entusiasmo que, a uma só voz, bradou sem parar: “Presidente! Presidente!”. As lágrimas serpenteavam os vincos das faces como um rio de expectativas. A imprensa capturava, com suas câmeras, pessoas combalidas pela crise econômica e pelo vácuo de liderança política no país, mas que agora passavam a enxergar em Napoleão um salvador da pátria, uma fonte de bem-estar social.
Napoleão, embora fosse um homem ponderado, embriagou-se com a emoção a tal ponto que mergulhou seu cérebro num oceano de entusiasmo e de poder. Por alguns instantes, se achou sobre-humano, um semideus. Seu time de assessores se curvou perante ele como se já fosse o presidente. Foram embora animadíssimos. Napoleão pegou o jatinho e chegou de madrugada em casa. Estava fatigado, mas não adormeceu.
Seus níveis de melatonina, o hormônio do sono, estavam baixíssimos pelo excesso de uso de celular, pelas atividades e pelas preocupações. Rolava de um lado para o outro como um zumbi. Mas o pior ainda estava por vir…
Um menino e seus fantasmas
François e Jaqueline Margarite tiveram quatro filhos. Viviam numa nação e num século em que ideias brilhantes fervilhavam no palco social. De tão penetrantes que eram, as ideias começaram a invadir os porões do intelecto da plateia. Homens e mulheres começavam a pensar criticamente. Sonhavam em mudar a peça que havia séculos era encenada. A realidade econômica, crua e insuportável colocava combustível no desejo de mudança. Era um período posterior àquele que, nos séculos XVI e XVII, ficara conhecido como a Era dos Mendigos.
Os gordos impostos, a mão pesada do rei, as guerras, a dificuldade de produzir e armazenar alimentos, tudo fazia com que se tropeçasse em miseráveis pelas ruas. E, para tornar mais difícil a vida, uma simples

bactéria podia reinar de forma mais atroz no corpo humano do que o rei que governava implacavelmente a sociedade. A tecnologia dos antibióticos ainda não existia.
De repente, alguém tropeçou em mais um moribundo que dormia ao relento. Dessa vez o mendigo era diferente, jamais dormira nas ruas, jamais fora tratado como escória social.
– Esses miseráveis são como lixo social – disse aos amigos quem o atropelou. Deram risadas do homem, que acordou assustado.
O atropelado era o homem que sonhava em presidir uma das nações mais poderosas do século XXI.
Era o início da manhã. Estrias de sol banhavam a rua escura, mas, em vez de trazer tranquilidade ao caminhante, o perturbaram. O cheiro de estrume fermentado de cavalos, espalhado pelas ruas, penetrou em suas narinas. Assustadíssimo, estava mais ensopado de dúvidas do que da umidade noturna. Pôs-se de pé e perguntou para um passante.
– Senhor, onde estou?
O homem fez sinal de que não entendeu suas palavras.
Intrigado, Napoleão indagou a um miserável que ainda dormia a cinco metros dele.
– Que cidade é esta?
O miserável praguejou numa língua que Napoleão desconhecia. Nenhuma comunicação. De repente, três mendigos o derrubaram e o assaltaram. Levaram tudo o que tinha nos bolsos. Era um homem sem identidade, sem dinheiro, desorientado, numa terra estranha.
Fitou os prédios, as sacadas, a dimensão das ruas, e então lhe veio uma suspeita excêntrica: não estava no seu século. Ansioso, foi tentar confirmar sua suspeita com uma senhora, pois temia os homens.
– Senhora, em que ano estamos?
Nenhuma resposta. Mas eis que, nesse momento, o mais distante e, paradoxalmente, o mais presente dos seres apareceu para silenciar as suas dúvidas ou, talvez, para dar-lhes musculatura.
– Acalme-se, Napoleão – disse H, surgindo misteriosamente por detrás dele.
Aquela voz não era sinal de calmaria. Os copilotos da mente, cujo funcionamento aprendeu a duras penas, entraram em ação.
Disparou o Gatilho da Memória, abriu uma janela traumática em seu cérebro, fechou o circuito dos arquivos. Seu cérebro entrou em estado de alerta. Era melhor fugir. Mas estava num mundo desconhecido. O homem que disse que medo não fazia parte de seu dicionário percebeu que seus lábios tremiam. Teve o prenúncio de outro ataque de pânico.
– H? Você de novo?
– Vamos, homem, vamos trabalhar.
– Trabalhar?
– Trabalhar comigo é pensar.
– Dispenso!
– Bem, toda escolha tem perdas. Uma dessas perdas é ficar preso no tempo.

Bastava uma frase de H para desestabilizar Napoleão.
– Onde estou? Que cidade é esta? – questionou, titubeando.
– Você pergunta demais. Relaxe e descobrirá.
– Como relaxar se você me causa pânico?
De repente, viu cavalos relinchando e correndo. Dois cavaleiros perseguiam um ao outro, como numa batida policial. Mas como?, pensou ele. Minutos depois, os cocheiros começaram a colocar suas carruagens de aluguel nas ruas. Passavam uma atrás da outra. Napoleão observou o chão de pedras lapidadas toscamente, entremeadas com terra batida.
– Em que ano estamos? – insistiu.
– Depende do olhar do observador. Você pode estar na época das luzes ou na era das trevas de um governo tirânico.
Napoleão observou as construções ricamente torneadas contrastando com a miséria humana ao redor. Leu algumas palavras numa língua derivada do latim e arriscou:
– Estamos na França?
– Em Paris!
E começaram a caminhar lado a lado. De repente, um vento fortíssimo abateu-se sobre eles e formou um redemoinho. Napoleão se assustou. O velho segurou um braço do político e lhe disse em voz alta:
– Vamos dar uma volta em outros ares!
H se aproximou de um edifício, abriu uma porta e, em vez de entrar em uma de suas dependências, eles saíram em outra rua, em outra cidade francesa, num ambiente sem turbulências, pelo menos físicas. Os dois continuaram a caminhar. Napoleão queria conversar, resolver suas dúvidas, mas H preservava o silêncio, estava com os olhos atentos. Ao virarem a esquina, ele pediu para Napoleão:
– Observe aquela criança de seis anos. Ela está aos prantos, cheia de súplicas.
Era um garoto clamando para o pai, que estava embriagado, retornar para sua casa.
– Vamos, papai, não fique nas ruas! – dizia o menino, estilhaçando a sua inocência.
– Esqueça que eu existo! – respondeu o pai, e empurrou impiedosamente o garoto, dando-lhe as costas. O menino chorou ainda mais.
– Que pai desnaturado! – comentou Napoleão.
– Tente consolar este menino.
– Mas como? Não falo francês.
– Não falava – disse H, tocando o cérebro de Napoleão, que de repente começou a entender os gritos distantes de alguns franceses.
Confiante, se aproximou do garoto e perguntou:
– Qual é o seu nome?
– Maximilien.
– Não chore, Maximilien. Tenha paciência que seu pai pode mudar.
– Ele abandonou a mim e aos meus irmãos depois que a mamãe morreu.

Napoleão ficou emocionado. Lembrou-se de suas perdas quando garoto. Com a voz embargada, tentou aliviá-lo.
– Eu também já sofri muitas perdas. Não deve ser fácil o que está passando. Mas o tempo passa e nossas feridas são curadas –
disse, sem muita certeza. – Você um dia vai ser um grande homem, eu aposto.
– Obrigado, moço. – Em seguida, saiu correndo.
H comentou:
– Um pai não engravida de seus filhos, mas pode abortá-los emocionalmente com mais facilidade do que a pior mãe.
– Como assim, mestre?
Foi a primeira vez que Napoleão chamou o enigmático H de mestre.
– Chamaste-me de mestre? Quem dera eu fosse o mestre dos homens! Sou um professor relegado ao segundo, ao terceiro plano.
– Mas quem é você, H? – perguntou mais uma vez Napoleão.
– Basta me chamar por uma letra, H: a abreviação do mais insistente e desprezado dos mestres. Mas vamos ao caso de Maximilien – disse, retomando o assunto da educação paterna: – Um pai ruim, mas presente, perturba a emoção; um pai ausente a asfixia.
Por isso, adotar crianças é conquistar um tesouro que reis não conquistaram. O pai do pequeno Maximilien está desenhando na mente dele o desprazer pela vida, o radicalismo, a intolerância a contrariedades. Ele está embriagado pelo álcool e está embriagando seu filho com o desprezo.
Napoleão ficou paralisado com essa argumentação. Ele se enxergou nessa história, mas resolveu ficar calado. H comentou que François, o pai, era culto, austero, versado nas letras jurídicas.
Poderia ter construído uma carreira de sucesso, segura e confortável, mas nunca se recuperara da morte precoce de sua mulher.
– A depressão, esse último estágio da dor humana, era um visitante onipresente e invasivo no território da emoção do pai de Maximilien. Assombrava-o dia e noite.
– O pai foi vítima da morte de sua esposa e fez de seu filho vítima de sua depressão. A dor atravessa gerações pelo olhar e pelos gestos – disse o criminalista, com agudeza de raciocínio.
– Por trás de uma pessoa que fere há sempre uma história de feridas.
François deixou de lutar contra os fantasmas de sua mente, encarcerado pelos traumas, se abandonou, perdeu a crença na vida, deixou a advocacia. Por fim, colocou de lado o instinto paterno, perdeu o interesse pela educação dos filhos, dois rapazes e duas moças.
– Não há médicos para ajudá-lo?
– Para tratar da mente? Nesse tempo? Ou se consola na religião, ou com bebidas baratas que anestesiam, mas não tratam a dor.
– Mais uma vez pergunto: que século é este?
– Estamos no século XVIII.

H continuou o relato dizendo que Maximilien nascera em 6 de maio de 1758. Era o mais velho, inquieto e inconformado dos quatro filhos, e assistira impotente à decadência do pai. Angústias cálidas e sofrimentos inaudíveis atingiram a ele e a seus irmãos.
– Mas qual será o destino dessas crianças?
– Felizmente, em alguns meses, eles serão resgatados pelo avô materno, um rico homem de negócios. Maximilien será colocado num importante colégio desta cidade, o que lhe garantirá uma educação conforme os padrões das famílias abastadas.
Todavia, disse H, a carga de responsabilidade em relação aos irmãos mais novos, a crise do pai e a morte da mãe produziriam sequelas. O garoto não seria bem-humorado, espontâneo, teria opiniões fortes, seria sisudo, fechado, solitário. Mais uma vez, Napoleão viu alguns traços de sua própria fotografia.
– Como você consegue prever o futuro? Videntes são enganadores baratos.
– Por que me chama de vidente? O futuro não me pertence, só a ti. Mas que sujeito é esse?, se perguntou Napoleão. H continuou relatando a história do pequeno Maximilien. Napoleão teria de acompanhar seus passos para ouvi-lo. Mesmo quando ele se distraía, H falava, ainda que só para as paredes dos edifícios, para os animais e as árvores do caminho.
No colégio, o garoto aprenderia latim e técnicas de oratórias que um dia permeariam seu currículo. Sob as bênçãos do bispo, iria para a Universidade de Paris, onde estudaria durante nove anos numa época de efervescência intelectual e desejo ardente de mudanças.
– Por que você me fala com tanto interesse sobre a história de Maximilien?
– Porque você me pediu para contá-la.
– Eu pedi? Mas nunca ouvi falar em Maximilien, nem no colégio, nem faculdade de direito, nem muito menos em livros. Você se equivocou.
Como se não tivesse dado a mínima para Napoleão, H comentou:
– E, por falar em livro, Maximilien terá contato com a Encyclopédie de Diderot e d’Alembert, e com as ideias de Rousseau.
– Claro, já ouvi e li ideias desses pensadores.
– As ideias são mais poderosas que as armas. As primeiras libertam a vida; as segundas, a silenciam – dissertou o mestre de Napoleão.
H comentou que as ideias começariam a libertar o espírito de Maximilien e a dar asas a sua imaginação. Seria bombástico.
Maximilien se convenceria de que a sociedade havia corrompido o ser humano e, não poucas vezes, o escravizado. Começaria a defender o pensamento de que o Estado e o povo são os verdadeiros senhores de todos bens. O rei cairia de sua cama se soubesse o que se passava na cabeça daquele jovem.
– Interessante – afirmou Napoleão. – As armas interrompem a marcha, mas são as ideias que mudam o mundo.

– Gostei – disse H, numa das raras vezes que exaltou Napoleão. Este sorriu, mas não por muito tempo, pois com frequência sua alegria era sucedida por tempestades.
– Maximilien se tornará um expoente na universidade.
Ganhará o prêmio de melhor aluno do ano. Uma honra que merecerá os cumprimentos do alienado rei. A vida é um contrato de risco, com muitas cláusulas chamadas surpresa. O rei e a rainha apertarão as mãos do jovem que um dia será seu carrasco.
– Que trágico. Parabenizar seus carrascos sem o saber é horrível!
De repente, o semblante de H mudou. Passou da serenidade para o pesar. Encarou Napoleão e acusou:
– Guardadas as devidas proporções, você já fez isto.
– Como assim? Em que momento? Que absurdo!
– Não há absurdos nos porões da história de ninguém.
Lembre-se de Marcos Paulo.
– O senador? – indagou Napoleão, engolindo saliva.
– Sim, o senador que o apoiou quando você era um simples candidato a deputado estadual. Você era tão jovem, e ele, um senhor.
Ele não imaginava que, tempos mais tarde, quando você se tornasse uma importante figura política, você fosse considerá-lo ultrapassado para dirigir o partido.
– Mas ele estava… velho – disse, gaguejando.
– Fisicamente sim, mas emocionalmente era o mais bem preparado de todos. Mas no fundo você o derrubou porque tinha
outros interesses. Queria a vaga dele para o Senado.
Napoleão de fato enfrentou uma nova tempestade, e ela era mais violenta do que previa.
– Faz parte do jogo democrático.
– Debaixo dos lençóis do jogo democrático há métodos escusos e ditatoriais.
– Mas havia duas vagas… Eu disputava uma.
– Preferiu que um homem mais conhecido pela ética duvidosa ocupasse a outra vaga para diminuir seu risco.
– Mas… – Napoleão ficou sem voz, ficou assombrado. Não entendia como H conseguia dissecar sua história. Ele parecia ouvir o que ninguém ousava dizer.
– Acalme-se. Você não cometeu um crime contra a Constituição, mas apenas contra a sua consciência. Mas vamos a Maximilien. Ele se formou em direito e sua estreia como advogado deu-se em 1783.
H continuou relatando que Maximilien teria um destino diferente do de François, seu pai. Brilharia, teria órbita própria, seria aplaudido, honrado, mas seus conflitos o levariam a perder o encanto pela advocacia.
– Ousado, o pensamento humanista de Maximilien o levou a discordar do tratamento desumano dispensado aos criminosos e aos doentes mentais. Precisaria fazer imperar a fraternidade. Sua preocupação social também

ocupava seu imaginário. A Justiça era uma das lajes do seu pensamento. A política o abraçou e ele abraçou a política.
– Esse Maximilien é admirável.
– Foi mais ou menos assim que você abraçou a política e a política o abraçou, Napoleão?
– Estou com medo de você, H. Como na Justiça, tudo o que o réu falar pode depor contra ele, prefiro o silêncio.
– Não tenha medo de mim, homem. Tenha medo de você.
– Você me faz conhecer os porões da minha mente.
– Mas você tem áreas dignas de serem exaltadas.
– Em meu país milhares me elogiam dia e noite. Mas você me causa assombros.
Nesse momento, H tocou a cabeça de Napoleão, trazendo à tona a brisa arrebatadora que movia sua emoção. Com motivação irrefreável, desejo sincero e pensamento honesto, o político do século XXI queria fazer progredir a sociedade. Depois de sentir-se melhor, estava mais preparado para ouvir a fascinante e dramática história que se seguiria. Maximilien foi eleito deputado em 26 de abril de 1789. Era um jovem de 30 anos, despreparado para a vida, mas com uma paixão fortíssima para revolucionar a sociedade francesa.
– Espere! Quando você mencionou o carrasco do rei e da rainha, você estava contando a história de Luís XVI e de sua soberba esposa, Maria Antonieta. Os eventos que precederam a Revolução Francesa.
H comentou que a queda do rei e da rainha não foi súbita. Foi como um câncer crescendo e tomando conta do corpo social.
– A fome asfixiava a população. A miséria fazia parte do cardápio diário da maioria dos franceses, enquanto havia abundância e desperdício de alimentos no palácio. Além disso, a corrupção epidêmica no reinado de Luís XVI e a insensibilidade de Maria Antonieta aos clamores populares, os impostos gritantes e a máquina estatal paquidérmica geraram um caldeirão para aninhar as ideias dos iluministas, o desejo incontrolável de mudança. Os ditadores e todos os líderes autoritários são tolos, sempre produzem seus próprios predadores.
– Ocorreu, afinal, a Queda da Bastilha. Os sinais e os sintomas estão nas ruas, nas famílias, no Congresso, em todos os lugares, mas o governante, encastelado em seu poder, simplesmente os ignora –
concluiu o candidato à presidência.
– Muitíssimo cuidado, homem, com a sua conclusão. Não apenas drogas viciam, mas o poder também. O poder cega os governantes, mexe com o metabolismo cerebral, libera a molécula do prazer, a endorfina, gera a necessidade neurótica de se perpetuar
nele. O álcool demora meses para causar dependência; a heroína, uma semana, o poder um dia ou horas.
H, como um especialista, comentou que os níveis de dependência de uma droga, bem como os do poder, dependem do tipo de personalidade, da

intensidade da experiência e do grau de exposição à substância. Mas foi incisivo com Napoleão.
– Só é digno do poder quem é desprendido dele. Sinto muito, mas você já está drogado por ele.
– De jeito nenhum!
– Você reage à necessidade de poder como um macho em busca de uma fêmea no cio. Nesse período, os machos chegam até a se matar. Eu o perscrutei, homem, a busca pelo poder o enlouquece.
– Mas…
– Os que abandonaram o poder o fizeram frequentemente contra a sua vontade, ou porque acabaram seus mandatos e não foram reeleitos, ou porque faliram suas empresas, ou porque perderam relevância como atores, cantores ou esportistas. Ao deixá-lo, muitos tiveram síndrome de abstinência, se angustiaram, ficaram insones, procuraram de todas as formas uma nova dose da droga. Recaíram.
Todavia, um dia vou lhe mostrar um personagem que viveu esta tese: nunca alguém tão grande se fez tão pequeno para tornar os pequenos grandes.
– Quem? – indagou, curioso, Napoleão.
– O homem mais inteligente da história. Mas espere, homem.
Você tem de fazer por merecer.
Logo que H disse essas palavras, surgiu meia dúzia de criminosos armados com facas e paus querendo assaltá-los. Os dois foram encurralados e começaram a ser espancados. Todavia, H os dominou com inacreditável habilidade. Mais uma vez, mostrou uma força incomum para um idoso. Depois de dominá-los, transformou suas facas e seus bastões em flores. Os agressores urinaram de medo em suas roupas. Assustados, bateram em retirada.
– Sou ilusionista – brincou H, para um Napoleão perplexo.
– Como é possível? Que força é essa?
– Conheci os especialistas em artes marciais. “Lutei” com Bruce Lee. Estive presente quando ele morreu, aos trinta e dois anos, de edema cerebral. Também presenciei a cena em que seu filho, Brandon Lee, foi morto acidentalmente aos vinte e oito anos. Imagine a surpresa, onde deveria haver uma bala de festim, havia uma verdadeira. Vi mitos morrerem cedo e frágeis viverem até não dar mais. Conheço muitas alegrias e dores indizíveis, homem. Vi sábios se tornarem loucos e loucos se tornarem sábios.
H tirava o fôlego de qualquer um, bastava abrir a boca.
Napoleão continuava sem saber se tudo que estava vivendo era real ou imaginário. Com calma, H se aproximou de um edifício, abriu uma porta e ambos saíram do inferno das ruas para o céu de um salão bem iluminado e pomposo. Havia um mundo a ser explorado naquele lugar.
A revolução e a guilhotina
O salão tinha quadros belíssimos, colunas torneadas com capitel de flores, piso rústico e mobília com estrias de madeira que expressavam a resiliência

às intempéries do ambiente. Todos os elementos davam um toque de beleza. Mas a placidez do espaço exterior contrastava com os níveis de tensão interior dos ocupantes das cadeiras que lá estavam.
– Onde estamos? – perguntou Napoleão, seduzido pela beleza.
– Retornamos a Paris. Estamos no Parlamento francês.
Os deputados estavam todos reunidos em círculo, num anfiteatro com degraus de mogno africano e cedro finamente polidos.
Napoleão ia disparar outra pergunta, mas H desviou seu pensamento.
– Preste atenção no discurso daquele jovem.
Com uma oratória surpreendente, o rapaz dizia:
– Um balanço da jornada revolucionária queima em nosso peito. A fome, a miséria, a injustiça, a desigualdade, a escassez de altruísmo, tudo isso que percorre as artérias da sociedade francesa sob a regência de Luís XVI deve ser estancado.
E o jovem continuou sua preleção. Napoleão bebeu das suas palavras.
– Esse político tem muito futuro. Quem é?
– Vá cumprimentá-lo. Não há ninguém ao seu redor, pois ainda não é um expoente na arena política francesa.
Impelido por H, Napoleão se aproximou e o elogiou:
– Parabéns por seu discurso. Fiquei comovido.
– Muito obrigado senhor. Qual seu nome? E de onde é?
– Sou Napoleão. Sou de terras distantes. E seu nome?
– Maximilien de Robespierre.
Eles apertaram as mãos. Napoleão olhou para H, impressionado.
– Maximilien?
– Sim.
– O garoto que foi abandonado pelo pai.
– Como você sabe?
– Desculpe-me, apenas me veio essa ideia na cabeça… – E
Napoleão saiu, atordoado.
Tinham-se passado mais de vinte anos desde a cena do pequeno garoto suplicando para o pai voltar para casa. Quando H
abriu a porta do edifício, ocorreu a mudança de tempo. Mais uma vez, fez para si a pergunta que não queria calar: “Que homem é este que tem esse poder?”. Mas estava cansado de fazê-la. Era melhor navegar no oceano de dúvidas à deriva do que tentar aportar num lugar impossível de ser ancorado. Em vez de indagar sobre H, perguntou sobre o outro personagem.
– Esse jovem parlamentar é aquele garoto que ajudei?
– O mesmo.
– Mas afinal de contas, quem é Maximilien de Robespierre?
H meneou a cabeça, descontente com Napoleão:
– Políticos! Falam muito, mas leem pouco! – E não respondeu.
– Mas eu sou um homem de muita leitura.

– Mas depois que seguiu a carreira política, justo quando mais deveria ler, estacionou, passou a ler muito menos. Tem tempo para debater no Parlamento, mas não para conhecer universidades, empresas inovadoras, métodos de gestão. Você está anoréxico, emagreceu sua cultura, homem.
H foi saindo do ambiente e, ao abrir outra porta, viu a mesma Câmara dos Deputados, só que meses depois. Dessa vez, os discursos de Robespierre chamavam mais atenção.
– Meses se passaram. Estamos agora em 25 de janeiro de 1790.
É impossível não notar um jovem deputado com essa eloquência e vibração. Maximilien de Robespierre dizia:
– É o fim das indicações políticas para os cargos. Ninguém deveria exercer qualquer cargo público por indicação, a não ser por
seus talentos e virtudes.
– É incrível. As suas ideias são atualíssimas. Ele queria introduzir a meritocracia, acabar com o fisiologismo e tornar eficiente a máquina pública – comentou Napoleão, admirado.
– Exatamente. Foi um começo notável.
Em seguida, H comentou com Napoleão que Robespierre, aos trinta e um anos, assumiu a liderança do Partido dos Jacobinos, em abril de 1790. Tornou-se um dos principais oradores da Assembleia Constituinte e proferiu mais de duzentos e sessenta discursos. O
Clube dos Jacobinos representava uma das alas mais duras dos revolucionários, o que fez de Maximilien um dos principais articuladores da Revolução Francesa.
– Ninguém defendia o Estado como Robespierre, ninguém atacava a corrupção como ele. Seu pendor para a justiça era tão forte que, em maio de 1791, conseguiu o seu maior sucesso parlamentar: nenhum membro daquela Assembleia poderia ser eleito na legislatura seguinte. São dele estas palavras: “Os franceses livres e respeitados como um rei”. “A mesma autoridade divina que ordena aos reis serem justos proíbe aos povos serem escravos.”
– Sua fama de defensor do povo lhe valeu um apelido. Sabe qual?
– Talvez Salvador da Pátria.
– Não. Esse foi o apelido que lhe deram no último discurso que você fez. Maximilien de Robespierre foi apelidado de Incorruptível.
– Também fui apelidado assim – apressou-se em afirmar, cheio de orgulho, o candidato à presidência.
– Eu sei, mas você o é?
– Preciso pensar – disse, caindo em si. Sabia que não era.
– Pense como juiz, com imparcialidade. – E o misterioso idoso acrescentou: – Não se conhece um homem por seus discursos, mas por suas ações. Não se conhece suas ações quando está em público, mas quando está só, longe dos olhares sociais. A solidão revela o homem…
– Faz sentido.

– Jamais se esqueça. Um governante não governa apenas com leis, mas também com seus fantasmas, raiva, medo, ciúme, inveja, vingança, traumas da infância.
– Nunca analisei a governabilidade sob esse ângulo. Mas novamente faz sentido. Homens brilhantes podem libertar seus fantasmas quando ascendem ao poder e ter governos desastrosos –
refletiu Napoleão. Não tinha ideia de que estaria construindo sua própria armadilha.
– O que acha da postura de Maximilien?
– Notável. Tem tudo para ser um excelente governante. Mas a França, anos depois, foi dominada por Napoleão Bonaparte – disse Napoleão de Alcântara. Parecia haver uma venda nos seus olhos que o impedia de enxergar o verdadeiro Maximilien de Robespierre. Sabia pouco sobre ele.
– Em um dos seus memoráveis discursos você disse que a liberdade, a igualdade e a fraternidade pulsam em suas artérias!
Lembra-se?
– Claro.
– Eis o homem que foi a alma delas!
Maximilien, mais conhecido como o famoso Robespierre, foi o ideólogo mais intenso e radical da Revolução Francesa. Ele encarnou como nunca as teses do seu último discurso.
– Surpreendente – disse o político, animado.
– Você é um privilegiado em ter conhecido Maximilien quando criança e agora como um político em ascensão.
– Não sei como você me trouxe aqui, H, mas agradeço. Estou respirando ao vivo e em cores o espírito da Revolução Francesa.
Estou maravilhado.
H continuou discorrendo sobre Robespierre. Disse que foi um dos raros defensores do sufrágio universal e da igualdade dos direitos, defendendo a abolição da escravatura e o fortalecimento das associações populares.
Embora a igreja tenha sido um dos principais alvos da revolução, Robespierre acreditava na existência de um Ser
Supremo.
– Robespierre cunhou essas instigantes palavras, que estão entre as mais belas da literatura universal e passaram quase despercebidas: “Se a existência de Deus e a imortalidade da alma não fossem senão sonhos, ainda assim seriam as mais belas de todas as concepções do espírito humano”.
– De fato, são belas – atestou Napoleão, registrando-as em sua mente para aproveitá-las em seus discursos para cativar seus eleitores.
– Pode um homem como este praticar atrocidades? –
questionou H, encarando o político.
– Juraria que não. Um homem espiritualizado com essas teses, que exalta a meritocracia e promove o ser humano comum ao status de um rei, deve ser dotado de tolerância, generosidade, altruísmo.

H deixou escapar uma lágrima.
– O inferno social e econômico está cheio de políticos bem intencionados.
– Como assim? – comentou o criminalista, franzindo o rosto.
– Espere e verá com os próprios olhos.
– Você me dá calafrios, H.
O homem de eloquência ímpar, de palavras que adoçam o paladar dos seres humanos sofridos, eleito em 1789, Robespierre pouco a pouco ganhou proeminência no Parlamento francês. Viciou-se no poder, foi controlado por ele e, aos poucos, seus opositores deixaram de ser adversários e se tornaram inimigos a serem abatidos, tal qual em muitas famosas democracias.
O vírus do radicalismo ideológico infectou Robespierre, que transformou a política numa praça de guerra. Começou a atacar os girondinos, uma ala mais aberta da revolução. Foi um dos que pediram a condenação do rei Luís XVI. Usou a guilhotina para cortar sua cabeça, em janeiro de 1793, e a de Maria Antonieta, meses depois.
Queria cortar o passado de forma cruel. E fez escola, ensinou os bolcheviques a cometerem violências um século depois para impor a ideologia socialista. H, em seguida, colocou as mãos no pescoço de Napoleão, que sentiu um arrepio na coluna.
– As ideias servem à ideologia, e a ideologia serve ao ser humano. Inverter essa ordem gera o terrorismo de Estado, o religioso e o filosófico. Em julho de 1793, no comando do Comitê da Salvação Pública, Robespierre passou a perseguir os inimigos da revolução.
– Como pode um homem altruísta praticar o terror?
– O terror vivido em Paris na cálida sexta-feira de 13 de novembro de 2015 durou algumas horas e trouxe inimaginável sofrimento, mas o terror vivido em Paris nos anos de 1793 e 1794 foi longo e dramático.
H e Napoleão se aproximaram de Robespierre. Este estava proferindo a sentença a Danton, um dos revolucionários. Um diálogo penetrante se travou entre os dois pensadores.
– Você é um perigo para a revolução, Danton – afirmou Robespierre, com uma escolta a sua volta.
– E você, Maximilien de Robespierre, é um perigo para a França.
– Exijo respeito! – esbravejou Robespierre.
– Exijo liberdade! – reagiu Danton.
– Terá, quando sua cabeça rolar.
Danton fora condenado à guilhotina.
– Somos companheiros políticos – disse Danton enquanto seguravam seus braços.
– E hoje somos inimigos irreconciliáveis – completou o pensador da revolução.
Após esse injusto julgamento, H se voltou a Napoleão.
– No auge da ditadura de Robespierre, foi instaurada a fase do Grande Terror, que condenou à guilhotina milhares de opositores políticos. O

radicalismo dos revolucionários preparou a França para seu mais famoso ditador: Napoleão Bonaparte. A França mergulharia num calabouço, num cadafalso estrangulador.
Napoleão estava impressionado com o movimento pendular do ser humano.
– Parabéns, ilustre candidato à presidência. A quem muito é dado, muito será exigido – exaltou H a Napoleão, que sentiu uma vertigem.
– Dispenso suas ironias – respondeu o político.
– Suas palavras o comprometem.
– Não brinque comigo. Deixe-me em meu canto – disse Napoleão, preocupado. Desconhecia a identidade de H, mas o conhecia o suficiente para saber que ele era capaz de armar as maiores confusões para um ser humano.
– Vamos lá fora, Napoleão. Sua grande lição ainda está por vir.
– Desculpe-me, preciso ir ao banheiro.
– Vamos conversar com Robespierre. Aliás, um candidato à presidência deve ser um homem destemido.
Napoleão se recusou. Plantou-se no lugar onde estava. Olhava ao redor para saber onde era a porta de saída. Como se intimidou, Robespierre, junto com guardas, veio na direção dele.
– O homem está vindo, H. Vamos cair fora.
– Mas espere um pouco. Não foi você quem ficou entusiasmado em saber quem era Maximilien de Robespierre? Não foi você quem proclamou que os ideais da Revolução Francesa pulsam em suas artérias?
– Bem, um homem inteligente muda de ideia.
– Mas tem um apelido de homem imutável. Alguém que erra pouco. Lembra? Vá até ele e convença-o de que ele está sendo um ditador, de que o poder o contaminou. Convença-o a defender a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Vá!
– Você está louco? Esse maluco vai cortar minha cabeça.
– Mas até há pouco tempo você o admirava. Cadê o criminalista que livrava sociopatas do cárcere? Onde está o advogado ousadíssimo que atirava água no rosto do júri para mudar o movimento emocional dele?
Napoleão começou a perder a cor. Tentou bater em retirada, mas sentia suas pernas muito pesadas.
– Ah, o medo, esse velho fantasma, o vampirizou de novo.
Nesse momento, H soltou uma rajada de vento pela boca e impeliu Napoleão ao encontro de Robespierre. Este era quinze anos mais novo que Napoleão. Napoleão travou sua boca, mas Maximilien de Robespierre observou bem sua face e o reconheceu.
– Espere um pouco! Você foi o homem que me deu apoio quando eu suplicava para meu pai retornar para casa!
Constrangido, Napoleão fez que sim com a cabeça.
Robespierre completou:

– Espere. Você também foi um dos primeiros a me cumprimentar pelos meus discursos quando iniciava a carreira política.
Novamente Napoleão confirmou, constrangido. Robespierre o abraçou.
– Somos irmãos. Temos os mesmos ideais.
De longe, H soprava: “Fale”. Mas o poderoso político permanecia como uma múmia. Então, H fez Napoleão abrir a boca e repetir algumas de suas últimas frases sobre a personalidade de Robespierre.
– Um homem espiritualizado que exalta a meritocracia e que promove o ser humano comum ao status de um rei deve ser dotado de tolerância e generosidade.
– Muito obrigado – agradeceu Robespierre.
Mas Napoleão repetiu sua última conclusão. Era impossível calar, mesmo falando de forma truncada.
– O homem incorruptível… corrompeu ao máximo sua mente, infectou até a última célula da sua emoção. Eu sou advogado.
Quando se estabelece um tribunal injusto, os julgamentos são convenientes, políticos, divorciados dos fatos.
– O que você está dizendo? Você está questionando meus julgamentos? – indagou Robespierre, num ataque de raiva.
– Você defendeu a igualdade, a liberdade e a fraternidade como pérolas da revolução, e agora atira ao lixo suas crenças –
disparou Napoleão.
Robespierre deu um passo para trás diante da coragem do homem que outrora o ajudara e o aplaudira. Contraiu os dentes, furiosamente. E Napoleão, por fim, não se aguentou:
– Maximilien de Robespierre, um líder que não é fiel às suas palavras tem uma dívida impagável com sua consciência.
Robespierre e todos os que estavam com ele ficaram chocados com tais palavras. Vendo alguns de seus pares recuarem das atrocidades que estavam cometendo, o eloquente e ferino líder da revolução rapidamente interveio:
– Quase me persuade a mudar de ideia! Suas belas palavras são a fina flor da artimanha dos que querem destruir o sonho da Revolução Francesa. – E sentenciou Napoleão. – Guardas, degolem este traidor!
E pegaram Napoleão e o arrastaram até a guilhotina. Napoleão ficou desesperado, gritava por socorro. Pensou na sua esposa, pensou nos filhos, pensou no apagar das luzes da vida, esse episódio misterioso em que a existência deixa de pulsar e encontra a fonte das incertezas, o vácuo. Mas ninguém o ouvia. Apelou para H.
– H, não me abandone. Tire-me daqui.
Mas H apenas abaixou sua cabeça, entristecido com seu desterro. Vendo a inércia dele, Napoleão teve um ataque de fúria.
Debatendo-se nas mãos dos carrascos, bradava:
– Você me colocou nessa! Eu exijo, salve-me!
Mas o mais misterioso dos personagens estava inerte, paralisado.

Um dos carrascos, vendo a reação do mais recente sentenciado à guilhotina, comentou:
– Eis um dos maiores covardes a perder sua cabeça.
O sol reluzia sobre a lâmina, que se levantou de forma mordaz sobre o pescoço de Napoleão. Ela desceria em menos de um segundo.
Seus olhos se fechariam para sempre, ele perderia o que mais amava, o sonho da presidência seria uma miragem.
– Por favor. Tenho esposa e filhos. Poupem-me.
O semideus encontrou a realidade crua: sempre fora um simples mortal. Sairia da vida e entraria nas páginas da história. Mas não entraria como herói, e sim como alguém que cintilou na sociedade e desapareceu sem deixar vestígios. De cabeça para baixo, verteu sobre o solo gotas de lágrimas que se misturaram com o mar de sangue dos outros guilhotinados.
Todo carrasco constrói seus monstros Os 86 bilhões de neurônios que constituíam o cérebro de Napoleão estavam em pânico total diante do átimo final. No instante em que o carrasco prendeu a cabeça do político e começou a desamarrar a pesada lâmina, ele gritou:
– Nãããooo!
O céu começou escurecer. Parecia que a Lua tinha se interposto entre o Sol e a Terra, gerando um eclipse total. Mais uma vez, raios cortaram o céu. Não se via mais nada. Silêncio completo, nenhum gemido, parecia que mais uma vida fora ceifada pelo homem que exaltara a democracia na Cidade das Luzes, Paris.
De repente, o cenário tétrico e frio mudou. Um foco de luz reluziu, expondo o centro do palco de um grande anfiteatro, e aos poucos desenhou a silhueta de um corpo estendido ao chão, inerte, sem fôlego, sem vida. Todavia, o corpo começou a distender seus músculos, movimentar suas articulações, como se ganhasse um sopro existencial. Sentou-se no chão. Ouviu-se um choro inexprimível. A luz incidiu sobre a face do personagem, expondo sua identidade.
– O que aconteceu? Estou vivo ou morto? – disse, continuando seu pranto. – Débora, onde está… você… Felipe… Fábio, meus filhos. Eu os amo…
Os grandes homens também choram, se não com lágrimas úmidas, pelo menos com lágrimas secas, ocultas debaixo do tapete da sua maquiagem social. Napoleão já não era um semeador de sonhos, mas de pesadelos. Suas palavras e seus movimentos encenavam um sofrível monólogo. Era o único ator encenando uma única peça para apenas um espectador que ele não enxergava. Passou as mãos no pescoço e proclamou, atônito.
– Cadê o sangue? Este é meu corpo físico? Não é possível! Fui guilhotinado em nome da Revolução Francesa… Meu coração não pulsa em meu peito. Meu sangue não corre em minhas artérias. Sou destituído de vida. Será este ambiente gélido o destino de todo mortal, uma tumba fria? Mas como pode ser gigantesca? – Limpou os olhos com a mão e se surpreendeu: – Espere! Por que sinto minhas lágrimas encenando no

palco do meu rosto? Por que ainda estou consciente? A imortalidade proclamada pelos religiosos é uma realidade?
Suas perplexas indagações fluíam como um rio caudaloso que circulava pelos circuitos cerebrais e traduzia-se em gestos dramáticos, notáveis. O homem que nunca participou de uma peça teatral revelara-se um excelente ator. Shakespeare se emocionaria.
Eis que o único espectador sensibilizado pelo monólogo irrompeu em aplausos.
Napoleão se virou assustado para a plateia sob a penumbra.
– Alguém está me ouvindo?
– Você ainda está vivo, homem! Pelo menos por enquanto.
Napoleão ficou felicíssimo ao ouvir aquela voz conhecida. Era o personagem que o fazia viver o drama e a comédia, aplausos e vaias, tal como a vida é.
– H? Que bom que está aqui! – Afirmou, mas em seguida cerrou o semblante e indagou: – Por que me aflige?
– Não sou eu. Você está passeando pelas páginas dos livros.
– Mas não quero vivê-las. Não as suporto!
– Todo líder deveria experimentá-las.
– Mas por quê?
– Por que usam a guilhotina com muita facilidade!
– Discordo veementemente! A guilhotina foi um instrumento de Maximilien de Robespierre e de outros franceses radicais. Não de homens democratas.
– Será? A guilhotina emocional, tão sutil e tão cortante, é usada frequentemente no teatro da política, das empresas e até das universidades – disse H, olhando ao redor daquele imenso teatro, como se ele fosse uma metáfora do mundo.
– Mas... dessa atrocidade você não pode me acusar!
– Memória curta, memória conveniente, meu caro.
Responda-me, por favor. Em cinco segundos se faz um grande discurso?
– É obvio que não! Apenas se proferem algumas palavras.
– Em cinco segundos se faz uma grande caminhada?
– Não, é claro. Apenas se dão alguns passos.
– Mas em cinco segundos no território da emoção pode-se mudar uma vida para o bem ou para o mal. Pode-se decepar a autoestima, a identidade e a história de um ser humano. Professores que sentenciam “você não vai virar nada na vida!”, parceiros que dizem um ao outro “não te suporto!”. Momentos rapidíssimos podem construir cárceres cerebrais.
Napoleão embargou a voz diante do intrigante H. Não tardou para ser posto em xeque.
– Certa vez, seu filho mais velho, Fábio, tinha dez anos. Era ansioso, agitado, estabanado, mas divertido, transparente. Era 30 de março, dia do seu aniversário, gente poderosa estava na festa do político em ascensão. Já não era mais prefeito, mas deputado federal.
Fábio correu atrás do mais novo, Felipe. Seu olhar de desaprovação parecia engoli-los. De repente, ele caiu em cima da mesa com comida.

– Sim, foi… desastroso – comentou o criminalista.
– Para quem ama o circo seria um momento de aplauso, mas, para quem coloca sua imagem social acima de tudo, foi um desastre.
Estragou sua festa. Sob ataque de ira, você disparou na frente dos convidados: “Você me envergonha! Só me decepciona!”.
– Mas eu precisava colocar um limite.
– Não confunda jamais limites com a guilhotina. Você a usou com requinte com seu garoto. Ele parou assustado. Estava chorando.
Já tinha sido punido por ter consciência de que derrubou a comida.
Mas você esqueceu que era o melhor advogado de defesa. Foi um juiz implacável: “Nem parece meu filho! Vá para seu quarto, moleque!”. E você se esqueceu dele. Esqueceu de chamá-lo para cantar parabéns, para jantar, para conversar sobre o assunto.
– Tive a melhor das intenções – falou, embaraçado.
– O inferno emocional está cheio de pessoas bem intencionadas. Corrigir é fundamental, sentenciar é desastroso. Você se esqueceu de que também foi jovem, falhou e frustrou seus pais.
Mostrou sua autoridade, mas perdeu seu filho.
– Mas não imaginei que isso o machucaria tanto.
– Em dez segundos você gerou uma janela traumática duplamente poderosa, com o poder de sequestrar o Eu e de retroalimentar-se. Sabe quantas vezes seu filho ancorou-se nesse arquivo e reproduziu a cena? Cento e vinte e sete vezes. Raramente alguém assiste a um filme mais do que três ou quatro vezes, mas certos traumas são lidos, relidos e registrados de volta. Freud ficaria perplexo se tivesse estudado esse pernicioso mecanismo. Sabe quantas vezes Fábio sentiu-se desamado, pensando que você valoriza mais seu cargo do que a ele? Cento e setenta e seis vezes. Você não percebeu que os olhos dele nunca mais brilharam quando o via?
Napoleão quase desmaiou ao ouvir os dados desse misterioso personagem que sondava os pensamentos. Estava convencido de que pilotara muito mal sua aeronave mental.
– Nunca reparei…
– Você é um mestre em observar e desarmar deputados, senadores e até ministros, mas não observou que seu filho nunca mais o beijou espontaneamente? Sua presença o inibe. Cortar pessoas de nossa história porque nos frustram é desumano. A guilhotina física é brutal, a guilhotina emocional é cruel.
Caindo em si, Napoleão colocou as mãos no rosto e comentou:
– Meu Deus… Como somos despreparado para ser pais! O que faço com a culpa?
– A culpa branda corrige rotas, a culpa intensa fomenta autodestruição. A escolha é sua.
Expressando generosidade depois de colocar Napoleão frente a frente com seus erros como educador, H tirou uma maçã tenra e suculenta de dentro da bolsa que carregava e a entregou. O político, embora faminto, estava

sem apetite. Queria voltar no tempo e resgatar seu filho, pedir desculpas, curar feridas. Comeu-a como se
estivesse digerindo sua fragilidade e sua falibilidade. Enquanto nutria-se, não tirava os olhos do seu mestre.
– A vida é assombrosamente breve para se viver e espantosamente longa para se errar – afirmou H, que parecia perscrutar com um microscópio eletrônico os meandros da personalidade humana. Nada escapava à sua observação. H, apesar de não usar disfarces, não ter medo de nada e de ninguém, expressava uma simplicidade fascinante para alguém que tinha um poder de descortinar a mente que juízes, promotores, psiquiatras e psicólogos jamais sonharam.
– Tenho que admitir que a vida humana é brevíssima para se velejar e longuíssima para naufragar no oceano da existência –
parafraseou Napoleão, inspirado na tese de H. Estava começando a abandonar o raciocínio linear e a organizar o raciocínio complexo.
– Parabéns, homem. Está sendo poético – comentou H, exaltando-o logo depois de mostrar seus erros.
– Estou chorando por dentro. Preciso reescrever minha história.
– Certamente. Você deixou seus amigos dos tempos de anonimato pelo caminho.
– Como assim? – indagou confuso.
H comentou que seu melhor amigo, Dilberto, o havia procurado havia seis meses e ele sequer enviara uma mensagem em resposta. Sua tia Doroty, que cuidara dele como uma segunda mãe, estava doente, mas havia dois anos não a visitava.
– Sarah, a prima de quem você mais gostava na adolescência, precisa de recursos financeiros para fazer uma cirurgia. Tentou recorrer a você, mas não conseguiu chegar até o homem famosíssimo e ocupado.
– Sou, infelizmente, muito ocupado.
– Um empresário, um ator, um esportista, um escritor, um político de sucesso, todos têm muitas desculpas, algumas pertinentes, outras estúpidas. O sucesso é mais difícil de ser trabalhado que o fracasso. O risco do homem de sucesso é se
transformar numa máquina de trabalhar, ter mil atividades para perpetuar o próprio sucesso.
Napoleão parou para mais uma pausa reflexiva.
– O sucesso tem efeitos colaterais tão grandes quanto seus benefícios – comentou Napoleão, exercendo a autocrítica.
– Mais uma vez poético. E o maior efeito colateral é colocar pessoas caríssimas no rodapé de sua história – afirmou H. – Sarah está com câncer.
– Mas como? Eu não podia imaginar… – disse, arrependido.
– Como falei, há muitas formas de guilhotinas. A indiferença é uma das piores delas.
– Meu Deus, e eu pensava que era um homem com poucos defeitos.

– Os defeitos de um ser humano não estão na sua face, mas nas suas costas. E sabe qual foi o destino de Maximilien de Robespierre, justo quem se converteu no carrasco da guilhotina?
– Não lembro.
– Mas sabe o princípio que já abordei: todo carrasco constrói seus próprios predadores.
– Os ditadores jamais triunfam.
– A política financeira desastrosa que Robespierre imprimiu, as atrocidades que cometeu com seus adversários e seu idealismo radical fizeram com que caísse em desgraça. No dia 27 de julho de 1794, foi feito prisioneiro. A Comuna de Paris ainda tentou defendê-
lo, mas a sua insurreição fracassou.
– Que impressionante!
– Impressionante foi seu fim. Depois de assassinar milhares de pessoas, foi guilhotinado em Paris no dia seguinte, 28 de julho, sem ter sido julgado, junto com o seu irmão, Augustin de Robespierre, e mais vinte de seus colaboradores.
– Bebeu do seu próprio veneno.
– E, depois de bebê-lo, proferiu suas últimas palavras, que podem ser consideradas o seu epitáfio: “A morte não é o sono eterno.
Mandai antes gravar: a morte é o início da imortalidade!”.
– É estranho que homens poderosos invoquem a Deus, mas não um deus acolhedor, que dá tantas chances quantas necessárias, mas um deus castrador, que satisfaz seu ego.
– Maximilien de Robespierre desenvolveu um culto à sua personalidade, construiu um deus à sua imagem e semelhança, estabelecendo a religião do ego, a mais intolerante e implacável das religiões. Quem não rezava a sua cartilha caía em desgraça.
Napoleão ficou impactado com essa discussão. Refletindo sobre sua história profissional, comentou:
– Por ser criminalista, estudei os grandes crimes da história, mas nunca havia refletido sobre esse tipo de religião, a religião do ego, como fonte de criminalidade, como celeiro de exclusão social.
Stalin não tinha um deus formal na União Soviética, mas o culto à personalidade e o culto à ideologia socialista tornaram-se seus rituais religiosos.
– Correto! – disse H. – Stalin, como sacerdote da religião do ego, assassinava seus opositores à noite e, de manhã, tomava café com as esposas deles sem peso na consciência.
– Um dos provérbios mais lindos da história é: “Deus conta as lágrimas dos homens adultos; as das mulheres, Ele chora com elas; com as crianças, Ele sofre junto”.
– Desconheço esse provérbio, mas ele é de extrema sensibilidade. Depois de uma pausa, H refletiu sobre o adoecimento da espécie humana.

– As pessoas que têm traços marcantes de radicalismo, egocentrismo e individualismo não reconhecem suas falhas e têm necessidade neurótica de poder, que é um deus da religião do ego.
Sua meta é que outros gravitem em sua órbita. É muito fácil para ateus ou devotos de qualquer religião construírem a sua própria religião. Uma religião dentro da sua religião. Há deuses nas religiões, nas empresas, nas universidades e, em destaque, na política. E você, homem, é um desses deuses? – indagou H a Napoleão.
– Eu nunca pensei nisso – disse Napoleão. – Mas pensando agora, talvez...
– Talvez? Transparência, como é difícil encontrá-la! – comentou H, aspirando o ar como se fosse um raro perfume. – Você dissimula, distorce, trapaceia ou mente em média sete vezes por dia.
– Tudo isso? Não é possível. Sempre me achei transparente.
– Meu departamento de estatísticas não erra.
– Que departamento é este? Tudo parece tremenda loucura!
– Sim, é loucura. Você machucou as pessoas mais próximas mais de cem vezes neste ano e pediu desculpas duas vezes e, ainda assim, sem espontaneidade. Não estou falando sobre certo e errado, falha e acerto. Esse binômio é doentio, depende da interpretação.
Estou falando de pessoas feridas por você, algo que senti na própria pele! Sua dificuldade em reconhecer erros e pedir desculpas, seu orgulho inflado, isso sempre o posicionou como um deus. Sim, reitero, é loucura. Quer ver os episódios em que atropelou as pessoas?
– Não, não precisa.
– Na humanidade, em seu tempo, no século XXI, há mais de cinco mil religiões formais. E quantos deuses ou religiões do ego existem? Pelos meus cálculos, quase um terço da espécie humana. Há dois bilhões, trezentos e dez milhões, cento e vinte e sete mil e doze seres humanos que cultuam seu próprio ego, são ególatras, orgulhosos, individualistas em diversos graus. Não reconhecem, erros, não pedem desculpas, não sabem se colocar no lugar dos outros. Grande parte é constituída de homens, pois as mulheres são mais generosas. Todas as religiões têm seus ególatras. Alguns são brutais, mas a maioria é apenas carrasco de si mesma, já que uma pessoa egocêntrica nunca é feliz.
Depois dessas palavras, H fez uma pausa. Então disse:
– E outros noventa e dois seres humanos postularam-se deuses durante minha fala.
Napoleão, mais uma vez, ficou assombrado com seu professor. H era um contador de episódios da corrupção, das lágrimas, das loucuras e das fraquezas dos homens. A espécie humana, a única que pensa e tem consciência de que pensa em meio a mais de oito milhões de espécies, havia se tornado uma fábrica de deuses. O mestre arrematou:

– Muitos homens querem ser empresários, muitos empresários querem ser políticos, muitos políticos querem ser reis, muitos reis querem ser deuses, mas raramente um homem quer ser um simples ser humano.
A humanidade estava perdendo a sua essência.
O agrônomo que assassinou milhões Adolf Hitler também desenvolveu a religião do ego na plenitude. Era um homem que citava constantemente a "Providência". A
"Providência" o predestinou, o comissionou, o autorizou…
Desenvolveu inclusive uma oração semelhante ao Pai nosso em que exaltava o partido nazista e a raça ariana. Ao ouvir a explanação de H, Napoleão aproveitou para fazer um questionamento que havia décadas, desde os tempos de criminalista, o inquietava.
– Jesus era judeu. Como Hitler, que era marcadamente egocêntrico, o encarava?
– No começo o admirava; depois, à medida que Hitler ascendeu ao poder e construiu a religião do ego, o Jesus judeu tornou-se um problema para quem massacraria esse povo. Hitler passou a considerá-lo um judeu frágil, com uma ética feminina, que distribuía deliberadamente o perdão a tudo e a todos, que cometia o sacrilégio de dar a outra face aos seus inimigos.
Depois de fazer uma pausa reflexiva, H perguntou:
– O que você acha de dar a outra face, Napoleão?
– Admiro muito Jesus, mas ele exagerou nessa tese.
– Depende de como você interpreta o que é face.
– Como assim?
– Se interpretá-la como a face física, refletirá submissão, mas, se interpretá-la como face mental, refletirá maturidade. Elogiar primeiro a pessoa que erra, para depois tocar em seu erro, abre o circuito da memória, oxigena a capacidade de pensar de seu inimigo.
Essa é uma forma solene de dar a outra face.
– Nunca analisei por esse ângulo.
– Não analisou porque você sempre foi implacável com seus desafetos. Um homem que não sabe dar a outra face sempre será um colecionador de inimigos. Não tem proteção emocional, compra o que não lhe pertence, qualquer contrariedade o invade e o infecta. Em especial, não sabe encantar pessoas difíceis.
Esse argumento tocou o político. Tinha admiradores e adversários como raros. Depois disso, H começou a descrever a personalidade de Hitler.
– Você pode criticar Adolf Hitler como o maior psicopata da história, mas sua capacidade de seduzir as pessoas e sua eloquência eram incomuns. O líder nazista era um sumo-sacerdote da religião do ego muito acima da média.
– Que ele era eloquente eu sabia, mas que era sedutor, jamais.
– O solteirão Hitler se curvava diante das mulheres nos teatros e nas festas, beijava delicadamente suas mãos e as levava ao delírio. No palco social, era

elegantíssimo; nos bastidores, violentíssimo. Por isso, algumas mulheres que se relacionaram com ele se suicidaram.
– Impressionante e aterrador – falou Napoleão. – Que relação há entre o francês Robespierre e o austríaco Hitler?
– Além de invocarem a Deus segundo seu ego e de considerarem seus governos messiânicos, achavam-se insubstituíveis, salvadores da pátria. Hitler era muito mais versátil e astuto que Robespierre. Era um estrangeiro, tosco, não tinha biotipo ariano nem era versado na cultura alemã, mas se colocou como o alemão dos alemães. E a imprensa teve culpa no processo de agigantamento de Adolf Hitler no inconsciente coletivo dos alemães.
– Como assim?
– No episódio conhecido como Putsch da Cervejaria de Munique, onde um bocado de jovens enfrentou as tropas do governo, os alemães se dissiparam, mas ele, Hitler, se apresentou como responsável. Foi preso e na prisão escreveu um livro de autoajuda radical, saturado de teses superficiais sobre economia, gestão pública e exclusão social: Minha luta. E, quando foi julgado, não se intimidou perante o juiz. Embora fosse forasteiro, declarou-se o alemão dos alemães, se curvou em amor pela pátria, uma falsa paixão. E a imprensa escrita e as rádios deram vozes ao ilustre desconhecido oito anos antes de ele se tornar chanceler. Exaltaram um político completamente despreparado para dirigir um botequim.
– Foi rápida sua ascensão? – indagou Napoleão, cujo crescimento na política fora de uma velocidade impressionante.
– Meteórica! É uma regra, um ditador sempre sobe meteoricamente ao poder. Em 1918, Hitler era um simples soldado que circulava perturbado e fragilizado na Primeira Guerra, trazendo e levando notícias do front para o quartel. E, pasme! Quinze anos depois lá estava ele como o todo-poderoso dirigente da Alemanha, dominando com mão de ferro os generais, marechais e brigadeiros das Forças Armadas do país.
– Quase inacreditável. Sempre me interessei pela história de Hitler, mas nunca fiz essa correlação temporal.
A humilhação com a derrota na Primeira Guerra, a fragmentação da liderança política e outros elementos criaram um caldo de cultura que permitiu a esse austríaco revelar seus talentos como o maior manipulador da emoção da história.
– A engenharia emocional patrocinada por esse homem rude, inculto, depressivo, de hábitos noturnos, foi surpreendentemente trágica. Hitler conquistou algo que jamais outro político conseguiu: o inconsciente coletivo e o território da emoção das crianças e adolescentes. Por isso, eles formaram, em massa, a Juventude Hitlerista, regada a redações, peças teatrais e músicas que exaltavam o líder e os ideais nazistas.

Napoleão ficou chocado ao descobrir o nível de culto à personalidade fomentado por Hitler, inclusive através do cumprimento “Heil Hitler!”. Os jovens alemães que um dia perderiam suas vidas na guerra por causa da sua megalomania foram seduzidos quando tinham idades entre sete e doze anos.
– Conheci alguns traumas que Robespierre vivenciou e que o moldaram. Que atrocidades Hitler viveu que o transformaram num monstro?
– A personalidade de Hitler é um caso incomum.
– Como assim?
– Hitler não tinha um histórico de traumas na infância como Robespierre, capazes de transformá-lo no maior sociopata da
Europa.
– É difícil acreditar nisso.
Quando Napoleão colocou em xeque a tese de H, este não se chateou, apenas caminhou até o fundo do palco, colocou os ouvidos sob a porta e comentou:
– Silêncio. Ouça o menino que ateará fogo no continente.
– Não ouço nada.
– Venha, vamos entrar.
– Recuso-me a entrar nos bastidores deste teatro.
– Não tema, estamos no teatro do tempo.
– Pior ainda.
Como Napoleão resistia, H fez um gesto como se estivesse laçando-o com uma corda invisível. Napoleão sentiu-se arrastado.
– Você não tem esse direito!
– É melhor entrar comigo do que ficar no meio do conflito que se desenrola neste palco – comentou H, irônico.
Napoleão se viu então dentro de uma guerra, com bombas caindo próximo dele, rajadas de metralhadoras. Era melhor seguir H
se quisesse sobreviver ou não ficar louco. Ao abrir a porta, saíram do cenário de guerra. Entraram na sala da casa de uma família típica.
– Parece uma família conversando – comentou o político, respirando aliviado.
– Vamos nos aproximar. Eles não nos perceberão – afirmou H.
Era o ano de 1900. Os pais estavam conversando com seu filho de onze anos, que havia nascido em 20 de abril de 1889 na pequena cidade de Braunau, na Áustria. H e Napoleão se sentaram em duas cadeiras de madeira cujo assento era de pelo de cabra. Os pais estavam acomodados no velho sofá de madeira com almofadas vermelhas trançadas a mão. O menino estava entre o pai e a mãe. Ela acariciava seu filho. Preocupada com sua trajetória de vida, comentou:
– Filho, você vai ser um grande artista plástico. Seu talento é inegável.
– Mas preciso melhorar meu traço.

– Klara, você não percebe os talentos desse garoto – disse o pai, corrigindo a esposa. E, voltando para o menino, completou, num tom mais austero: – Eu acho que você deve seguir o canto, a música.
– Não, Alois – rebateu a mãe. – Em alguns anos nosso filho irá para Viena. Adolf se matriculará na Escola de Belas Artes.
– Você decide – falou o pai, contrariado.
– Prefiro as artes plásticas, meu pai – disse o filho, timidamente.
– Tudo bem. Mas, se não tiver êxito, criará abelhas comigo –
reagiu o pai, que tinha um emprego estável na Alfândega, mas era um homem que amava a natureza. E levantou-se.
A mãe e o filho ficaram na sala por mais alguns instantes. Ela o beijou na testa.
– Será um grande artista.
Em seguia, eles saíram do ambiente. Napoleão, durante a fala, fixava-se na imagem do garoto e estava incrédulo.
– Esse menino mimado é Adolf Hitler? O homem dos campos de concentração, das guerras-relâmpago, do assassino de milhões de pessoas?
– O próprio.
Tomado por raiva, Napoleão sugeriu:
– Porque não… não…
– Tem coragem de assassiná-lo?
– Eu… – falou ofegante.
– O futuro não muda o passado, mas o passado pode mudar o futuro.
– Mas quase morri pelas mãos de Robespierre.
– De fato, você representa o futuro.
Depois dessa reflexão, Napoleão acrescentou:
– Cadê o abandono pelo qual Hitler passou, tal qual Robespierre? Onde estão as privações, os traumas, os abusos que formataram o sociopata?
– Eis o paradoxo hitleriano: você não precisa ser devorado na infância para se tornar um devorador na vida adulta. Os estresses pelos quais Hitler passou na formação de sua personalidade foram
“normais”, embora cada personalidade possa digerir de forma diferente os estímulos estressantes.
H comentou que, mais tarde, Adolf Hitler se inscreveu na escola de Belas Artes de Viena, mas o professor que o avaliou considerou que ele não estava apto a seguir o curso. Ele nunca se esqueceu desse trauma. Por isso, durante a Segunda Guerra, poupou Paris, a cidade das artes, de ser bombardeada. Por isso, também, tornou-se o maior espoliador e o maior comprador de obras de artes de toda a Europa.
– Se o professor de artes plásticas de Viena tivesse aceitado o jovem Hitler em sua escola, talvez tivéssemos um artista plástico medíocre, mas não um dos maiores monstros da história. Nas mãos dos professores passam alunos que um dia se tornarão “médicos” ou
“monstros”. Se eles soubessem disso, dariam uma atenção especial à sua plateia.

Depois dessas palavras, H olhou para o horizonte e emendou:
– Ah, educação cartesiana que exalta a mecânica de Newton, o mecanismo de ação e reação, tão importante para a física e tão atroz para as relações sociais. Quantas guerras e violência você não patrocinou?
Napoleão observava a face triste do seu mestre. Parecia que ele gemia junto com os miseráveis nos capítulos mais cáusticos da história.
– Se Hitler foi poupado de grandes traumas na infância, de que forma ele foi gestado, então, como sociopata?
H encarou Napoleão:
– Há dois tipos de sociopatas. O primeiro é forjado na infância pelos traumas. Esse destrói alguns, mas não consegue ter ascensão política. Felizmente uma minoria se torna agressiva quando atravessa o caos. O segundo é formado pelo adestramento mental.
Alguns desses sociopatas têm habilidades para dirigir nações e levar ao calabouço toda uma geração. São os sociopatas funcionais.
Ideias racistas, antissemitas, ideologia radical, embates constantes com marxistas, oposição ferrenha ao Tratado de Versalhes, crítica atroz aos líderes da Alemanha, inflação alta, desemprego em massa, tudo isso ajudou a forjar o caráter messiânico de Hitler.
– Robespierre e Stalin foram forjados pelas duas escolas.
Hitler viveu a segunda, em especial.
– Nunca imaginei que o cérebro humano pudesse ser adestrado com facilidade.
– Às vezes com mais facilidade do que cães. Um animal não se autodestrói – disse H. – Esqueceu-se da religião do ego? Partidos políticos radicais, ideologias egocêntricas, fundamentalismo religioso são fontes de adestramento mental.
– Que espécie é essa tão inteligente e tão sujeita ao cabresto? – Questionou Napoleão, frustrado com a humanidade.
– Venha.
– Para onde?
H abriu uma porta e o cenário mudou. Estavam no campo.
Havia uma casa agradável, um curral com algumas vacas e um barracão onde se criavam galinhas. Era um dia de primavera, um clima ameno.
– Eu amo a natureza – comentou Napoleão, aspirando o ar puro. – Onde estamos?
H também inspirou o ar.
– Ah, eu amo o ar da Bavária.
– Bavária, Alemanha? – perguntou, animado, o advogado.
– Sim. Deixe-me mostrar algo interessante.
Era o ano de 1919. Eles se aproximaram do barracão das aves.
Havia um escritório ao lado do barracão cheio de gaiolas e um jovem dezenove anos, que estava cursando a escola técnica de ciências agronômicas de Munique. Dedicado, fazia algumas experiências de cruzamento. Eles estavam imperceptíveis ao jovem.

– O que ele está fazendo? – questionou Napoleão.
– Selecionando frangos. Estudo genético.
O jovem fazendeiro era dedicado, compenetrado, introspectivo. De repente seu pai o chamou na sede da fazenda.
– Venha almoçar, garoto!
Ele demorou mais cinco minutos. O pai insistiu. Quando o jovem foi almoçar, H e Napoleão o acompanharam como se fossem invisíveis. Ao chegar perante o pai, ele disse:
– Acho que estou conseguindo.
– O quê? – indagou o pai, desconfiado.
– Frangos... mais robustos – falou, timidamente.
– Tenho minhas dúvidas – disse o pai que costumava duvidar da capacidade do filho.
– Vai dar certo.
Seu pai era culto, reitor de uma universidade, mas impaciente. Os dois foram almoçar. Antes disso, o jovem lavou as mãos três vezes. Era inseguro, preocupado com doenças. Flertava com a hipocondria.
– Preciso voltar para as minhas experiências – disse o jovem, tão logo almoçou.
H e Napoleão o acompanharam. Em seguida, o homem que conhecia todos os capítulos da história comentou:
– Pode alguém ligado às ciências agronômicas ser uma ameaça social? Como criminalista, você vê neste selecionador de frangos um potencial assassino?
– Só se for de vacas e galinhas – disse Napoleão, com deboche.
– Venha. Vejamos.
H abriu uma porta do barracão e, em seguida, trocaram de ambiente novamente. Entraram numa casa pálida, cujos móveis estavam despedaçados e atirados ao chão. Rajadas de metralhadoras eram ouvidas nas ruas. Pareciam estar num gueto.
– Onde estamos? – perguntou Napoleão assustado.
– A solução final já começou. A caçada infernal contra judeus está em curso.
– Como assim? A destruição em massa dos judeus? – disse, sentindo um frio na espinha. – Meu coração não vai aguentar, H.
Passamos pela infância de Hitler, fomos visitar um jovem fazendeiro e agora me coloca num clima de terror. – Mas, de repente, ficou intrigado: – Espere um pouco! Quem era aquele selecionador de frangos...?
– As atrocidades da Segunda Guerra têm segredos para os quais nem os historiadores atentaram.
Mal H terminou de dizer essas palavras, policiais entraram arrombando a porta da sala.
– Judeu! – gritaram.
Pegaram Napoleão e o arrastaram para fora de casa. H permaneceu imperceptível.
Os soldados o espancaram no caminho.

– Ai, ai… H, por favor!
Arrastaram o candidato à presidência até o todo poderoso líder da mais atroz polícia da história, a SS. Napoleão sangrava pela boca, estava ofegante, atirado ao chão. Seu olhar começou a subir da bota de couro do líder, passando pela farda e pela suástica, até fixar no olhar frio do homem, que parecia insensível como um deus implacável. Não podia acreditar, estava pasmado. Reconheceu o jovem que tinha aptidões agrárias. Era um dos maiores carrascos da história: Heinrich Himmler.
O jovem agrônomo que selecionava frangos agora era um selecionador de seres humanos, o responsável pela limpeza racial, por preservar a raça ariana. A loucura chegara aos limites máximos.
Em nome de Hitler, Himmler criou e construiu os campos de extermínio. Como facilitador e supervisor dos campos de concentração, Himmler foi responsável pela morte de cerca de seis milhões de judeus e cinco milhões de não judeus, incluindo poloneses, ciganos, presos políticos e homossexuais. Nunca um amante da natureza detestou tanto a humanidade. Seu fim, como o de seu adestrador, Hitler, foi o suicídio.
Quando um líder de uma nação delira, trata-se de um surto individual; quando os seus assessores deliram com ele, a nação torna-se um hospício. Himmler também chutou Napoleão e o ofendeu impiedosamente, algo típico dele.
– Esses ratos estão em todo lugar.
Napoleão urinou nas calças devido ao estresse violento que sofreu. O candidato à presidência de um país numeroso precisava implantar políticas educacionais que contemplassem ferramentas mais nobres para promover a paz social. Ele começou a entender que era vital intensificar a incorporação de imigrantes à cultura, à saúde e à educação. H acreditava que somente a igualdade de oportunidades e a educação da emoção, de nativos ou imigrantes, nas escolas, nas empresas e nas igrejas, levariam as pessoas a pensarem como humanidade. Brancos e negros, árabes e judeus, nativos e imigrantes, deveriam se enxergar como uma só família. Sem essa política, a Europa continuaria a ser um barril de pólvora.
– Eu mesmo mato esse verme. Quero estourar seus miolos – afirmou o carrasco-mor da SS.
Napoleão procurou assustado por H. Mas ele desaparecera. Os pulmões de Napoleão estavam na velocidade máxima, parecia que iriam entrar em colapso. Himmler apontou sua arma para a cabeça do homem e, quando apertou o gatilho e se ouviu o estampido da bala, Napoleão deu um grito estridente que quase matou Débora, sua esposa, de enfarte. Sem entender como, ele estava em sua cama, mais uma vez em estado de pânico.
– O que foi, querido? Mais um pesadelo? – ela disse, colocando a mão sobre seu peito para acalmá-lo.
– Oh, Débora. Que bom ouvir a sua voz.
– O que aconteceu? Sua boca está sangrando.

– Ai. Minhas costas – disse ele, sentindo dor ao se movimentar. – Se eu contasse, você me internaria.
– Me conte. Sou sua esposa.
– Quase fui degolado e depois, assassinado. O que está acontecendo comigo, meu Deus? Estou enlouquecendo, Débora.
– Acalme-se querido, essa campanha está te matando.
– Onde está o Fábio? Preciso muito conversar com ele.
– Também acho. Mas ele está passando alguns dias na casa de um amigo. Se distanciou da campanha.
Débora tratou suas feridas, deu-lhe um analgésico e um anti-inflamatório. Napoleão estava tão fatigado que se entregou à cama.
Dormiu profundamente. Tinha de se preparar para a jornada da candidatura, tinha também de montar alguma estratégia para nunca mais encontrar H. Convocou padres, pastores, rabinos e outros líderes religiosos para fazer preces. Queria espantar o misterioso homem da sua história. Nunca amara tanto um professor e, paradoxalmente, nunca tivera tanto medo de revê-lo.
Direito de escolher
Napoleão tentou se recompor no café da manhã, mas ainda sentia dores nas costas. Lembrou-se de H. Tudo parecia tão real e tão surreal, tão concreto e tão imaginário. Faltavam vinte dias para as eleições. As estatísticas demonstravam que estava com 31% das intenções de votos, empatado tecnicamente com seu principal oponente, Carlos de Mello, da situação, que tinha 32%. Havia 16% de eleitores indecisos e outros 21% estavam tão desanimados com os líderes políticos e com a corrupção no país que diziam que votariam em branco. Não queriam exercer o direito solene de escolher. Tinham perdido a confiança na classe política, acreditavam que, na essência, eram iguais, gravitavam em torno do seu próprio umbigo, areia da mesma praia, farinha do mesmo saco.
– Vamos ganhar, Napoleão – diziam os especialistas em marketing, destacando a baixa taxa de rejeição do candidato.
– Vamos conter nossa euforia e trabalhar – Napoleão dizia com propriedade.
No dia seguinte, ele se preparava para mais um debate televisivo, um dos mais importantes da campanha. Estava no camarim. Seus assessores de marketing o instruíam.
O marqueteiro chefe, João Gilberto, já o chamava de presidente. A autoestima tinha de estar em alta. Olhou bem em seus olhos e ensinou:
– Presidente, olhe bem na lente da câmera. Mesmo quando não tiver certeza de um dado, fale com convicção.
Napoleão, sempre questionador, perguntou:
– Por que não dizer a verdade João? Por que não dizer simplesmente “não sei” quando não conhecer a resposta e ser sincero dizendo que vou procurar me informar?

– Estou te estranhando! Marketing político é um jogo de faz de conta. Cerca de 80% das pessoas não leem jornal e não vão checar os números. Dos 20% que leem, 15% não sabem interpretar dados,
são analfabetos funcionais. Portanto, uma resposta errada, mas dita com convicção, tem muito mais peso que um honesto “não sei”.
– Você não está subestimando o povo, João Gilberto? Sua orientação é carregada de prepotência.
– Estatísticas, Napoleão.
– Mas, se falta educação para a população em geral, vamos procurar educá-la. Sem transparência, não existe educação; sem educação, não se constrói a autonomia de um povo.
O chefe do marketing respirou profundamente.
– Belas palavras. Mas estamos num coliseu. Esqueceu-se disso?
– Não, estamos numa campanha.
João Gilberto ficou intrigado com a repulsa de Napoleão. Ele tinha convicções fortes, mas era influenciado com frequência pela sua equipe de marketing.
– Olhe bem nos meus olhos, Napoleão. Se quiser ganhar esta campanha, tem de confiar em mim e no meu time. Já lhe disse e repito: a disputa para o Senado, que foi exitosa, é diferente da de presidente. Agora, você não pode vacilar. Ao ser questionado, fale com convicção os dados, ainda que imprecisos. E, se seu adversário corrigi-lo, será a sua palavra contra a dele.
– Você está me induzindo a mentir?
– Não o estou entendendo. Você me ouvia mais. O que quero dizer é que é preciso fazer com que os eleitores se convençam de que você sabe o que está falando.
João Gilberto ganhava muito dinheiro na campanha, mas tinha direito a um excelente extra em caso de vitória. Mas para ele havia mais do que dinheiro em jogo, havia o seu ego. O sucesso do seu candidato era seu sucesso pessoal, de sua astúcia, sua habilidade.
Não importava para João Gilberto o sucesso do país. Vendo as convicções sólidas do candidato à presidência, outro assessor de marketing, Fernando, interveio com rapidez.
– Todos nós sabemos do seu caráter, Napoleão. Sua postura é digna de aplausos. Se não quiser mentir, dissimule, dê respostas
evasivas.
– Dissimular é a primeira lição que se aprende em política.
Não é essa uma forma colorida de mentir? – repetiu Napoleão irado, batendo na mesa.
João Gilberto, espantado com a postura do candidato, acrescentou:
– Saia pela tangente, em especial se tiver que falar medidas impopulares. Cuidado! Não se sabote.
Ao ouvir isso, Napoleão lembrou-se de H. João Gilberto e H
eram dois professores completamente diferentes. Diante disso, ele questionou o líder de marketing.

– Você está pensando no seu bolso ou na nação?
– Caramba! Parece que estamos em times diferentes! – disse João Gilberto, que era ansioso e autoritário. – Estou pensando em você. Tenho vinte e quatro anos de estrada em marketing político. A maior parte das campanhas que fiz foi vitoriosa, principalmente quando os candidatos eram flexíveis e me ouviam. Você era mais maleável, mas nos últimos dias está…
– Intratável, incontrolável, indomável! – disse Napoleão, irritado. – É isso o que você quer dizer?
– Não – dissimulou o marqueteiro, diminuindo o tom de voz.
Era a primeira vez que um candidato que ele orientava o enfrentava. João Gilberto era uma referência no mercado. Todos os candidatos que assessorava tinham de ler sua cartilha. Era um homem temido e admirado. Abaixou a crista e disse: – Quis dizer que é indiferente à derrota.
Napoleão fez uma pausa e comentou:
– Quero vencer, sem dúvida, mas a qualquer preço, João Gilberto?
– O que está acontecendo com você? Você está mudado. Quem está fazendo sua cabeça? – indagou Carvalho, o tesoureiro da campanha.
– Defendo políticas de Estado capazes de dar sustentabilidade à nação, independente de quem for vitorioso. Se as medidas que tomarei forem impopulares, explicarei os motivos e pronto, mas não evitarei comentá-las. Caso contrário, se ganhar as eleições, como as implantarei? Que credibilidade terei?
João Gilberto coçou a cabeça.
– Entendemos, Napoleão, sua posição. Mas excesso de transparência é ingenuidade política, é suicídio eleitoral. Ninguém vota em político trator, que atropela a sociedade. Não toque em sacrifícios sociais. Venda o país das maravilhas.
– Você está louco, homem – disse, usando a expressão de H. – Não está entendendo que o país pode quebrar! Nos últimos vinte e cinco anos, as despesas com a previdência evoluíram de 2,5% do PIB para 7,5%, a despesa primária da União. Os gastos para sustentar a máquina governamental, neste período, que eram de 13,7% do PIB, chegaram a 22,5%. Uma empresa que gasta mais do que ganha vai à falência!
– Mas isso não é culpa sua! – afirmou Carvalho, categoricamente. – Esse é um problema causado pelos governos anteriores, em especial o atual.
– Tornou-se meu problema, Carvalho. Não sou um E.T. Estou no Senado há oito anos. Todos os políticos, sejam da oposição, como nós, sejam da situação, têm sua cota responsabilidade. É responsabilidade minha traçar política de Estado e não política de partido, deputado – falou para o tesoureiro. E depois voltou-se para o chefe do marketing:
– Sabe a diferença entre política de partido e de Estado, João?
– Está querendo me sabatinar? – disse, com rispidez.
– Sem dúvida! É um absurdo um homem do seu nível ser leigo nessa área.

– Para o marketing não há grandes diferenças – reagiu, constrangido.
– Sempre saindo pela tangente. A política de partido está matando esse país. Ela é paternalista, conveniente, torna-se um projeto de grupos políticos para se perpetuar no poder. Política de Estado transcende partidos, ultrapassa egos, objetiva construir os
alicerces de uma sociedade mais justa, empreendedora, com mais oportunidade, com inflação controlada, com custeios responsáveis e investimentos a médio e longo prazos.
– O povo está cansado de teoria. Depois de ganhar as eleições, você resolve a equação.
– Você não ama seu país, homem. Um governo que gasta mais do que arrecada comete um crime contra seu povo. Não é sustentável.
Este país precisa mais de ação e menos de papagaios, mais trabalho e menos discursos.
– Está me chamando de papagaio? – falou João Gilberto, irritadiço. Nunca ninguém enfrentara e ofendera tanto o ícone do marketing.
– Serviu a carapuça?
Carvalho comentou:
– João Gilberto está certo. A massa tende a votar em super-heróis. Em candidatos que vendam a ideia de que são salvadores da pátria.
– Maximilien de Robespierre e Hitler foram dois salvadores da pátria. Foram dois terroristas de Estado.
– Quem é Robespierre? E por que trazer esses nome à tona agora? Nós podemos perder a eleição!
– Quero o voto consciente.
– Realmente você está estranho. É a sua vida, é o seu sonho!
– Mas não será meu pesadelo.
– Todo político queria estar às portas dessa vitória! Voto é voto, consciente ou não! – afirmou Carvalho.
– O voto consciente é o voto das pessoas que querem um norte, o que, no meu ponto de vista, significa um farol sinalizando que o Estado será menor e mais eficiente; que o ensino médio será técnico profissionalizante, e não um colegial vazio; que a educação deixará de ser conteudista e passará a ser proativa, instigante e investigativa; que as faculdades particulares que tenham condições materiais e intelectuais possam oferecer cursos de mestrado e doutorado sem restrições; que as universidades públicas se aproximem das empresas; que seus professores e pesquisadores formem centros de excelência e sejam encorajados a desenvolver produtos, ter patentes e a enriquecer sem culpa.
– Gostei! – disse João Gilberto, curvando-se ao projeto de Napoleão. Mas, em seguida, ele o decepcionou.
– O voto consciente será um norte para desburocratizar a sociedade. O voto de quem espera que poderá abrir uma empresa em dois dias e fechá-la em três; que a idade mínima para se aposentar passe de forma escalonada aos sessenta e cinco anos. Quero os votos de quem sonha com um norte.

Todos ficaram surpresos com as palavras de Napoleão. João Gilberto, o chefe de marketing, desferiu suas palavras.
– Eu pensava que o conhecia, mas acho que me enganei.
Sinto-me traído, pois você nunca se abriu completamente comigo. O último item sobre o qual falou, a Previdência Social, é explosivo. Se não o embalar melhor, desista.
– Não pensa no futuro do país, João? – disse o candidato, indignado.
– Olhe, Napoleão, infelizmente, ou não, no marketing político o que vale não é o conteúdo, mas a embalagem, como o vendemos.
– Isso é um sequestro do direito de escolher.
– Não, esse é o jogo. Essas são as regras.
– Vocês subestimam o julgamento das pessoas na era digital.
Será que elas são tão ingênuas que não conseguem ver a diferença entre falácia e conteúdo?
– Pesquisas demonstram que não – disse João Gilberto. –
Certa vez um repórter, trajando um elegante terno, foi entrevistar pessoas nas ruas de uma cidade dos Estados Unidos, perguntando se elas sabiam que o país estava sendo atacado por zumbis. Por incrível que pareça, muitas ficaram apavoradas. O mesmo repórter, usando roupas muito mais simples, fez a mesma entrevista com outras pessoas. Todas acharam que era piada.
Depois de contar essa história, o chefe do marketing reafirmou:
– É a embalagem o que conta.
– É interessante como a mente pode ser encarcerada. Mas não vou jogar esse jogo. As pessoas não são zumbis.
Marlus, outro assessor de marketing, incomodado com a rebeldia do candidato, interferiu:
– Uma simples fita zebrada, embora baratíssima, pode impedir uma multidão de circular numa rua. Por outro lado, vários carros Ferrari, dispostos um atrás do outro para impedir as pessoas de circularem, não as impedirão. João Gilberto está certo. Não é o conteúdo, é a representação; não é a essência, é aparência que conta no inconsciente coletivo. Bem-vindo ao marketing político.
– Se essa é uma condição, não os quero na minha campanha.
– Você está louco, Napoleão – esbravejou Carvalho, o tesoureiro. – Você entrará num debate fundamental em minutos.
Milhares de empresários e investidores estão colocando dinheiro na sua campanha. Eu abandonei tudo para te servir. Que bicho o mordeu, cara?
– Não foi um bicho, Carvalho, quase perdi a cabeça.
Calisto, o senador que era fiel escudeiro, foi mais ponderado.
– Napoleão, adoce a pílula, deixe-a com um gosto mais agradável e, depois que assumir o governo, mostre suas garras.
– Calisto, meu amigo. Num país democrático fazer política é a arte da negociação, não do radicalismo. Eu sei, eu sei, eu sei – repetiu em tom de voz alto. – Mas negociação é diferente de negociata.

Mudanças duras exigem sacrifício de todos. Que as medidas sejam amargas e rápidas, mas implementáveis. Nunca leu Maquiavel?
– Não – respondeu Calisto.
Os assessores não conseguiriam mover um milímetro do pensamento do candidato, que estava sendo massacrado pelo estranho H, nem arredariam pé do que pensavam. Jogadores do mesmo time, estavam agora em lados opostos.
– Ok. Mantenha suas ideias, seja fiel ao seu projeto mas, pelo menos, ataque Carlos de Mello. Não dê trégua ao seu opositor,
mesmo quando ele estiver correto.
– Combater por combater?
– Exatamente! Se ele rebater, eleve o tom de voz e volte a atacar – orientou o renomado João Gilberto, marqueteiro. Nunca um candidato lhe tirara tanto o chão.
O debate televisivo começaria em cinco minutos. Não seria possível passar nenhuma outra orientação. Para dar ao camarim um clima mais suportável, João Gilberto olhou para o relógio e saiu do inferno da tensão para o céu do prazer. Tentou sutilmente afagar o ego rebelde de seu candidato:
– Relaxe e escute, presidente! Pense: “Em poucos dias poderei ser o homem mais poderoso desta nação”. Você irrigará a sociedade com seus projetos. E, de quebra, terá seu nome nos anais da História.
Será um homem lembrado por gerações. Ah, o poder é bom. O poder é o júbilo dos júbilos. É melhor que o gozo do Oscar, que o deleite do Nobel, que o sabor do Grammy, que o amor das mulheres. O poder é uma bomba de endorfina para o cérebro, leva-o ao êxtase, ao último estágio de prazer. Ah, o poder é insubstituível! Todos os que ouviram o especialista em marketing político salivaram como se fossem machos no cio. Impactados, aplaudiram-no com entusiasmo antes de dirigirem os aplausos ao candidato.
Um homem ousadíssimo
O time de marketing que assessorava Napoleão, capitaneado por João Gilberto, era muito experiente, já havia contribuído para eleger um presidente, cinco governadores e três senadores. E tinha uma boa chance de emplacar mais um presidente. Quando saiu do último encontro, o líder da equipe confessou aos auxiliares:
– Napoleão Bonaparte teria sido mais fácil de domar.
– Que candidato se propõe a ir contra as receitas básicas do marketing político? – reclamou Marlus.
– Parece que foi comprado pelo adversário – refletiu o chefe.
Os dois adversários foram chamados ao centro do palco do debate, que seria transmitido pelo mais importante canal de tevê do país. O âncora do principal jornal da emissora seria o moderador.
Faria as perguntas, controlaria as réplicas e as tréplicas e o tempo de cada uma das respostas.
Na primeira metade do debate, Napoleão, por ser mais culto, eloquente, rápido nas respostas, brilhou. Sobressaiu-se ao oponente.

Na segunda metade, os políticos que participavam de sua campanha e que estavam na primeira fila, vários deles sonhando ser ministros, faziam sinais demonstrando que ele estava sendo generoso e explicativo demais.
De fato, Napoleão deixou de lado suas táticas de criminalis ta combativo para ser um político didático, preocupado em expor suas ideias e propostas.
No final do debate cometeu o sacrilégio de elogiar uma das propostas do candidato.
– Eu concordo com a proposta de Carlos Mello. Ela é importante, inclusive será observada em meu governo.
João Gilberto queria morrer ao ouvir essas palavras. Queria que seu candidato fosse implacável com o adversário. Carlos de Mello não perdeu tempo.
– Estão vendo, senhoras e senhores, sou tão bom que meu adversário quer votar em mim.
A plateia deu gargalhada. Napoleão, embora constrangido, não se deixou ser provocado, não comprava suas ironias. Rebateu:
– Se você tiver meu caráter e propostas semelhantes às minhas, votarei em você.
Todos deram ainda mais risadas com Napoleão. Seu adversário, apesar de ter ouvido todas as suas propostas, quis mostrar para o telespectador que Napoleão não sabia o que estava fazendo ali.
– O candidato não tem projeto de governo. Está me plagiando.
Na tréplica, Napoleão, frustrado, disse:
– Você foi muito bem treinado pelos seus marqueteiros. Não tem opinião própria. É assim que você quer governar a nação?
Dissimulando, atacando por atacar? Não estamos num circo, senhor, o que está em jogo é a vida de milhões de seres humanos.
A plateia ficou compenetrada. Gostou do que ouviu de Napoleão. De repente, o modulador do debate fez uma pergunta sobre o espinhoso tema da Previdência Social.
– Senhor Napoleão, qual foi o déficit da previdência nos últimos anos e que medidas o senhor tomará se for presidente para que, nas próximas décadas, a aposentadoria de milhões de trabalhadores seja garantida?
O político tinha os dados na cabeça, mas andava tão estressado que achou difícil resgatar os números na memória. Lembrou-se da conversa que teve com seus assessores. Deveria sair pela tangente ou dar números imprecisos, mas dotados de convicção. Corrigir esses déficits exigiria políticas impopulares que poderiam sepultar não apenas um presidente, mas abortar qualquer candidatura de alguém que aspirasse ao cargo.
Napoleão olhou brevemente para seus assessores. Eles indicavam com os lábios, como se estivessem gritando aos seus ouvidos: “Dissimule!”, “disfarce!”, “camufle!”. O candidato fez uma pausa, respirou profundamente e teve a coragem de dizer:
– Se não reformamos a previdência, colocaremos em risco o pagamento de milhões de aposentados. – E repetiu o dado alarmante

que havia dado para João Gilberto, seu líder de marketing. – Há vinte e cinco anos, a previdência consumia 2,5% de tudo que o país produzia, do petróleo à produção de carros, da produção do agronegócio aos serviços, enfim, do PIB. Hoje, o rombo é tão gritante que consumirá 7,5%. Ou seja, se não estancarmos essa hemorragia, não apenas a Previdência poderá falir, mas se tornará num buraco negro que poderá sugar as finanças da nação, levando-a à bancarrota.
– E a solução? – indagou o jornalista que moderava o debate.
– A solução? Será difícil como um paciente que chega a um hospital nas últimas: ou é operado, ou morre. Às vezes nem dá tempo de aplicar a anestesia.
Os assessores de marketing menearam a cabeça, indignados.
Era o momento ideal para dar respostas evasivas e não comprometer sua campanha. Poderia falar em fator previdenciário, dizer que sua equipe analisaria os dados, consultaria o Congresso, que avaliaria as melhores propostas para não prejudicar o contribuinte. Havia mil maneiras de escamotear seu ponto de vista.
– Vamos, dê a solução! – instigou seu oponente, querendo que ele abordasse as medidas impopulares.
– Precisaremos ou aumentar os impostos, ou aumentar a idade mínima para se aposentar, respeitando os que estão na iminência da aposentadoria. Enfim, entre outras reformas, precisamos urgentemente elevar a aposentadoria para sessenta e cinco anos de idade, ainda que de forma escalonada. Se não o fizermos, o país vai quebrar em menos de duas décadas.
Não deu tempo para Napoleão explicar em sua resposta, mas o que ele propunha para impedir o caos da previdência e da nação era que quem estivesse na ativa trabalhasse metade do tempo a mais do que faltava para ter o benefício. Para quem estava próximo de se aposentar, os direitos seriam mantidos, mas, a quem faltavam quatro anos, seriam necessários outros dois, restando, portanto, seis anos para a aposentadoria; e assim por diante. Além disso, ele propunha um gatilho para aumentar a idade de aposentadoria à
medida que a vida média da população aumentasse. Pela perspectiva dele, se não se curar esse câncer orçamentário, as crianças e os jovens de hoje, quando forem adultos, não conseguirão, com seus impostos, suportar a aposentadoria dos mais velhos. A falta de atitude agora seria um crime contra nossos filhos e os filhos dos nossos filhos. Indicativos demonstravam que, sem essas e outras reformas, países da Ásia, como Japão e Coreia do Sul; da Europa, como França e Alemanha; da América Latina, como México e Brasil, quebrariam o sistema previdenciário até 2040. A aposentadoria, de paraíso do trabalhador, passaria a inferno social.
Os assessores de Napoleão tiveram ataques de pânico. Estavam inconformados. O que ele chamava de honestidade não passava, para eles, da mais pura ingenuidade política. Acreditavam que ele jogara no lixo seu

sonho da presidência. Seu adversário salivou como um predador preste a atacar sua presa. Chegou o momento de seu questionamento, e ele foi ferino:
– Estão vendo, senhoras e senhores? Meu adversário está violentando o direito dos trabalhadores. O seu direito inalienável depois de anos de trabalho. Com sacrifício vocês pagam impostos e, agora, ele quer sequestrar seus direitos, sua aposentadoria. É neste homem que vocês querem votar?
Na tréplica, Napoleão assustou a todos:
– Vou ser claro. Se querem alguém que continue com essa política previdenciária desastrosa, não votem em mim. Ou fazemos sacrifícios agora, ou num futuro breve o câncer que está nos órgãos internos da sociedade nos matará. A expectativa de vida aumentou e o recolhimento da previdência dos trabalhadores na ativa não terá como suportar os trabalhadores aposentados.
– Observem, senhoras e senhores, esse homem tem uma bomba social e quer atirá-la nos braços dos trabalhadores – disse Carlos Mello, desrespeitando as regras do debate ao interferir na tréplica do concorrente.
Para Napoleão, todos deveriam ter uma cota de sacrifício em nome de um país viável. Minutos depois, encerrou-se o debate. O
time de Napoleão, deputados e senadores de partido e que formavam a coalizão, ao se recolherem para avaliar o desempenho do candidato, o criticaram severamente. Foram cruéis.
– O debate estava ganho. Sua eleição estava garantida – disse João Gilberto.
– Você atirou na lama a oportunidade de massacrar nosso oponente – disse Carvalho, o tesoureiro da sua campanha.
– Tentei ser fiel à minha consciência.
– Consciência? Há mil pessoas envolvidas em sua campanha – comentou o ambicioso senador Marcos Paulo, que sonhava em ser ministro. Achou que sua campanha daria uma guinada para baixo.
– Milhões de reais gastos por semana. Uma dificuldade enorme de arrecadar dinheiro para financiar a campanha – atacou Carvalho. – Cadê seu sonho?
– Tenho vontade de abandonar sua campanha – disse o marqueteiro-chefe. – Não é possível trabalhar para alguém incapaz de ouvir orientações lúcidas. Parece que quer passar a faixa presidencial para seu opositor!
– Não passe vontade. Abandone-a – afirmou Napoleão, cheio de coragem.
– Calma, gente – ponderou o senador Calisto. – Napoleão, não sei o que se passa em sua cabeça, mas você não tem a mesma ambição de antes. Falta-lhe garra, entusiasmo, sede pelo cargo.
Napoleão ficou arrasado. Ainda teve fôlego para dizer:
– Estou tentando colocar a sociedade em primeiro lugar, de forma menos ufanista e mais inteligente.
Sua mulher, Débora, estava presente. Somente ela o poupou.
– Eu gostei das suas colocações. Você foi sincero. Esse é o homem com quem me casei. O que tiver de ser, será.

– Débora, política não é superstição – disse João Gilberto.
Carvalho achava que Débora estava estragando seu marido.
Resolveu chacoalhá-la:
– Sei que atrás de um grande homem há sempre uma grande mulher. Mas...
– Atrás não, senhor Carvalho. Ao lado e, muitas vezes, à frente aliviando seu estresse, abrindo-lhe a mente, inspirando sua ousadia. Mas esse massacre não ajuda meu marido.
– Deixe de ser feminista. Estamos às portas da eleição –
irritou-se Marcos Paulo.
E assim se dissiparam. Cada um foi para sua casa, todos atentos às pesquisas de opinião e às notícias da mídia. Para espanto dos políticos que o assistiam e do seu time de marketing, Napoleão foi considerado o vencedor do debate. O povo estava cansado do teatro político. As pessoas não aguentavam mais líderes que discursavam como ventríloquos e não tinham propostas concretas.
As propostas de Napoleão afetariam todos os que estavam na ativa, mas foram simpáticos quanto à sua transparência. Todos que pensavam em abandoná-lo retornaram.
– Parabéns! – disse João Gilberto.
– Mas você me apunhalou.
– Errado. Eu o instiguei para que seguisse seus instintos. Esse é o melhor marketing.
– Quer dizer que vocês nunca perdem. Se me lasco é porque não os ouvi, se sou aclamado é porque vocês provocaram meu instinto animal. Onde está a verdade, João Gilberto?
– Pergunte a Einstein. Marketing é a teoria da relatividade!
Napoleão lembrou-se de quando H o advertiu: políticos atiram para todos os lados tentando acertar seus alvos. O marketing também estava nessa conta. Diante da pesquisa de opinião, sua motivação cresceu.
– Se há o relativo, há o absoluto.
– Parabéns, nunca vi alguém como você. Você nega seus princípios? – disse João Gilberto, elogiando e questionando, como uma serpente ziguezagueando na mente de Napoleão.
O candidato à presidência foi fisgado.
– Não, não nego! Não sou Pedro, eu me chamo Napoleão Anacleto de Alcântara Filho – disse, de forma orgulhosa, o candidato à presidência.
Esquecera-se por instantes de curvar-se
humildemente diante da vida. Esquecera-se da máxima que aprendera: a vida é assombrosamente curta para se viver e espantosamente longa para se errar.
A necessidade neurótica de poder Um homem perplexo estava nos porões escuros de algo que parecia um palácio, um castelo ou uma arena. As tochas iluminavam os labirintos que se espalhavam por todo o subsolo. Andava cambaleante, embriagado, não pelo álcool, mas pela ansiedade.

Tateava as paredes revestidas com mármore travertino, sentia os poros da pedra com a ponta dos dedos. Fatigado, se apoiou nas grades que estavam ao seu lado. De repente, quase desmaiou de medo
– viu algumas feras atirando-se contra ele para atacá-lo.
Tinha se apoiado numa jaula de leões. O trauma foi de tal ordem que perdeu o fôlego, teve uma breve crise asmática. Suas mãos foram arranhadas pelas garras dos animais. Os rugidos despertaram outras feras que ali dormiam. Leopardos, panteras e leões entoavam uma sinfonia horripilante. O barulho era ensurdecedor, parecia que toda a África estava ali, concentrada, desnudada, dobrada aos pés da vaidade dos poderosos. Mais uma vez, esse nobre continente serviria de pasto para saciar os instintos do animal humano.
O homem atacado começou a correr no labirinto. Não sabia onde estava e para onde fugir, só sabia que era impossível ficar plantado no mesmo lugar. Num rompante, um personagem saiu da penumbra e o agarrou. Mais um tremendo susto e um grito forte, como o de uma presa querendo escapar do seu predador.
– Aaaaah!
Mas eis que a pessoa que o agarrara o conhecia.
– Napoleão, sou eu!
– O quê? H? Você de novo!
O homem cujo dicionário de vida não tinha a palavra medo, agora continha as palavras ansiedade, crise, tensão, desespero, fobia, conflito, enfim, todas as derivações do medo em cada uma das suas páginas. O homem que não tinha tempo para morrer, passou a iluminar sua mente para compreender que ataques de pânico e medo
da morte não eram atributos dos fracos, mas dos amantes da vida.
– Tente se controlar.
– Impossível! – Depois, demonstrando irritação, comentou:
– O que você aprontou agora? Faz dias que não aparece. Pensei que não apareceria mais, em especial depois que pedi ajuda para me livrar de você.
– Interessante. Você queria me espantar por meio da ação de religiosos.
– Como soube?
– Esqueceu-se de quem sou?
– Não sei quem você é. Nem sei quem sou.
– Mas, me diga, estava com saudades do seu mestre?
– Em hipótese nenhuma – reagiu.
– Uma pena, pois eu estava.
– Você esgota meu cérebro. Mata-me aos poucos. É difícil ter saudade. Ao levar-me ao limite, introduziu-me no tecido da história e da minha história, abriu meus olhos… Mas basta!
– Eu entendo! Amo a humanidade como os homens não amam. Mas os homens sempre cuspiram em meu rosto, me humilharam, me transformaram em capacho, esfregaram seus pés sujos sobre mim.
– Não sei quem é você, mas eu não fiz isso!

Uma nova sessão de rugido de feras começou quando Napoleão disse essas palavras. Os animais atiravam-se sobre as grades, querendo rompê-las, ameaçando devorar o político.
– Onde estamos?
– No Amphitheatrum Flavium.
– Onde fica isso?
– A leste de um fórum importantíssimo – disse H, mantendo o mistério. – Vespasiano o construiu.
– Mas quem é Vespasiano? – indagou Napoleão, cerrando o semblante. Muitos o consideravam culto, mas sua cultura sobre civilizações antigas tinha déficits enormes. – E por que estamos aqui, neste inferno cheio de feras?
– Para participar da inauguração deste anfiteatro! Mas não veremos Vespasiano, morreu há pouco. Seu filho, Tito, irá nos receber…
– Mas por quê? Qual o sentido? Qual é a lição? – disse Napoleão apreensivo, querendo saber que bomba H estaria prestes a detonar.
– Há muito espero essa pergunta. É a primeira vez que questiona qual é a lição.
– Nunca ouvi falar deste teatro.
– Flavium é o nome de família do imperador.
– Imperador romano?
H não respondeu.
– Muitos empregados sonharam ser patrões, muitos patrões sonharam ser presidentes, muitos presidentes sonharam ser imperadores. E todos esses sonhadores sonharam eternizar seus nomes, imortalizar suas histórias.
– Mas esse não é meu proble…
– Pare. Não complete a frase, homem. Ah, deixe-me sentir… –
disse H, elevando os olhos e aspirando o ar. – Sinto o odor de vaidade exalando da sua pele. Você quer inscrever seu nome nos anais da história? Sim ou não?
– Bom eu… eu…
– Como é difícil ser honesto! Perto do seu time de assessores, você é um ícone, mas os ícones também ficam doentes.
– Discordo! Você não me conhece como acredita. Eu quis dizer que quero servir ao meu país, mas você sempre me atravessa!
– Memória curta é memória conveniente, homem – disse novamente H, mas desta vez perdeu a ironia e elevou o tom de voz. –
Quando foi prefeito, você induziu os vereadores a colocarem o nome do seu pai no teatro municipal que você construiu e inaugurou.
Napoleão deu um passo para trás, mas rebateu.
– Coloquei o nome nesse teatro em memória de meu pai.
Nesse momento, uma leoa se lançou contra a jaula, abriu-a e, furiosa, partiu para cima de Napoleão. H, usando uma força
descomunal, segurou a fera e impediu o ataque. Era impossível um homem segurá-la, ainda mais um velho. Mas ele o fez. E acariciando-a, por fim,

conseguiu fazê-la se acalmar e a conduziu como um animal de estimação de volta à cela.
O homem cujo avião havia se chocado contra os Alpes franceses, que havia sido quase degolado por Robespierre, quase fuzilado por Himmler, experimentara agora a fúria de um predador, quase fora devorado. Vendo-o recuado, H o atacou, mas sem agressividade:
– Em memória de um pai vivo, que você não visita. É
estranho, não? A imprensa chiou com razão. – E encorpou sua voz:
– Essa leoa conseguiu abrir a jaula no exato momento que Napoleão Anacleto de Alcântara Filho mentiu!
Colocado em xeque, o criminalista recobrou a voz e partiu para o contra-ataque.
– Eu não menti! Como você pode ser juiz das minhas intenções? Juiz presunçoso é juiz injusto!
– Ok! Mas você colocou o nome no teatro para perpetuar sua vaidade em primeiro lugar, não para homenagear seu pai. Você tem o mesmo nome que ele.
– Errado! Quis homenageá-lo. Meu pai foi um grande homem.
Outras feras rugiram atrás das grades, pregando mais um susto no candidato à presidência. H, fungando, afirmou:
– O odor piorou. Sinto um cheiro de hipocrisia no ar.
– Não sou hipócrita! – falou Napoleão, furioso.
– Hipocrisia é um nome belo. É um artista que disfarça seus comportamentos. Você aos dezenove anos, num dia 5 de setembro. Lembra-se?
– Que data é essa? – indagou, confuso, o político.
Como num passe de mágica, H abriu uma grande porta lateral do labirinto e os dois entraram num ambiente bem iluminado, um quarto. Napoleão ficou atônito, reconheceu a mobília. E reconheceu os personagens. Seus olhos ficaram úmidos. Naquele ambiente, um
jovem, num ataque de raiva, estava discutindo com seu pai.
– Tenho vergonha de ser seu filho! Você sempre foi o carrasco de minha mãe! Sempre nos abandonou!
– Eu sei que sou um fracassado, sei que tenho sido um péssimo pai. Mas sempre amei os meus filhos.
– Você fala da boca pra fora, não muda nunca.
O pai, decepcionado, com uma garrafa de uísque nas mãos, falou, antes de se retirar:
– Você é um filho ingrato! E ingrato ao extremo. Cospe no prato em que sempre comeu.
Depois que o pai saiu, o jovem disse para si:
– Velho idiota, vou enfiar na sua cara meu diploma de advogado. Nunca mais vou precisar do seu dinheiro!
Perplexo com o poder de H e com o que ele descortinou, Napoleão gaguejou.

– Mas como? Meu pai era um advogado falido e alcoólatra.
– Como o pai de Robespierre.
– Espere! Não fiz essa ligação.
– Cuidado com a guilhotina, homem. Por trás de uma pessoa que machuca, há sempre uma pessoa machucada. Você continuou dependendo do dinheiro do seu pai por alguns anos, mas colocou uma guilhotina na relação com ele. Nunca mais olhou em seus olhos, nunca mais teve um diálogo profundo com ele.
– Mas ele vivia bêbado.
– Não! Ele estava sóbrio em 68,4% do tempo.
– Como… – engoliu a pergunta.
H acrescentou:
– Ele nunca foi um grande homem aos seus olhos. Mas você se apropriou do nome dele para exaltar o seu. E seu papai bebia porque era depressivo. Bebia porque nunca se recuperou do suicídio de seu irmão.
– Será? – questionou Napoleão, perturbado, pois sempre achara que ele próprio tinha sido quem mais sofrera a perda do irmão.
– Ele se culpava dia e noite, porque, assim como você, ele discutira poucas horas antes com Rubens.
A voz de Napoleão ficou embargada.
– Eu não sabia disso. Por que ele nunca me contou?
– Diálogo não é monólogo, homem, mas uma via de mão dupla. Por que você nunca perguntou para ele? Por que nunca indagou o motivo pelo qual ele se derreteu profissional e emocionalmente como gelo ao sol do meio-dia?
Suas palavras saíram truncadas. Ainda tentou justificar por que se distanciou de forma tão dramática de seu pai.
– Às vezes, ele deixava meus irmãos e a mim passando necessidade. Além disso, depois do alcoolismo, ele traiu minha mãe diversas vezes. Tinha de consolá-la.
– Então ele não foi um grande homem!
Uma pausa para respirar duas longas vezes.
– Mas eu o perdoei.
– Quem perdoa constrói pontes com os perdoados.
– Esse é um buraco negro na minha história. Apesar de tudo, nunca deixei de amá-lo.
– O amor sem atitudes é estéril. Você não o perdoou, mas, ao homenagear seu pai, além de se autopromover, estava procurando uma via de acesso em sua história.
Napoleão ficou aborrecido com seu gesto, mas, ao mesmo tempo, tocado pelas palavras.
– Tive agradáveis lembranças de meu pai. Mas parecia que eu queria apagá-las.
– Apagar a memória sempre foi o sonho dos seres humanos, mas é impossível. As únicas possibilidades são reescrever os traumas e, portanto, resolvê-los, ou escondê-los nos porões da mente, trancafiando-os como

fantasmas que assombram a personalidade. Homens como você tornaram-se especialistas na segunda opção.
– Mas de onde vem esse conhecimento?
– Estive presente na construção de todas as teorias. Mas esqueça o que penso e pense na sua história. Seu pai está vivo nos porões da sua história. Libertá-lo ou não é uma escolha sua.
– Por onde começar?
– É mais fácil dirigir uma nação do que a emoção.
Napoleão sentou-se no chão. Estava sem forças. Parecia o mais derrotado dos homens. Em seguida, H pegou as mãos do político, o levantou e ambos foram para dentro da arena. O político ficou atônito com o ambiente. Olhou ao redor e viu o imenso teatro, com cerca de 50 mil pessoas excitadas com a ideia de ver os gladiadores lutarem com as feras.
– Mas isso aqui parece o Coliseu! – disse Napoleão, apavorado.
– Esse é o nome como ficou popular.
– Estamos visíveis aos olhos deles?
– Não. Veja esta plateia sedenta por sangue. Estamos na inauguração de um dos maiores projetos políticos para anestesiar a consciência crítica do povo: pão e circo! Um fenômeno que se reproduziu de muitas formas na história.
– Mas sempre fui contra o pão e circo.
– Ser contra um veneno não quer dizer que não vai aplicá-lo.
– Jamais o apliquei.
– Tem certeza?
– Andar com você me faz respirar a teoria quântica: o princípio da incerteza.
– É mais sábio.
– Quando você contrata shows a peso de ouro para atrair e entreter a população para seus discursos, não há, ainda que em doses brandas, pão e circo? Quando faz inaugurações de obras não terminadas, quando oferece políticas paternalistas, quando dá o pão sem sacrifícios, como você chama isso?
– Bem eu… Confesso…
Nesse momento, gladiadores entraram na arena do Coliseu e começaram a lutar uns com os outros. H pegou uma espada de um gladiador que acabara de ser morto e a jogou para Napoleão, que tremeu ao sentir o frio da lâmina.
– Agora estão vendo você, mas não a mim.
– O quê?
E três gladiadores partiram para cima dele. O ser humano corre em média vinte e quatro quilômetros por hora. Napoleão corria como uma lebre. Todo o estádio começou a rir dele, imaginando que era o palhaço do imperador. Em seguida, devido à perseguição, Napoleão se escondeu atrás de H. Mas H era apenas uma imagem holográfica, não parecia físico.
– Não me deixe desprotegido diante desses brutamontes! – bradou.

Eles o golpearam com a espada, uma, duas, três vezes. Mas, por incrível que pareça, Napoleão se defendeu. Todos ficaram impressionados com o homem de cinquenta anos, alto, mas franzino, sem musculatura evidente, que conseguia escapar dos golpes de gladiadores treinados.
O próprio Napoleão não entendia de onde vinha tamanha destreza. Em seguida, sentindo tremenda confiança, partiu para cima deles. Lutou bravamente. A um feriu na coxa direita, mas não o matou; a outro, fez desmaiar; ao terceiro, derrubou e, quando ia matá-lo, parou sua espada no ar. O público se calou.
H apareceu perto dele e indagou.
– Como você conseguiu lutar, homem?
– Não sei.
H deu a resposta.
– Spartacus. Ao tocar a espada, eu lhe transferi algumas de suas habilidades.
Em seguida, elevou o braço de Napoleão. A plateia foi ao delírio.
Tito, o imperador romano, silenciou a multidão e fez um sinal com o polegar para baixo, determinando a execução do político.
H e Napoleão se entreolharam.
– As decisões mais importantes são solitárias – disse o mestre.
Napoleão resistiu. Para a surpresa de todos, jogou a espada na direção do imperador. Um sacrilégio punível com morte.
– Parabéns pela escolha – disse H. – Mas todas as escolhas trazem perdas. Os heróis morrem cedo.
Sentindo-se aviltado, o imperador deu uma ordem e dois leões machos saíram do subsolo, entrando na arena.
– E agora? – disse Napoleão, paralisado.
– Já foi mastigado? Você nos colocou na maior fria –
comentou H.
– Eu? Você é que sempre tumultua.
– Economize energia.
E não houve tempo para falar mais nada. As feras partiram para cima deles, dando saltos para abocanhar as duas frágeis presas.
Napoleão rolou no chão, gritando, esperneando, como se fosse um pedaço de carne na boca de feras. Mais uma vez, seu cérebro estava no limite, em colapso.
– Não! Não!
Mas, de repente, já não estava no Coliseu. O jovem Fábio, ao ver a posição fetal e os grunhidos de seu pai, tentou despertá-lo:
– Papai!
– O quê?
– Papai, acorde!
– Fábio, você? Mas como estou aqui?
– O que você estava fazendo?
– Lutando com as feras.

– Com feras? Você está no tapete de casa. Mas por que sua camisa está rasgada, suas mãos e seus braços estão arranhados? Por que sua calça está suja de areia?
Napoleão se levantou com dificuldade. Apoiou-se no filho que precisava resgatar.
– Um dia lhe conto. Um dia… Ai, ai – gemeu. Em seguida, encarou o filho e percebeu que ele já era um homem. O tempo passara cruelmente rápido. – Hoje, agora, eu quero apenas olhar nos seus olhos e dizer que tenho orgulho de ser seu pai.
– Por que está me dizendo isto? – questionou Fábio, surpreso. Seu pai raramente o elogiava, e nunca nesse nível.
– Quando você tinha dez anos, eu o ofendi muito. Eu disse:
"Você me envergonha! Só me decepciona!".
Fábio repetiu as palavras junto com o pai.
– Desculpe, pai. Dez anos se passaram, mas jamais as esqueci.
– Eu sei, você reproduziu essa cena na sua mente cento e vinte e sete vezes. Fui cruel e injusto com você, meu filho. Eu falhei, não demonstrei o quanto você é mais importante que meu cargo, que a política.
O jovem de vinte anos, que raramente chorava, desmanchou-se em lágrimas. Começou a limpá-las com suas mãos.
– Não parece…
– Ainda que meus gestos tenham gritado o contrário. Eu te amo… até as raízes da minha alma. Eu te amo, filho – repetiu.
Fábio o abraçou.
– Estou todo sujo – constrangeu-se o pai.
– O que importa? Acabei de receber o melhor presente da minha vida.
Daquele momento em diante, a relação deles nunca mais foi a mesma. Um pai e um filho que dividiam a mesma casa, o mesmo ar, os mesmos alimentos, que viviam tão próximos fisicamente, mas, ao mesmo tempo, infinitamente distantes, aproximaram-se e passaram a dividir a mesma história. As feridas da guilhotina emocional foram tratadas.
A droga das drogas
Dois dias depois, ouviram-se gritos de alarido num imenso pátio. As pessoas estavam febris, salivando de desejo de ver o perturbador da ordem naquelas áridas cercanias ser sentenciado. As mulheres, a parte mais importante e altruísta dessa complexa espécie, choravam do lado de fora da fortaleza localizada na cidade que seduzia homens por séculos e ainda seduziria por milênios: Jerusalém. O útero do tempo estava gestando o maior acontecimento da história. Em horas, daria à luz.
Os chicotes pesados e cortantes dos soldados romanos, o único exército que treinava em tempo de paz, dilaceravam a pele e as fibras do criminoso. Julgado, inquirido, questionado, ele optara, em todo o processo, pelo cálice do silêncio. Sabia que o poder político era efêmero, queria conquistar o inconquistável, o coração humano, mas este era de pedra.

Enquanto isso, uma pessoa, cuja cabeça estava coberta com um manto de tecido rústico, caminhava de um lado para o outro tentando sintonizar seu cérebro. Procurava a porta de saída. Estava cansado de se meter em confusão. Precisava de ar livre. Mas os homens, agitados, esbarravam nele e o arremessavam ora para a esquerda, ora para a direita. Eis que apareceu um intruso e invadiu sua emoção.
– Perturbado, Napoleão?
Aquela voz, pela primeira vez, soou como música aos seus ouvidos. Num sobressalto, ele emitiu seu parecer.
– H? Senti a sua falta.
– Mas como? Já não perturbo mais seu cérebro. Seria eu um repouso para sua mente?
– Não exagere. Tenho uma grande novidade: estou conquistando meu filho, Fábio. Tivemos um encontro mágico.
– Fico feliz por você. A felicidade só é sustentável se for inteligente. E sua tranquilidade? Tem sido sustentável?
– Creio que sim. O que pode estressar mais um homem do que sobreviver a um acidente aéreo, escapar da guilhotina de Robespierre, do rifle de Himmler e de seus asseclas, das espadas dos gladiadores e das garras das feras?
– A política, meu caro…
– Mas eu vivi séculos de experiências em alguns dias! O que pode ser pior que isso?
– A necessidade neurótica de ser o centro das atenções. Um vírus que infecta todo ser humano. Os sintomas dessa virose?
Orgulho, egoísmo, vingança, inveja, sede de poder, competição predatória. Até o reverso, a timidez, é um dos seus tentáculos.
– Mas como? Os tímidos não querem ser socialmente expostos.
– Gritar de forma rudimentar “prestem atenção em mim!” ou de forma subliminar “me esqueçam!” são dois polos do mesmo conflito. Mas houve um homem que não apenas foi desprendido da necessidade de ser o centro das atenções, mas também foi espantosamente crítico desse vírus. Ele inverteu a ordem política, produzindo, inclusive, vacinas contra essa neurose.
– De quem você está falando agora?
– Em seu último jantar, Jesus estava no auge da fama. Como se tratava de um líder em seu ápice, era de se esperar que to dos o servissem, gravitando em sua órbita. Mas, para espanto da história e das ciências sociopolíticas, ele se curvou aos pés dos alunos que só lhe davam dores de cabeça. Pedro era ansioso e impulsivo, Tomé era paranoico, desconfiava da própria sombra, João era bipolar.
– João, bipolar?
– Não tinha o que chamamos hoje de depressão bipolar, mas sua emoção flutuava entre o céu da afetividade e o inferno da exclusão social, queria

eliminar quem não andava com seu mestre. Por fim, Judas Iscariotes, ah, esse era o melhor deles.
– O melhor? Como assim?
– Era o melhor. Culto, da tribo dos zelotes, comedido, com vocação social, não estressava seu mestre, mas tinha um defeito
gravíssimo de personalidade: não era transparente. E, lembre-se, quem não é transparente não resolve seus traumas, os trancafia nos porões de sua mente.
– Suas informações me fazem pensar – disse Napoleão, mas não ousou mais perguntar como ele sabia.
O misterioso H, então, apalpou a parede lateral do pátio onde se encontravam, descobriu uma porta secreta, abriu-a, e eles saíram daquele ambiente mal iluminado, cheirando a suor, apinhado de gente. Entraram num cenáculo bem iluminado, onde um homem se curvava gentilmente aos pés de outros mais jovens. Suas palavras eram antivirais:
– Em toda a história, os maiorais sempre tiveram a necessidade ansiosa de serem servidos. Mas, se quiserem andar comigo, saibam, no Reino dos Céus o maior é que serve ao menor.
Um dos discípulos se recusou a ter os pés lavados. Mas o mestre foi resoluto:
– Pedro, se quiser ter parte comigo, você tem de aprender a fazer como eu faço: dê o melhor do que você possui para aqueles que pouco têm.
E então o cenário onde eles estavam desapareceu. Napoleão estava perplexo.
– Esse é o homem que mais admiro. Você já me fez passar por incríveis tempestades, deixe-me participar dessa ceia. Por favor.
– É o suficiente saber que ele inverteu a ordem política. Nunca alguém tão grande se fez tão pequeno para tornar os pequenos grandes.
– Você me disse que iria falar sobre o personagem que viveu esta tese.
– O caráter de um líder que muda a história tem muitas características, passa pelo equilíbrio entre a ousadia e a humildade, o desprendimento do poder e a capacidade de empreender, a habilidade de se repensar e a disposição de ser proativo, o prazer de debater e a necessidade de ouvir.
H ainda comentou outras características e, por fim, comentou
que uma sociedade é tanto mais madura quanto mais seus líderes políticos, após exercerem seu mandatos, vão felizes para o anonimato, deixando espaço para novas lideranças.
– Mas esse país é uma utopia. Não existe – rebateu Napoleão.
– A utopia é a fonte que anima os sonhos. Sonho com o dia em que os deputados deixem, alegres, de pisar no Congresso depois de dois mandatos, que os senadores saiam de cena realizados após um mandato, que os presidentes, após o exercício do poder, façam poesias, cuidem das flores ou façam filantropia. Desapareçam do centro das atenções depois de dar a sua contribuição. E é melhor para eles.
– Por quê? – indagou Napoleão, atônito, saturado de dúvidas.

– Porque o preço de estar em evidência social é caríssimo para a saúde emocional.
– Mas, se são experientes, por que não continuar?
– Orgulho, homem. Sangue novo, ideias novas. Lembre-se de que falei que, na matemática, as grandes fórmulas foram produzidas até os vinte e poucos anos de idade. E na física? Einstein era um jovem de vinte e seis anos quando criou a base de sua teoria. Quantas pessoas poderiam ser presidentes tão ou mais capazes do que você em seu país?
– Não sei.
– Não dissimule, você já pensou nisto. Já passou pela sua cabeça que você é único.
– Não me lembro de ter pensado isso.
– Quer que lhe dê o dia, a hora e o minuto? O último governador que fez discurso de apoio à sua campanha disse que você é um daqueles homens raríssimos, que nascem um a cada século. Que atitude você teve ao ouvir essas palavras?
Napoleão ficou confuso mais uma vez. Mas resolveu ser sincero.
– Eu aplaudi sua fala.
– Mas sabe quantas pessoas poderiam ser presidentes tão bons quanto ou melhores do que você apenas em seu quarteirão? O
futuro não é minha especialidade. Mas, pelo caráter e pelas habilidades que elas têm, quatorze pessoas.
– Não acredito, desculpe.
– Sabe quantos seriam melhores estadistas que Stalin apenas na mais importante avenida de Moscou no tempo em que ele foi secretário do partido socialista? Quase todos. Seis seriam sociopatas como ele. Sabe quantos eleitores teriam habilidades iguais ou melhores que as de Abraham Lincoln nos Estados Unidos, nos dramáticos momentos da Guerra da Secessão? Mil e setenta e cinco!
Sabe quantos teriam sido presidentes mais eficientes do que John Kennedy em seu tempo? Dez mil, setecentos e sessenta e cinco! Sabe quantos seriam congressistas mais eficientes, mais proativos, que você no momento em que se candidatou a deputado federal? Mais de cento e vinte e três mil.
– Que loucura é essa? – disse Napoleão, angustiado.
– Mais uma vez, eu digo, é loucura mesmo. É loucura se achar insubstituível. Como seres humanos são únicos, mas como políticos, empresários, artistas, jamais. E sabe por que não foram melhores?
– Por falta de oportunidade e porque os que se embriagam com o poder não largam o osso!
– Parabéns, homem. Você foi transparente. Mil vezes reitero, o poder é viciante, é a droga das drogas que infecta a emoção, é o vírus dos vírus que corrompe a mente. A neurose pelo centro das atenções o potencializa.
H se calou, e Napoleão indagou:
– Mas qual é a solução?

H continuou calado. E o político, abrindo os porões da sua mente, começou a recordar as lições que aprendera:
– Enxergar diariamente a efemeridade da existência, ser desprendido, ter consciência crítica, ter mais prazer em servir do que em ser servido, saber que em breve iremos para a solidão de um túmulo!
– Basta! – disse enfaticamente H, interrompendo-o.
– Minhas conclusões estão erradas?
– Entre o discurso e a práxis há mais mistérios do que imagina o verniz da política. Você enfrentou muitos carrascos. Mas os mais ferinos estão dentro de você.
– O que é mais perigoso que a morte?
– Estar vivo!
Nesse momento, H abriu outra porta e novamente entraram na fortaleza saturada de gente e de odores da transpiração. Tiveram que aumentar o tom de voz para ouvirem um ao outro. O político nunca sabia se agradava ou não a seu mestre.
– Não sei de onde você é. Nem quem você é. Nem muito menos se foi enviado por algo ou alguém para me desnudar. Mas desta vez eu é que digo: basta! Por favor, envie-me ao meu século. Já diagnostiquei meus cânceres.
– Tem um que não diagnosticou: negar seus princípios.
– Espere! – esbravejou Napoleão: – Meus princípios, jamais.
Fui péssimo pai, péssimo filho, péssimo amante, fui infectado pela necessidade neurótica de poder e pela necessidade egocêntrica de evidência social. Reconheço que, em situações triviais, uso alguns disfarces e dissimulações! Mas jamais abandonei meus princípios.
H reagiu:
– Ah, a hipocrisia, vem e vai como a respiração. Judas Iscariotes aplaudiria sua traição.
Num rompante de ansiedade, Napoleão esqueceu-se de que estava diante do poderoso H. Detonou o gatilho, abriu uma janela traumática, fechou o circuito da sua memória e reagiu por impulso.
– Que calúnia! Ah, como tenho vontade de processá-lo!
– Processe-me! Vamos. Você já fez coisas piores – encorajou H, com a voz embargada.
– Você, emocionado? Pensei que era insensível.
– Sou cirurgicamente preciso, mas sou passional. Só não enxerga meu rio de lágrimas quem é cego e surdo em sua mente.
Ninguém foi ferido como eu. Fui alvo de guerras, bombas, granadas.
Fui asfixiado, esfaqueado, sofri ataques terroristas. Fui abandonado, humilhado, traído, tratado como escória. Fui exaltado como herói e excomungado como vilão. Fui acariciado como um bebê e caçado como predador. Não sou insensível, homem.
Ao dizer essas palavras, o misterioso H preparava mais um campo cirúrgico para dissecar outro câncer psíquico que se alojava nos porões da mente do famoso político. A fidelidade a seus princípios seria colocada em xeque.

O maior julgamento da história Após afirmar ser o personagem mais ferido que já existiu, H
mostrou seu peito a Napoleão. A luz dos candelabros que estavam pendurados na parede daquele pátio incidiu sobre seu tórax e seu abdômen, revelando uma figura fantasmagórica. Uma imagem que provocava repulsa aos olhos. Havia tantas cicatrizes que era difícil encontrar algum fragmento de pele sã.
– Muitos são os que me feriram – afirmou.
– Mas quem cometeu essas atrocidades contra você?
Fitando Napoleão, H disse, sem meias-palavras.
– Você é um deles.
Napoleão deu um passo para trás.
– Você está louco! Eu o conheço há poucos dias.
– Você negou-me muitas vezes.
– Não delire – disse, enfaticamente, Napoleão.
H, olhando-o nos olhos, questionou:
– O que lhe vem à mente sobre um fatídico dia 29 de março, há trinta e quatro anos?
– Nada me ocorre.
– Você era um garoto. O professor de física disse para você e para seu amigo Jorge Linus: “A resposta de um é exatamente igual a do outro, com todos os acertos e erros. Logo se deduz que um deve ter colado do outro. Quem foi?”. Você ficou nervoso, trêmulo, mas negou ter colado do seu colega. E ele, tendo uma nobre atitude, não o entregou. “Falem!” – Enfatizou o professor: – “Senão os dois levarão zero!”. Mas você novamente se calou.
Napoleão ficou branco, suas mãos suavam.
– Pare, H, é suficiente.
Mas H não interrompeu seu relato.
– Seu amigo olhou para você, esperando que tomasse a dianteira. Mas você continuou negando que tinha colado na prova. O
resultado? O professor disse: “Ambos levarão zero”.
– Sinceramente, faz tanto tempo…
– Furar filas, estacionar em vaga para deficientes, ultrapassar os limites de velocidade, desrespeitar pedestres ou colar nas provas são formas de corrupção, ainda que diminutas.
– Mas eu me defendo. Eu era um menino quando isso aconteceu.
– Você tinha dezesseis anos, sete meses e três dias.
– Mas eu…
– Você deveria pelo menos ter pedido desculpas. Mas relaxe, dê risadas de sua estupidez. Reconhecer a sua imperfeição e renunciar a ela lhe faz bem, o torna humano, mais leve. Esta é uma das lições vitais do meu treinamento – disparou H, como um mestre resoluto.
– Mas nunca decidi me submeter a este treinamento – falou Napoleão, com arrogância.

– Ok! Quer desistir? Se quiser, atuo em seu cérebro agora e extraio todas as experiências que teve comigo no último mês. Decida, homem!
Napoleão jamais esperava ser colocado contra a parede desse modo. Adquirira a duras penas um tesouro que reis não tiveram.
– Não posso abandonar minha essência.
Ao dizer essas palavras, um soldado alto e musculoso, todo paramentado com uniforme romano, correu em direção ao centro da fortaleza, atropelou Napoleão e o derrubou. Algumas pessoas viram e deram risadas. Ao mesmo tempo, outras começaram a dizer umas para as outras:
– O criminoso vai logo sair. Foi sentenciado.
Perturbado com o que diziam, Napoleão se deu conta que estava num território desconhecido.
– Afinal de contas, onde estamos?
H respirou profundamente, percorreu o olhar ao redor. E
disse, emocionado:
– No julgamento mais importante da História.
– Do que você está falando? – disse Napoleão, franzindo a testa e sentindo seu coração pulsar mais rápido.
– Um arrogante político preposto vai proferir uma grande sentença.
– Quem é o sentenciador? E quem é o sentenciado? – inquiriu o político.
– O sentenciador se chama Pôncio Pilatos.
Napoleão bambeou as pernas de tal forma que precisou se segurar em H. Abriu um sorriso e disse:
– Eu, Napoleão Anacleto de Alcântara Filho, advogado de profissão e coração, assistirei ao julgamento de Jesus Cristo? Você só pode estar brincando!
– Pelo menos os instantes finais.
– Mas que lugar é este? – Quis saber.
– Estamos na Fortaleza Antônia, a casa de Pilatos. Estou lhe propiciando um presente com que reis sonharam, pelo qual bilionários pagariam fortunas e presidentes de tribunais dariam tudo para presenciar. Diferentemente da cena da Última Ceia, deste evento permitirei que participe.
– Eu não mereço. Desculpe, estou eufórico por ver o personagem que mais admiro na vida. Nunca me curvaria diante de reis ou de presidentes, mas me curvaria humildemente diante do homem Jesus. O Sermão da Montanha, para mim, é uma carta magna dos direitos humanos.
Mais uma vez, Napoleão respirou aliviado por estar com H.
Não via risco nenhum de estar lá. E, como gesto de agradecimento, abraçou-o:
– Muito obrigado pelas incríveis lições. Muito obrigado por você existir.
De repente, a trinta metros deles, uma escolta trazia o criminoso que fora interrogado secretamente por Pilatos. O coração de Napoleão disparou. Sua respiração tornou-se mais rápida e ofegante. De repente, a escolta se abriu e o criminoso foi revelado.

Napoleão saiu do ápice da euforia para o ápice da compaixão. O rosto de Jesus estava desfigurado. Seus lábios estavam edemaciados, inchados, devido aos traumas. Sua boca sangrava. Por todo o crânio
havia pequenas hemorragias que tingiam sua face, resultado da coroa de espinhos.
Parecia um anti-herói, frágil, desprotegido, e não o homem que arrebatava multidões. Perplexo, Napoleão colocou a mão direita sobre sua boca. Ao seu lado, um personagem encapuzado começou a soluçar baixo. Estava chorando, desconsolado. O estranho disse para si em voz baixa, mas Napoleão pôde ouvir:
– Não é possível, não é possível!
– Tenho vontade de abraçá-lo – Napoleão disse.
– Muito mais eu – respondeu o estranho. – Os romanos espancaram o mais amável dos homens como o pior criminoso.
Napoleão, com ternura, indagou.
– De onde você o conhece?
– Eu andei com ele.
– Você é... – Mas, antes que pudesse perguntar a identidade do estranho, este o interrompeu:
– Você o conhece?
– Já ouvi falar muito dele.
– Ah, se o tivesse conhecido, você se prostraria. Ele tratou prostitutas como se fossem princesas. Fez das mulheres rainhas na época do silêncio. Aos leprosos estendeu as mãos como alguém faria somente a diletos amigos. E aos inimigos deu a outra face – afirmou o estranho.
– Quem é você?
– Sou Simão Pedro – disse, em tom menor.
– Pedro, o discípulo? Meu Deus, quanta honra – disse, entusiasmado.
H os observava. Mal eles se cumprimentaram, apareceu uma empregada, sem grande destaque social, mas com virulência enorme nas palavras. Como as hienas, pessoas comuns se calam quando estão desprotegidas, mas se tornam predadores quando a presa é abatida.
Chegou a vez desta mulher salivar diante de sua presa.
– Espere, quem é você? – perguntou ela em tom alto para Pedro.
Pedro ficou embaraçado. Rapidamente indagou:
– Por que a pergunta?
Nesse momento, os soldados espancaram Jesus no meio da multidão. Foi possível ouvir os estalidos das bofetadas. Seus gemidos ecoaram no pátio. Pedro recolheu seu heroísmo. De repente, a serva cresceu. Elevou mais ainda o tom de voz, depois de ouvir os gemidos do sentenciado, para que muitos a ouvissem:
– Você é um dos seguidores do Nazareno!
As palavras dela foram como favo de mel para o enxame de abelhas. Rapidamente, fechou-se um cordão de agressores em torno de Pedro. O discípulo, como num raio de luz, detonou o copiloto Gatilho da Memória,

que entrou nas entranhas das janelas do medo, o que elevou os níveis de tensão e fez com que a Âncora da Memória, outro copiloto, fixasse o processo de leitura nessa área, fechando instantaneamente o circuito cerebral.
O Eu de Pedro não tinha acesso a milhões de dados para dar respostas inteligentes. Seu cérebro entrou num estado de alerta máximo, preparando-o para fugir e não para pensar. O mais forte dos discípulos demorou dez segundos para iniciar sua fatídica negação.
– Eu… Eu… não conheço esse homem.
Napoleão por instantes ficou indignado com o discípulo, mas de repente a serva virou sua metralhadora para Napoleão. Olhou-o de cima a baixo. Ele sentiu calafrios na espinha. Em seguida disparou seu golpe fatal no homem que disse certa vez: “Não nego meus princípios”.
– E você? Certamente é um deles?
– Não sou Pedro, eu me chamo Napoleão Anacleto de Alcântara Filho.
Os homens voltaram-se para Napoleão, furiosos. Agarraram-no com brutalidade. Ele demorou menos de cinco segundos para fechar o cofre da sua mente e iniciar sua eloquente negação.
– Nunca ouvi falar desse homem! Nem sou deste lugar!
Como eles negaram com veemência, a roda logo se abriu.
Napoleão disse a H, referindo-se a Pedro.
– Vamos sair de perto desse homem.
– Por quê? – disse H, testando-o. Você o exaltou tanto.
– Não se faça de ingênuo. Você sabe a fria em que ele se meteu.
Enquanto saíam, Pedro e Napoleão tropeçaram um no outro.
Alguns soldados, vendo-os perdidos, barraram-nos, e um deles desferiu a segunda acusação. Agora com mais veemência, chamando a atenção de um grupo maior. Primeiro questionou Pedro.
– Este é um galileu, um dos seguidores do Nazareno! Seus gestos o denunciam!
E, nesse instante, ouviu-se uma bofetada violenta e mais uma chicotada cortando cruelmente a carne de Jesus.
– Acabei de dizer que não o conheço. Eu asseguro: nunca andei com este homem! – disse Pedro, assustado.
– Então o que se esconde atrás de você certamente é um de seus liderados.
Napoleão apareceu timidamente, mas declarou, com convicção:
– Não estou me escondendo! Estava apenas procurando uma porção de água. Quanto a esse homem, jamais o segui ou o seguiria!
Não sei nada sobre ele!
A roda novamente se abriu diante de uma negativa tão contundente.
Estavam suando frio. Tinham medo do linchamento sumário.
Nesse momento, um queria ficar longe do outro. Napoleão estava tendo ataque de nervos, não pensava, só queria bater em retirada.
– H, vamos cair fora! Pedro é uma armadilha ambulante.

Segundo a história ele escapou do linchamento, mas não terei a mesma sorte.
Quando o ser humano está em grupo nos focos de tensão, como crises, brigas e motins, ele potencializa sua agressividade. O
Homo sapiens se torna Homo bios, um animal. Pessoas comuns se convertem em animais nos estádios, pessoas com graduação acadêmica perdem o autocontrole nas greves, políticos discutindo no Congresso parecem gladiadores num coliseu. Eram vítimas da síndrome do circuito da memória. Eram escravos vivendo em sociedades livres.
Napoleão, como destacado criminalista, sabia disso. E ele, voltando-se para Pedro, ordenou:
– Fique longe de mim!
– Mas há pouco você me disse que era uma honra conhecer-me.
– Eu disse isso? – Questionou, olhando ao redor.
Quando estavam a três metros da porta, os dois ouviram um grito estridente, uma ordem do oficial da guarda.
– Parem estes homens!
Os lábios de ambos tremularam e suas pernas bambearam.
– Tragam-nos aqui.
Imediatamente, os soldados que guardavam a fortaleza os levaram para o centro do julgamento, a dez metros de Jesus. Eles, cabisbaixos, o olharam envergonhados. Entre eles um espaço vazio, tão próximos, mas infinitamente distantes. Com voz altissonante, o oficial olhou para Pilatos e os acusou.
– Estes dois homens andam como galileus, se vestem como galileus, cheiram a galileus. Certamente são seguidores desse rebelde, do homem que quer atear fogo no Império Romano, em especial na Judeia, na sua administração, oh, excelentíssimo Pôncio Pilatos. Confessem!
E, empurrados sem piedade, caíram ao chão. Napoleão, sem meias-palavras, como era perito em discurso, foi o primeiro a negar Cristo pela terceira vez. E o fez magistralmente.
– Digníssimo senhor, jamais convivi com esse homem.
Respeito o status de Roma e tenho grande apreço pelo imperador Vespasiano. – Muitos deram risadas, pois não conheciam tal imperador. Vespasiano se tornaria imperador apenas décadas depois.
Em seguida, mostraram seus dentes irados.
H, que estava ao seu lado, soprou-lhe o nome do imperador atual:
– Tibério César.
– Quero dizer, o grande imperador Tibério César, que com justiça governa o mundo.
– E você? – indagou o oficial a Pedro. – Você cheira ao Nazareno.
– Que absurdo! Que injustiça! Nunca sentei à sua mesa! Jamais ouvi suas palavras.
Quando Pedro o negou pela terceira vez, o galo cantou pela segunda vez, tal como o mestre de Nazaré havia previsto. Ele usou o belo canto de uma ave

não para acusar Pedro, mas para revelar com delicadeza sua tremenda insegurança.
– Não é possível que sejam seus discípulos. São frágeis demais – disse Pilatos, e fez um sinal para que os soltassem.
Nesse exato momento, os olhos do mestre alcançaram Pedro e Napoleão. Jesus estava preso por fora, mas livre por dentro, os dois estavam livres por fora, mas encarcerados por dentro. Eles se entreolharam demoradamente. Pedro e Napoleão representavam ali toda a humanidade, em especial a casta dos líderes, que parecem fortes quando aplaudidos, mas frágeis quando o mundo desmorona aos seus pés. H, como um notável cineasta, filmava a cena com a câmera de seus globos oculares.
Subitamente, o mestre olhou para Pedro e balbuciou:
– Eu o compreendo.
Era um gesto único, inigualável, ímpar. Nenhuma repreensão, nenhuma crítica, nenhuma condenação. Pela primeira vez na história, uma pessoa torturada deu a outra face para seus negadores, protegeu-os como a filhos, deu o melhor de si para os que o feriram.
Pedro saiu e foi chorar. Cada gota de lágrima que serpenteava nos vincos do seu rosto levava-o para camadas mais profundas de sua personalidade. De agora em diante, Pedro, um simples, inculto e rude pescador, que se fosse um aluno no século XXI seria do tipo que todo professor gostaria de ver a milhas de distância, estava preparado para ser um dos maiores agentes transformadores da história.
Napoleão, antes de sair da fortaleza de Pôncio Pilatos, agora sem pressão, caiu em si e também começou a chorar.
– Neguei a quem mais amei. Como fiz isto? Cuspi no rosto do homem que mais admirava.
– De fato você o negou vexatória e rapidamente – confirmou
– Mas olhe para Pilatos. Ele está lavando as mãos. Ele tinha o poder para livrá-lo da condenação e sabia que Jesus era inocente, mas o julgou politicamente, preferiu se preocupar com sua imagem social, ser infiel à sua consciência e condenar um inocente. – Depois dessa análise, H inquiriu Napoleão: – Mas quem mais errou, você ou Pilatos? O que é mais atroz: negar um amigo ou lavar as mãos?
H deixava o cérebro de Napoleão assombrado com seus questionamentos. Mais uma vez, fez uma caminhada interior.
– Refletindo sobre os dois fenômenos, penso que… negar é mais vexatório.
– Você é mais ético que Pilatos, mas os dois foram fracos.
H lhe deu as costas. E saiu da famosa e lúgubre Fortaleza Antônia, a casa do governador. Mas, antes de abandonar Napoleão, ele se virou e disse:
– Mas não se culpe, você estava sobre mais pressão que Pilatos! E, além disso, milhões de cristãos que dizem defender Jesus dariam vexames maiores.
Logo a sentença saiu. O homem mais inteligente da história, o mais generoso e humilde dos professores, aquele que se curvou aos pés dos

problemáticos alunos, que superou em prosa e verso a necessidade neurótica de poder e de evidência social, agora estaria pela primeira vez acima dos seres humanos. Seria pendurado na cruz.
Quem apaga a luz?
Todos os mais importantes líderes da campanha de Napoleão estavam reunidos em seu comitê. João Gilberto, o líder do marketing, Carvalho, o tesoureiro da campanha, Calisto e Gutemberg, senadores conselheiros, Marcos Cintra e Ana de Mello, líderes do conselho de economia, Silas Pedrosa e Silvia Abreu, especialistas em educação, Carlos Castro e Manoel Toller, expoentes da saúde. Além desses, outros vinte membros faziam parte do seu estafe mais próximo, incluindo o senador mais velho da casa, chamado Marcos Paulo.
A euforia penetrava nas entranhas do comitê. Eles não paravam de comentar as pesquisas de opinião por classes sociais, por faixa etária e por sexo. Napoleão tinha 54% dos votos válidos das mulheres, 57% dos que tinham ensino superior e 32% daqueles que não tiveram a oportunidade de fazer uma faculdade. Perdia entre aqueles que ganhavam até três salários mínimos. Todavia, ultrapassara seu principal oponente. Estava 6% à frente e em crescimento. Sua taxa de rejeição continuava sendo menor do que os outros quatro candidatos. Estavam no céu das estatísticas.
Muitos dos líderes que o assessoravam já sonhavam com os cargos de alta visibilidade. Seriam ministros, estariam no centro das decisões políticas e no centro das atenções sociais. A endorfina irrigaria seus cérebros, seriam convidados para festas e jantares.
Emitiriam suas opiniões em canais de tevê, suas ideias seriam comentadas nos jornais, frequentariam as colunas sociais. Sairiam da escuridão da madrugada para o estrelato, para a luz do meio-dia.
Se não fossem os comportamentos estranhos que Napoleão apresentara nas últimas semanas, o ambiente não poderia estar melhor.
– Certamente seremos vencedores. Mas precisamos, nessa reta final, do combustível emocional de Napoleão – concluiu João Gilberto.
– Nunca vi um primeiro lugar tão sem entusiasmo! –
lamentou Carvalho.
– Bom humor nunca foi o seu forte, mas está mais introspectivo – disse a especialista em educação Silvia Abreu.
– O que está acontecendo com ele? Está doente? – indagou Marcos Cintra, orientador da cartilha de economia, que já tinha sido economista-chefe do Banco Mundial.
– Não, não! É o estresse da campanha! – afirmou o todo poderoso tesoureiro Carvalho.
– Concordo! Sempre foi um grande otimista. Sua agenda apertadíssima tem sido seu pior inimigo.
Quando Napoleão apareceu, todos se levantaram para o futuro presidente. Na época em que estava em quarto lugar, não tinha essa notória

respeitabilidade. O comitê suspirava diante de alguém com dezenas de milhões de possíveis votos.
Sentou-se e olhou para todos os membros do comitê. Não estava muito disposto a conversar. A sua última noite fora terrível.
Havia negado a pessoa a quem mais admirava na vida. Negara a Cristo.
– Como está o mais forte de todos os candidatos? – Tentou animá-lo Calisto.
– No ápice da reflexão sobre a própria fragilidade, meu amigo.
– Parece que você não dormiu à noite – disse Carvalho.
– Quem dormiria bem se vivesse os eventos que vivi? – comentou, misterioso.
– Que eventos? – perguntou Ana de Mello, a outra especialista em economia.
Como explicar o inexplicável? Como falar que esteve no maior julgamento da História? Seria internado, interditado. O silêncio era recomendável.
– Napoleão, em breve você poderá ser o presidente da nação.
As pessoas precisam de um homem que esqueça seus problemas particulares e coloque combustível em seus sonhos – afirmou João Gilberto.
– Eu sei, João. E peço desculpas por estar estressado. A esperança é o oxigênio da emoção. Vamos lá!
– É isso aí. Seja um vendedor de esperança.
O candidato tentou recuperar suas forças. Precisava animar seu time, tirar energia dos recônditos do seu ser.
– Eu creio no país, creio que superaremos nossas dificuldades financeiras, creio no superávit fiscal.
Todos o aplaudiram. Napoleão ganhou um pouco mais de fôlego e continuou:
– Creio que podemos melhorar nossa saúde, torná-la mais democrática. Creio que a educação pode dar um salto, formando mentes brilhantes, proativas, empreendedoras. Creio que podemos desburocratizar a sociedade, que empresas poderão ser abertas e fechadas em uma semana. Creio que podemos diminuir o número de processos judiciais, que a sociedade poderá ser mais pacificadora e menos litigiosa.
Mais aplausos. Agora o sorriso estava estampado até no seu mais velado crítico, João Gilberto.
– Pois, sem acreditarmos na nação, os investidores desaparecerão, os consumidores se esconderão, a teia econômica perderá sustentabilidade.
– Parabéns, meu presidente – disse Carvalho.
– Esse é o homem que governará esta nação – decretou o líder do marketing.
De repente, um funcionário do comitê aproximou-se de Napoleão e falou aos seus ouvidos:
– Senhor, me desculpe, mas me entregaram uma mensagem.
– Mensagem, Antônio?
– Sim, disseram que é urgente.

– Esta reunião é mais importante.
– Mas o sujeito insistiu e suplicou que o senhor a lesse tão logo a recebesse.
Napoleão agradeceu, dispensou Antônio e abriu o envelope.
Enquanto seu time estava distraído, animado com o bordão “eu creio no país”, começou a lê-la. Franziu a testa e os músculos ao redor dos olhos. Não sabia se o conteúdo da mensagem era verdadeiro ou não, mas seu conteúdo impactou muitíssimo o criminalista.
“No ano dezenove de Tibério César, imperador romano de todo mundo. Sob o regimento do governador da cidade de Jerusalém, presidente gratíssimo, Pôncio Pilatos. Regente na baixa Galileia, Herodes Antipas. Pontífice sumo sacerdote, Caifás. Cônsul romano da cidade de Jerusalém, Quinto Cornélio Sublime. Eu, Pôncio Pilatos condeno e sentencio à morte Jesus, chamado pela plebe de Cristo Nazareno, e Galileu de nação, homem sedicioso contra a Lei Mosaica e ao senhorio do grande imperador Tibério César, pois congregando e ajuntando homens de todas as estirpes, ricos e pobres, inclusive os de baixa moral, tem promovido tumultos jamais presenciados por toda a Galileia, e, sendo de carne e ossos, proclama ousadamente ser filho de Deus e rei de Israel, ameaçando a governabilidade de Jerusalém e a estabilidade do Império Romano, negando a grandeza do supremo César, tendo ainda o atrevimento de entrar triunfalmente com ramos, com grande parte da plebe, dentro da cidade de Jerusalém. Sob o regime das magnas Leis Romanas, o réu em seu julgamento abriu mão do seu direito de defesa, portando um silêncio inquietante, não negando nem rebatendo todos os crimes contra o Estado de que é acusado. Portanto, por todos eles, sentencio que seja açoitado e coroado de espinhos, que se lhe dê morte na cruz, sendo pregado com cravos, como todos os inimigos do império. Saindo pela porta da Fortaleza Antônia, que se conduza Jesus para fora dos muros de Jerusalém, onde seu corpo ficará pendurado sobre o madeiro como espetáculo para inibir todos os rebeldes e malfeitores e que sobre sua cabeça se ponha, em diversas línguas o título: Jesus Nazarenus, Rex Judeorun. Ordeno também que nenhum habitante da Galileia, da Judeia, Samaria ou de qualquer outra região impeça a justiça por mim proferida e executada com todo rigor, segundo os Decretos e Leis Romanas, sob pena de rebelião contra o digníssimo imperador Tibério
César. Testemunhas Lucio Extilo e Amacio Chilcio”.
Alguns dos presentes observaram o semblante compenetrado de Napoleão e perguntaram a ele:
– Algum problema?
– Não. Vamos continuar a reunião.
– Vamos lá, eu creio no país de Napoleão! – disse João Gilberto, reacendendo as chamas do clima eufórico.
Todavia, quando todos achavam que ele estaria no Everest da animação, o candidato à presidência voltou para os vales árduos da realidade.

– Mas não podemos ser vendedores de ilusões. Temos de falar a verdade e, reitero, procurar o voto consciente. Não se pode ter um desenvolvimento sustentável e zerar o déficit fiscal sem sacrifícios!
Teremos que dar o exemplo. Que tal, no caso de eu me eleger, cortarmos nossos salários em pelo menos 30%? Não é possível falar em sacrifício da sociedade sem cortar a nossa própria carne. – Todos ficaram perplexos com a proposta. – Temos de sentar no caixa do governo e cortar gastos para conquistar credibilidade internacional, para continuar atraindo investimentos, e, ao mesmo tempo, sobrar recursos para investimentos em áreas vitais.
– Mas, mas... – Começou a ponderar o tesoureiro.
– Vai doer. Muitos vão chorar, pois vai faltar anestesia para todo mundo. Mas não há ilusões.
– Cortar nossos salários, mas isso é quase nada contra os bilhões que o governo gasta. Essa conta não fecha – afirmou Silas Pedrosa, o educador.
Marcos Cintra concordou. Eram medidas paliativas.
– Não é o dinheiro que será mais importante, mas o princípio.
Vocês sabem disso. O que talvez não saibam é que a matemática da emoção é diferente da matemática numérica. Na numérica, dividir é diminuir, na da emoção, dividir é aumentar. Maquiavel orientou líderes políticos dizendo que, se tivessem de fazer o mal, fizessem de
uma vez, pois isso logo seria esquecido, enquanto o bem deveria ser feito aos poucos.
– Interessantes as ideias de Maquiavel – disse o senador Marcos Cintra, que nunca havia lido nada dele.
– As ideias de Maquiavel têm de ser corrigidas, pois o tempo é o carrasco do homem. É necessário diagnosticar se a sociedade suporta medidas drásticas. Todavia, se cortarmos nossa carne, teremos moral para cortar mais rapidamente os gastos do governo, e será mais fácil incluir a sociedade nessa empreitada. Fazer o bem aos poucos para ser lembrado a longo prazo é um desrespeito aos direitos do homem. Não se faz política para promover políticos, e sim para o bem-estar social. E confesso, com angústia, que já errei nessa área.
– Espere. Vamos comunicar medidas drásticas só depois das eleições – afirmou Carvalho.
– Concordo em gênero, número e grau – afirmou o marqueteiro. – Você já assombrou a sociedade ao tocar no drama da Previdência Social. Ganhou uma batalha, mas pode perder a guerra.
Só faltam treze dias para as eleições. Se não tivermos nenhum deslize...
– Nós seremos vitoriosos! – completou Napoleão, aplaudindo. Mas, depois, questionou-os: – Respondam-me, quem apaga a luz? Uns olharam para os outros e não entenderam a pergunta. Novamente ele perguntou, agora dirigindo-se para os conselheiros de economia.
– Quem apaga a luz numa casa, Marcos Cintra e Ana de Mello?
Não são vocês notáveis economistas? Estou esperando, me respondam.

Eles não se arriscaram a responder, não entenderam o questionamento que inferia o mais básico dos fundamentos econômicos.
Carvalho se antecipou e respondeu.
– Qualquer pessoa que desliga a tomada, é obvio.
– Errado, tesoureiro. Quem apaga a luz numa casa é quem paga a conta. Já falei mil vezes para meus filhos apagarem a luz da cozinha, da sala, da varanda, antes de dormir. Mas eles raramente o fazem. Eu saio apagando as luzes todas as noites em que estou em casa. Dói em meu bolso. Agora quem paga apaga a luz do governo?
Quem paga os seus gastos?
– Os tesoureiros, os diretores financeiros etc. – arriscou Calisto.
– Errado, é o contribuinte. No inconsciente coletivo, parece que a coisa pública não tem dono. Mas tem: é o contribuinte, reitero.
O contribuinte é o patrão, do rico ao mais humilde. Ele paga nossos salários, milhões de gastos do governo, e muitos o fazem com sacrifício. Ele vai escolher nas urnas em quem confia que apagará a luz. Eu terei de apagar a luz do governo. Eu não posso mentir para o povo. Eu e o time que escolher deveremos gastar responsavelmente o dinheiro do nosso patrão, usar de forma eficiente seus recursos.
– Metáfora interessante – avaliou Silvia Abreu.
– Todavia, a política está doente, e não poucos políticos também o estão, cenário em que me incluo. Nós não vemos os contribuintes como nosso patrão, eles não ocupam nossos sonhos, nós não nos curvamos quando eles passam, nem repensamos quando reclamam. Diante dessa tese, respondam: somos funcionários públicos?
– Claro! – afirmou Marcos Cintra, chefe do conselho de economia. – Uns são eleitos, alguns, concursados, e ainda outros têm cargos de confiança. E nesse time há líderes que poderão coroar sua gestão ocupando os mais notáveis cargos públicos.
– Sem dúvida, somos funcionários públicos. – interferiu o ambicioso Marcos Paulo, o senador que perdera a indicação do partido para Napoleão. Todos acompanharam essa velha raposa da política. Marcos Paulo era um líder periférico na campanha de Napoleão, mas sonhava em ser ministro dos transportes, comunicação ou educação. Era um especialista em se autopromover, o que constrangia o candidato à presidência.
– Desculpe, Marcos Paulo! Mas não somos funcionários públicos, somos funcionários do público. Por isso, minha gestão será profissional.
– Como assim? – indagou o senador, abalado, com os lábios trêmulos.
– Ser funcionário público nos induz a pensar que somos donos da coisa pública. Ser funcionário do público é ser funcionário da sociedade que, reitero, paga nossos salários. Se tivéssemos plena consciência disso, se falássemos dia e noite dessa postura, coibiríamos mais de 50% da corrupção em todas as esferas públicas.
Não trataríamos com descaso o contribuinte.

Alguns ficaram atônitos diante desses argumentos.
Percebendo a inquietação, Napoleão passou os olhos em todo seu estafe e advertiu:
– Eu falhei. Deveria ter tido essa conversa antes. Mas quem não concordar com minha proposta de cortar nossos salários pode deixar minha campanha.
O silêncio foi surpreendente. Três pessoas deixaram a sala.
Apesar do clima horrível, Napoleão não se intimidou:
– Como funcionários do povo, devemos ter política de Estado, e não de partido!
– Mas defendemos nossas bandeiras! – argumentou o senador Gutemberg.
– Gutemberg, erramos muito nessa sutil e vital área. A política de partido infecta as nações, objetiva perpetuar um grupo no poder. Política de Estado, ao contrário, é a política que irriga a sociedade com projetos que financiam o bem-estar sustentável. Só é digno do poder quem governa para sua sociedade, e não para seu partido.
– Desse jeito, se você ganhar a eleição, não se preocupará em fazer seu sucessor, não respeitará quem está na fila – afirmou Gutemberg, com as bênçãos de Calisto, Carvalho e Marcos Paulo, quatro políticos que sonhavam em estar na posição de Napoleão.
– Por acaso você está se colocando nessa fila? – E, lembrando o mestre que havia negado três vezes, emendou: – Não estamos numa
eleição para ver quem será o maior, mas quem melhor servirá. A sociedade escolherá não uma celebridade ou um ser humano poderoso, mas um simples funcionário para dirigir a nação com responsabilidade e competência, com a obrigação de vacinar-se contra a necessidade neurótica de poder e de ser o centro das atenções. Vocês já se vacinaram?
De repente, Marcos Paulo, o velho senador, se levantou e saiu sem que os outros soubessem se ia ao banheiro ou se discordava das ideias de Napoleão. João Gilberto não sabia se ria ou se chorava.
Queria estar discutindo estratégias para consolidar a eleição, somente isso importava.
– Não o entendo. Você está com a eleição garantida e está armando confusão.
Mas Napoleão disse:
– Você se preocupa com o país ou com seu ego? A porta de saída está aberta.
– Longe de mim. Você é o cara para dirigir a nação!
– Dispenso o elogio. Não sou insubstituível. Apenas na rua onde moro deve haver pelo menos uma dúzia de pessoas que poderiam dirigir a nação tão bem quanto ou até melhor do que eu. Só não têm a oportunidade.
– Você está louco, Napoleão. Governadores dizem que você é um ser humano raríssimo e nos aplaudem como um time de notáveis
– afirmou Carvalho, ansioso. – E, com seus assessores, formaremos um time de ouro.

– Um governo afunda não apenas pela inabilidade de um governante, mas pela sua incompetência de escolher seus assessores.
Se vencermos as eleições, espero escolher mentes proativas, ousadas, bem resolvidas e apaixonadas pela sociedade.
– Com quem você tem aprendido essas coisas? Suas palavras são simples, mas paradoxalmente profundas e estranhamente belas –
afirmou Silvia Abreu.
Napoleão fez uma pausa para respirar e para recordar o personagem que vinha desnudando-o e dissecando sua psicose
política.
– Essas teses gritam aos nossos ouvidos, mas não a ouvimos.
– Excelente, excelente! – falou Carvalho, e o aplaudiu, levando todos a acompanhá-lo. – Mas, pelo amor de Deus, vamos ganhar esta eleição.
– Carvalho, meu medo não é perder a eleição, mas não ser fiel à minha consciência.
– Como não? O meu medo aumentou. Tenho pesadelos com a eleição todos os dias – disse o tesoureiro que sonhava em ser o ministro do desenvolvimento. – Sou seu fiel escudeiro desprendido de outras intenções. Sei do meu valor, mas não busco ser ministro. A escolha será sua… O que me preocupa é a eficiência do governo.
– O vírus da corrupção está na circulação humana. Diminua sua imunidade e esse vírus eclodirá – afirmou Napoleão, que tinha visitado os porões de sua mente.
– Mas eu não sou corrupto – rebateu João Gilberto.
– Muito menos eu – arrematou o tesoureiro.
– Existe a corrupção branda, que só prejudica o hospedeiro, e a corrupção agressiva, que destrói as famílias, as empresas e a sociedade. Um ser humano produz em média de cinco a sete mentiras ou dissimulações diárias. Vocês dois estão acima ou abaixo da curva?
Que tipo de cepa os infecta? – perguntou, de forma perspicaz.
– Bom eu… eu… Você não pode me julgar! – fuzilou João Gilberto.
Napoleão perdeu a paciência. Bateu na mesa com força, assustando a todos, pois, apesar de ser excessivamente acelerado, era equilibrado.
– Estamos numa eleição para presidente, caramba! – E após uma breve pausa, indagou: – Vocês me acham ético?
Todos declararam que sim. Calisto comentou.
– Eu o conheço há quinze anos. Para mim você é ansioso, mas radicalmente honesto.
E pela primeira vez um candidato à presidência de um país fez esta declaração:
– Eu também pensava assim. Mas tenho descoberto que o vírus da corrupção circula nas artérias de meu cérebro.
– Mas então quem está livre deste mal? – afirmou o senador.
– Quem se vacina todos os dias. Quem se coloca como funcionário do público. Quem tem consciência da efemeridade do poder. Quem tem

humildade para reconhecer suas loucuras e a habilidade para mapear seus demônios emocionais. Nossos patrões exigirão isso nas urnas… Isso basta!
Se levantou e, assim, terminou aquela reunião. Todos ficaram estarrecidos com Napoleão Anacleto de Alcântara Filho. À medida que enxergava suas limitações e suas deficiências, sua ousadia e sua inteligência ganhavam musculatura, pelo menos para ser transparente. Parecia indomável pelos líderes da campanha.
Aprendera a ser um homem em construção, que desejava mudar seu mundo, antes de mudar a sociedade…

Estranhos em família

A agenda de Napoleão estava ainda mais intensa nos dias que antecediam as eleições. Ele lutava para não ser uma máquina de trabalhar, de resolver problemas, de dar entrevistas. Mas perdia suas batalhas. Descobrira que precisava relaxar, se divertir, dar risadas de algumas bobagens, enfim, oxigenar sua emoção e abrir o leque da sua memória para dar respostas mais profundas aos desafios do cargo. Convenceu-se de que Robespierre e milhares de outros líderes primeiro foram devorados pelo seu estresse para, depois, devorar seus pares, sua cidade, seu Estado, seu país.
Precisava desesperadamente da solidão criativa: encontrar-se consigo, se repensar, se interiorizar, mas as únicas oportunidades que tinha para penetrar em camadas mais profundas de si mesmo eram as viagens patrocinadas por H. Mas o desgaste era tão grande que torcia para que o misterioso personagem desaparecesse de sua história. Sair do verniz social tinha seu preço.
Na manhã seguinte, estava tomando café com Débora e os dois filhos, Fábio e Felipe. Sem controle da emoção, seu relacionamento havia começado no céu do romance e estava terminando no inferno do tédio e dos atritos. Fora de casa, ele era sempre solícito, dado ao diálogo, mas em casa era fechado, circunspecto, sisudo, de poucas palavras. Era um homem muito distante, e a duras penas descobrira que sua família estava emocionalmente falida.
Quando, no meio da refeição, Fábio derrubou leite sobre a mesa, todos imaginaram o sermão que vinha pela frente. Mas, em vez de Napoleão dizer "Você não tem cuidado! Vive no mundo da lua!", ele controlou a ansiedade e voltou a surpreender o filho:
– Não se preocupe, Fábio, as grandes ideias nascem do caos.
Débora, admirada, não entendeu seu humor. Por pequenas coisas ele costumava ficar contrariado.
– Você não vai dar uma bronca nele?
– Bronca? Esse garoto só merece elogios.
E os dois, o pai e o filho, bateram o punho um no outro mostrando que estavam em sintonia.
– O que está acontecendo, Napoleão? Você está tão diferente.
– É a décima vez que você me pergunta isso. Estou diferente para pior ou para melhor?
O filho mais novo, Felipe, se antecipou:

– Para melhor, papai.
– Sim, para melhor. Mas você está indo a algum psiquiatra, psicólogo, coaching, padre, pastor? – questionou a mulher.
– Estou aprendendo a dar risadas da minha estupidez.
– Mas você era tão lógico e linear, sempre levou a vida a ferro e fogo. Ouvir isso de você é no mínimo espetacular.
Nesse momento, Felipe percebeu que seu celular não estava consigo e questionou o irmão:
– Cadê meu celular?
– A bateria do meu acabou. Já devolvo – respondeu o mais velho.
– Você sempre pega minhas coisas sem pedir! – reclamou Felipe, em tom alto.
– E você é um egoísta que nunca empresta nada! – reagiu o irmão, estressado, jogando o celular sobre a mesa.
As estações emocionais na casa do homem que queria liderar a nação eram doentiamente flutuantes, a tal ponto que saíam da primavera para o inverno em segundos.
– Você é que é um egoísta!
E o tempo fechou. Napoleão percebeu que seus filhos estavam reproduzindo o que ele tinha de pior, e não de melhor, ficou atônito com essa conclusão, extraída sem a presença de H. O limiar para frustrações estava baixíssimo, por pequenas decepções seus filhos se digladiavam, viviam num coliseu familiar. Sentiu que falhara como educador. Preocupado, colocou as mãos na cabeça.
Débora observava atentamente a reação de Napoleão:
– Por que está espantado? Esses atritos são tão comuns aqui em casa…
Napoleão tentou abrandar os ânimos, em voz baixa:
– Acalmem-se, garotos.
Mas eles não o ouviam, continuavam acusando-se mutuamente.
– Prestem atenção.
Mas nada. Elevou o tom de voz:
– Acalmem-se, meninos.
Mas eles ainda não o ouviram.
Então ele gritou.
– Fiquem calados!
Todos levaram um susto. H apareceu substituindo o rosto de Abraham Lincoln, o político que Napoleão mais respeitava, estampado num imenso quadro que estava no centro da sua sala.
Constrangido, o pai disse aos filhos:
– Se preciso elevar o tom de voz para me fazer ouvir é porque sou grande fora, mas pequeno dentro de casa, pelo menos nos focos de estresse. Se eu fosse grande para vocês, se me admirassem, meu tom de voz poderia ser brando que teria enorme impacto. Eu falhei como pai, me desculpem.
Ao dizer essas palavras, H desapareceu e Abraham Lincoln voltou.
– Mas nós o admiramos – disse Felipe.

– É verdade – confirmou Fábio.
Tentando se recompor, Napoleão olhou para os filhos:
– Não o suficiente, mas não os culpo. Quanto ao atrito de vocês, todo relacionamento exige a arte de negociar para pacificar os conflitos.
Os filhos se entreolharam. Havia anos seu pai não tinha uma conversa séria com eles.
– E arte de negociar sempre implica ganhos e perdas dos dois lados. Se numa negociação uma pessoa leva muita vantagem, ganha muito, a outra sai perdendo. Se ambas cedem um pouco e ficam levemente insatisfeitas, a negociação tem grande chance de ter sido um sucesso. Entenderam?
Felipe tomou a frente.
– Bem, papai. Eu poderia não ter gritado com o Fábio e pedido com educação que ele me devolvesse o celular.
Acusado pela própria consciência, Fábio também concluiu:
– Eu também errei. Poderia não ter invadido seu espaço.
Bastava ter pedido emprestado.
– Parabéns. Vocês ainda vão errar muito nesta vida. Mas, se aprenderem a arte de negociar, transformarão os erros em acertos, lágrimas em alegria, crises em oportunidades.
– É assim que se governa um país? – perguntou o filho mais novo.
– É assim que se governa nossa emoção, filho.
Era um sábado, então os garotos logo saíram para aproveitar o dia. O casal ficou só. Os dois permaneceram em silêncio por algum tempo.
Discretamente, Débora começou a chorar.
– O que foi, querida? – disse o político, pegando em suas mãos.
– Estou feliz porque você voltou.
– Como assim?
– Lembro-me muito bem de quando me casei, mas não me lembro de quando o perdi.
Ele franziu o rosto. Sabia o que ela queria dizer.
– Foi sutil, pouco a pouco, como uma chama que foi se apagando até o breu invadir o ambiente.
– Mas ainda estou aqui.
– Você não percebe que não tenho mais o mesmo brilho nos olhos? Sorrio quando estamos diante dos fotógrafos, mas choro por dentro. Sorrio quando estou com você nas festas e nas confraternizações, mas me falta o pão da alegria.
Napoleão observou a mulher, respirou profundamente e comentou:
– Como disse um amigo: a Era dos Mendigos não terminou.
– O que quer dizer com isso?
– Há muitos mendigos emocionais morando em casas de condomínios e apartamentos confortáveis como este.
Ela ficou impressionada com a sensibilidade. Fez que sim com a cabeça. Não queria chorar, mas não se conteve:

– A política, ou o excesso de atividades que ela traz, nos asfixiou. Somos um dos casais mais fotografados e admirados deste país, mas não temos privacidade, não sabemos mais namorar, fazer coisas triviais, ser simples mortais.
– Lembra o tempo em que eu ia ao supermercado comprar frutas e outra coisas para casa? – disse ele, inspirado. – Comprava até mortadela, algo de que eu sempre gostei, apesar de você me criticar.
Débora sorriu:
– Você ia para a cozinha, dizia que era o melhor chef, mas fazia uma bagunça. Ah, que saudades daquele tempo! Hoje você discute os problemas da nação, mas não discute a nossa relação.
– Sou o culpado. Não separei a vida pública da privada.
Preocupo-me com o bem-estar de milhões de pessoas que estão distantes de mim, mas faço sofrer as pessoas que mais amo. Sinto-me um zumbi.
– Sinto por você, Napoleão, por nós, pelos nossos filhos. Não sei se há uma solução – afirmou ela, condoída: – E agora?
O político eloquente, capaz de fazer discursos brilhantes, estava sem voz. Há um momento, cedo ou tarde, em que todo ser humano tira a maquiagem, enfrenta a realidade crua da existência.
Chegara a vez de Napoleão. Sua família tornara-se um grupo de estranhos.
– E agora? – repetiu ela, colocando-o contra a parede.
– E agora? – repetiu ele, enquanto pensava: – O que as pessoas fazem quando descobrem que faliram? Choram, se destroem, se separam, ou então reconhecem suas imperfeições e suas debilidades e gritam para si: “Que se dane o mundo! Apesar das minhas dívidas, vou me reconstruir sem culpa. Agora vou ser feliz”.
Não se preocupe com a presidência. Você tem toda liberdade de desistir de mim. Qual a sua opção?
Débora parou, pensou, repensou. Era uma decisão difícil. Se
ela desistisse da relação, seria um escândalo, ele poderia perder a eleição. Tempos antes, Napoleão pressionava as pessoas a seguirem suas ideias; agora, mesmo nos momentos mais difíceis, tinha a coragem de dar a liberdade para elas decidirem. Depois de uma respiração solitária e profunda, ela falou.
– Prefiro a opção de seguir meu coração. Dizer em alto e bom som: “Esse é o homem que tenho, saturado de defeitos e que erra seus principais alvos, mas vou investir nesta relação. Vou reconstruir minha história sem culpa. Que se dane o resto”. –
comentou ela, com um sorriso cheio de lágrimas.
Feliz, ele completou:
– Vinicius de Moraes defendeu a tese de que o amor fosse eterno enquanto durasse, mas precisamos de uma tese mais profunda: que o amor seja eterno enquanto se cultive. Desculpe-me por tê-la abandonado. De todas as coisas que conquistei na vida, você é a melhor. Eu te amo.
Ela voou sem asas às nuvens. E respondeu:

– Os homens domam máquinas e cavalos, mas as mulheres são especialistas em domar o coração. Ainda bem que o amor é ilógico. Eu também te amo.
Em seguida, Débora se levantou, foi até o aparelho de som e colocou a música que ambos amavam: New York, New York, na voz de Frank Sinatra. E dançaram como nos velhos tempos, como dois adolescentes que iniciavam uma história. E, assim, um romance fragmentado e falido começou a ressurgir do caos.
O grande provocador da mente A tempestade vestiu aquela noite com um manto de dor. Pela manhã, os pássaros deveriam despertar angustiados, ninhos derrubados, o trabalho de toda a primavera destruído, mas, para espanto da natureza, apagaram da memória a chuva torrencial e as rajadas agressivas dos ventos, e se colocaram a cantar. Como músicos que não se dão o direito de lamentar, entoaram melodias que homenageavam à vida como um espetáculo. O sol cobriu aquela manhã com o lençol da alegria. As estrias dos raios incidiam sobre a face de um homem que dormia sob uma árvore de folhas diminutas e espiculadas. Como as aves, este homem esquecera-se que atravessara os vales dos vexames, os desertos das crises, as escarpas das contradições.
Esquecera ainda, pelo menos naquela madrugada, que dissecara em sua personalidade úlceras extensas por trás da pele maquia da. Não havia cama nem travesseiro, mas encontrara finalmente descanso depois de tantos embates.
Não acordou num sobressalto, mas folgadamente.
– Ah, como é bom estar em paz comigo – comentou para si.
Sentou-se ao chão e, faminto, comeu as frutas pretas caídas no solo. Colocou-as entre os dentes, sentiu uma suave textura, remeteu-a para suas glândulas salivares e imediatamente sentiu um gosto amargo insuportável. Cuspiu-as. Eram azeitonas. Curtidas são agradáveis; cruas, como o ser humano impulsivo e deseducado, são intoleráveis.
Olhou ao redor e tentou se localizar, mas não conseguiu.
Pressentiu que H estaria por trás dessa nova situação, mas girou o pescoço e não o viu. Todavia, teve a convicção de que estava num solo que jamais pisara, num espaço que jamais respirara. Rotina, ah, essa doce prisão que os conformistas amam, já havia muito não fazia mais parte do seu cardápio existencial. Tudo nos últimos tempos de Napoleão era surprendente, ainda que o mergulhasse nos mares da
ansiedade.
Então, palavras proferidas num tom cada vez mais alto começaram a pressionar seus ouvidos. Eram homens se aproximando. Discutindo não como inimigos, mas como fraternos companheiros de jornada, sobre os percalços da existência. Um deles, de nome Críton, advertiu seu companheiro.
– O que pensa da vida? Você inspirou crianças a sonharem, jovens a pensarem e líderes a se revisarem. Lutou contras feras bravas da alma humana. Entrega-se agora sem lutar?

O homem que fora advertido era um pensador que em breve passaria pelos desertos cáusticos de um julgamento desumano.
Deveria bater em retirada, como todo mortal, mas se recusara a deixar a meca da filosofia, Atenas. Era tão teimoso quanto inteligente.
Era uma obra de arte ambulante e, ao mesmo tempo, tinha modos estranhos: costumava caminhar descalço, amava sentir a conexão com a terra, não tinha afinidade com banhos e sua especialidade principal era perturbar mentes incautas, rígidas e fechadas. Era mestre em usar o instrumento mais cortante da formação humana: a arte das perguntas.
Napoleão os observava. Percebeu que era um diálogo incomum. O sujeito que estava sendo aconselhado a fugir acenou para Napoleão com a cabeça, sem se importar com a atenção do intruso à sua conversa. Sua vida era um livro aberto. Não usava artifícios para se esconder. Em seguida, encarou seu interlocutor:
– Críton, meu amigo. Por que teria eu pavor de meu julgamento? Levarei essas mentes turronas, que querem me silenciar, a pensarem! É uma grande oportunidade! Esquece quem sou? Não trabalho com ferros, não selo cavalos, não planto vinhas!
Minha ocupação é a maiêutica: o parto das ideias!
Napoleão ficou impressionado com a fineza do seu pensamento e a descrição da sua profissão. Nunca conhecera alguém com essa ocupação. Que homem é esse?, questionou-se.
– Oh, filósofo da dúvida e da teimosia, tem filhos e mulher – alertou Críton: – Do que servirá se morrer? Será um cadáver estéril, um peso insuportável para quem ama e um fluxo de lágrimas para seus alunos.
– Quer dizer que não adianta ser um parteiro de ideias se a terra me receberá em seu útero? Quem disse que depois da morte não poderei parir novas ideias?
– Ninguém pode com seus argumentos – asseverou Críton, desanimado.
– Ah, Críton, se pudesse abrir sua mente, entenderia que durante meus breves anos nesta Terra descobri que o conhecimento está dentro das pessoas, que todas elas são dotadas de habilidades de aprender por si mesmas. Aprenderei nesse julgamento, não silenciarão minha voz. Deixe-me continuar filosofando. Deixe-me ser quem sou.
– Se ajuda muitos a libertar seu autoconhecimento, por que não permite que eu liberte o seu, ainda que seja uma fresta de luz?
Por que não me dá espaços para ajudá-lo a entender que a vida deve ser preservada a qualquer preço?
– Porque não concordo com a tese. Há um preço impagável.
Não posso violar minha própria consciência.
E os dois se afastaram alguns passos de Napoleão. Enquanto este se distraía com aquele inteligente diálogo, alguém tocou seu ombro. Virou-se, assustado.
– H? Há dias não o vejo!

– Estava com saudade?
– Não sei. Quase me interno num hospital psiquiátrico ao retornar. Não suportei ter negado vexatoriamente a Cristo.
– Não precisa se internar. A sociedade em que você está já é um hospital de loucos – disse H, com ar de ironia.
– Hoje eu sei. Mas fiquei deprimido – assegurou o político.
– A esperança é o oxigênio da emoção. Sem ela, qualquer um se deprime – ponderou H.
Em seguida, Napoleão perguntou, curioso, ao personagem cuja memória nem os supercomputadores do seu tempo tinham:
– Quem são esses dois? Parecem intelectuais, mas o ambiente aqui é tão rústico.
– Não reconhece aquele? – E apontou para o pensador que em breve seria julgado.
Napoleão não tinha a menor ideia de quem era, só sabia que fora cativado pelos seus diálogos. Fez um sinal negativo com a cabeça. H, sempre ensinando com sutilezas, comentou:
– Aquele simples homem é um dos maiores provocadores da mente humana que nossa espécie já conheceu. Estar com ele é um convite a pensar.
– Mas qual seu nome?
– Tente descobrir.
Em seguida, H explicou que a maiêutica, ou parto das ideias daquele homem, tinha dois momentos cruciais. O primeiro se dava quando ele usava o instrumento das perguntas para dissecar as falsas verdades e os preconceitos débeis.
– Seus interlocutores ficam em estado de pânico pela maneira como ele os coloca em xeque. Se alguém lhe diz “você está errado”, o parteiro das ideias o metralha com seus questionamentos: “Quem sou eu? Quem é você? O que é o erro? Qual a diferença entre o erro e o acerto? Que parâmetros utiliza para me acusar?”.
Mas o parto das ideias ainda não estava completo. H continuou a explicar:
– Após colocar seu interlocutor contra a parede, o sujeito abre o circuito da sua memória, o que permite elaborar novas ideias, mais próximas da realidade.
Napoleão ficou perplexo com esse método de aprendizado.
– Eu sempre fiz o contrário do método desse homem. Sou um especialista em apontar falhas, e não em questioná-las.
– De fato, você sempre foi um invasor de privacidade. Era um trator, passava por cima dos outros. Raramente bombardeava com perguntas os deputados, os senadores, seus assessores, seus filhos.
Você sempre foi ótimo em estressar os outros, e não em formar pensadores.
– Acho que fui um colecionador de inimigos. Parece que esse

pensador usa os copilotos da aeronave mental a seu favor, liberta o Eu deles para serem autores da sua própria história – concluiu o poderoso político, que nunca se conhecera tanto como nas últimas semanas.
– Alunos que não manipulam a arte das perguntas se tornam estéreis, repetirão ideias e não serão pensadores. É no que este homem que será julgado acredita?
– Mas quem é ele?
– Não conhece o homem que disse: “Três coisas devem ser feitas por um juiz: ouvir atentamente, considerar sobriamente e decidir imparcialmente”?
– Não, não me vem à cabeça.
– Nem estes pensamentos: “Não sou nem ateniense, nem grego, mas sim um cidadão do mundo” e “vida sem desafios não vale a pena ser vivida”?
– Não estou lembrando.
– Nem as teses: “Conhece a ti mesmo e conhecerá o universo”
e “as pessoas precisam de três coisas: prudência no ânimo, silêncio na língua e vergonha na cara”?
– Nada tão belo e nada tão irônico. Sinto muito, mais ainda estou inseguro entre Sócrates, Platão, Aristóteles, Pitágoras.
– “Só sei que nada sei. E o fato de reconhecer isso me dá vantagem sobre aqueles que julgam saber.” Não reconhece o autor deste pensamento?
A mente de Napoleão foi iluminada.
– Não é possível. É Sócrates, o grande pensador do Ocidente?
H confirmou. O político ficou ansioso, animadíssimo. Em seguida, comentou:
– Fiquei assombrado diante do homem que mais admiro, Jesus de Nazaré. Agora estou diante de outro homem que, embora não conheça tão bem, foi um dos maiores pensadores da História.
Geralmente a fama de um personagem é muito maior do que ele mesmo, mas eis que o personagem é maior que sua fama!
Napoleão tinha razão em ficar animado. Sócrates e seu
discípulo mais notável, Platão, fizeram contribuições importantes e duradouras aos campos da epistemologia e da lógica. Sua habilidade em questionar tudo e a todos e nunca aceitar dogmas como verdades, sem passar pelo crivo da dúvida, moldaram muitos pensadores ocidentais.
Sócrates sempre foi uma figura misteriosa, pois nunca escreveu um livro de próprio punho. Todavia, seus discípulos, Platão e Xenofonte, e as peças teatrais de Aristófanes descreveram suas ideias e seus comportamentos.
Logo que ficou sabendo que Sócrates estava dividindo o mesmo ar que ele, Napoleão diminuiu os ruídos da sua mente, aproximou-se e atentou mais ainda ao diálogo entre Sócrates e Críton.
– Sócrates, meu dileto mestre. É capaz de parar o que está fazendo e ficar imóvel por horas, contemplando ou meditando sobre algum problema, um tema, uma tese. Mas não ouve a voz da razão.
Está prestes a fechar seus olhos para a vida. Fuja!
Mas Sócrates terminou o diálogo.
– Críton, não percamos mais tempo. A hora do meu julgamento se aproxima.

E eles se foram. H e Napoleão os acompanharam à distância.
Depois de presenciar emocionado uma parte do julgamento de Jesus Cristo, agora testemunharia o de Sócrates. Era um privilegiado, nunca mais seria o mesmo. Mas, subitamente, interrompeu seus passos, olhou para H e seu coração disparou.
– O que está preparando para mim desta vez?
– Fique tranquilo.
– Com você, jamais ficarei.
– Onde está o político corajoso que usa o microfone como cetro?
– Não sei. Hoje sou um homem alquebrado, cuja alma está partida em mil pedaços. Se for para correr mais um risco de vida ou para visitar os vales sórdidos da minha pequenez, basta, eu fico.
– Fica onde?
– Aqui.
– Com aquele leão por estas bandas.
E avistaram um leão a uns cem metros, distraído. Napoleão apressou o passo.
– Preciso de garantias de que não me colocará novamente na cova dos leões.
– O passado é uma certeza, o futuro é imprevisível. Se tiver medo dos predadores do futuro, o medo tornar-se-á um predador presente.
– Não me venha com filosofias agora. Se for para participar deste julgamento, prefiro subir numa oliveira e de lá não descer. Se puder acompanhar como espectador, vou com você.
– O advogado que quer dirigir uma nação cinquenta vezes maior que a Grécia está com medo de um julgamento?
– Bom eu… Nunca me senti tão incapaz. Não tenho medo de abandonar minha campanha. Você me levou à lona muitas vezes.
Enquanto isso, Sócrates e Críton continuavam caminhando até a cidade. H e Napoleão, num embate profundo, esqueceram que os seguiam. Desistir não era um verbo que Napoleão conjugava, ainda mais sabendo que estava na frente da disputa pela presidência, seu maior sonho. H, surpreso, indagou:
– Está disposto a atravessar os vales dos vexames se desistir?
– Creio que sim – disse, titubeando. Pelo menos já não era tão radical.
– Todos o considerarão um covarde – afirmou H.
– Já passei por coisas piores com você.
– Mas é seu melhor momento.
– Eu não o entendo. Você destruiu-me, partiu-me em mil fragmentos e agora quer me encorajar? Estou doente, viciado no poder e tenho dúvidas sérias sobre o time que me assessora. Às vezes, sinto que nos primeiros lugares estamos eu, meus conselheiros, o partido, nossa vaidade, e, em último, a sociedade.
– Diagnosticar um câncer é uma oportunidade para o tratamento. Você trairá os sonhos de milhões de pessoas que creem em você?

– Sou um traidor. Traí meus filhos, minha esposa, minha saúde e meus sonhos.
– Acho que você é um covarde – disse H, sem nenhum pudor.
– Covarde? Você está brincando comigo! Você sabe o que é ser degolado por Maximilien de Robespierre?
– Mas você não foi!
– Não fui fisicamente, mas senti minha cabeça descolando do meu corpo. Sabe o que é ser fuzilado por um sociopata?
– Mas você está vivo.
– O que é a vida? O que é estar vivo? – questionou, como Sócrates. – Quando Himmler me chamou de verme e apontou sua arma, tive um ataque de pânico. Sabe o que é ser atacado por gladiadores ou ser deglutido por feras?
– Pare, não é preciso continuar. Basta – interrompeu H.
– Sabe o tamanho da dor de negar três vezes a pessoa que você acreditava mais amar? Sabe o que é ancorar a leitura da memória dia e noite num arquivo que grita que sou infiel aos meus princípios?
Você não conhece as mazelas humanas, H! – disse, irado. – Desconfio de que você esteja no corpo de um homem, mas não seja humano. É destituído de emoção, é insensível, disseca minha tolices sem anestesia, é meu algoz.
– Você me espanta por me desconhecer, político! Não enxerga que tenho a afetividade dos romancistas, a generosidade dos filantropos, a magia dos poetas e a ingenuidade das crianças!
Napoleão caiu na gargalhada.
– Era só o que me faltava! Ingenuidade de uma criança. Você é irônico como Sócrates. Um terrorista não teria tanto requinte de crueldade. – E, embargando a voz, completou: – Você acabou comigo, furtou minha ambição, sequestrou meu sonho. Estou com a vitória quase garantida nas eleições, mas é incrível: não tenho coragem de continuar.
H franziu os músculos do rosto, sentindo pela primeira vez que seu aprendiz estava deixando de ser um ególatra, estava entregue, fragmentado. Bateu nas suas costas e comentou.
– Desculpe-me, homem. Mas dei-lhe sabedoria que sábios não tiveram.
– Mas o preço é alto. Você me virou de cabeça para baixo.
Cortou meu ego em mil pedaços.
Então, Napoleão e H interromperam sua marcha e olharam de alto a baixo o grande edifício que estava à frente deles. H tomou a frente:
– Chegamos.
– Onde?
– No anfiteatro em que Sócrates será julgado.
– Ele morrerá?
– Não conhece a história? Não vou responder. Você pode partir. Estou pronto para colocá-lo na sua cama, sem ninguém ver, debaixo do seu edredom, acomodado no seu travesseiro de pluma de ganso.

H, ao dizer essas palavras, deu-lhe as costas e entrou no anfiteatro.
Napoleão suspirou e o interrompeu:
– Não perderei este julgamento por nada.
H sorriu e meneou a cabeça, satisfeito. Os dois personagem entraram no anfiteatro. Napoleão não tinha a mínima ideia do que o aguardava.
Julgar sem conhecer
O tribunal que julgaria Sócrates era constituído por quinhentos cidadãos com direito a voto. Era um evento muitíssimo concorrido, não apenas por que o réu era famoso, mas porque a condenação do filósofo que arrebatara milhares de jovens poderia dar origem a uma revolta no seio de Atenas.
Sócrates foi acusado de três crimes. Primeiro, de não acreditar nos costumes e nos deuses gregos. Segundo, de unir-se a deuses malignos que gostavam de destruir as cidades e que seriam seguidores de um Deus único. E, em terceiro lugar, de corromper os jovens com suas ideias.
Devido à arte da pergunta e à sua habilidade de provocar a mente das pessoas, Sócrates tornara-se popular. Influenciado pelo filósofo Parmênides, dia e noite ensinava que o pensamento crítico nasce quando se começa a questionar o que somos e o mundo em que estamos. A juventude grega, sob seu ensinamento, deixou de ser mentalmente adestrada, passou a ter opinião própria e a navegar nas águas das ideias, o que levou o pensador a se tornar um perigo para a elite dominante.
Três foram os seus acusadores.
O primeiro deles, Ânito, poderoso e influente, representava os políticos e os interesses dos comerciantes e dos industriais. Era um líder democrático, mas havia um problema que comprometia sua isenção nesse caso: um de seus filhos tornara-se discípulo de Sócrates e passara a rir da mitologia grega e dos deuses do pai.
O segundo, Meleto, era um poeta trágico. A poesia era tão importante para a formação humana naqueles tempos que havia na Grécia a classe dos poetas, representada no julgamento por este homem, que assinava oficialmente a acusação.
O terceiro era Lícon, cujo nome ficou à margem da história.
Representava a classe dos oradores e dos professores de retórica, habilidades importantíssimas para formar mentes brilhantes, mas que foram perdidas nas escolas modernas, excessivamente cartesianas.
Lícon também tinha interesse na condenação de Sócrates porque seu filho fora contaminado por Callias, associado ao pensador.
Meleto proferiu as acusações:
– Sócrates é culpado do crime de não reconhecer os deuses reconhecidos pelo Estado e de introduzir divindades novas; ele é ainda culpado de corromper a juventude.
Embora a Grécia fosse um dos celeiros mais notáveis na formação de pensadores da história, o Estado não era laico. A descrença nos deuses referendados pelo Estado era um crime. Os principais conselheiros de

Atenas estavam reunidos no julgamento de Sócrates, e os acusadores foram incisivos. Ânito foi particularmente impiedoso.
– Este homem, Sócrates, que questiona tudo e não dá resposta para nada, que perturba mentes ingênuas e não as ilumina, tem sido voraz contra os deuses gregos.
Ao ouvir essas palavras, muitos atenienses começaram a bater os pés, irados com o filósofo da dúvida. Não sabiam que a dúvida é o princípio da sabedoria. Meleto retomou a palavra, mais incisivo do que quando expôs a peça de acusação.
– Digníssimos magistrados, este homem compara seu período no serviço militar com seus problemas neste tribunal.
Infame, diz que qualquer membro do júri que defenda sua retirada da filosofia teria também de concluir que soldados devem bater em retirada em batalhas difíceis. Do que ele nos chamou? De covardes!
Que pena merece um insolente?
A plateia ficou alvoroçada. Meleto fizera esse comentário porque sabia que Sócrates, havia décadas, fazia inimigos ao levá-los a mapear sua própria ignorância.
Quando se iniciou a famosa guerra do Peloponeso, e os homens entre quinze e quarenta e cinco anos de idade foram enviados para lutar, Sócrates, pela habilidade de fazer as pessoas o seguirem, foi escolhido como um dos generais. Um pensador pegando em
armas feria sua própria alma. O sangue, os gemidos e a violência da guerra levaram Sócrates, o questionador de tudo e de todos, a preferir ainda mais as ideias às armas.
A guerra foi uma carnificina. Ao final, procurando preservar os poucos soldados que estavam vivos, Sócrates tomou uma atitude ousada. Ordenou que os combatentes deixassem os mortos no campo de batalha, o que era um sacrilégio, e voltassem rapidamente a Atenas. Tal atitude contrariou a lei que obrigava o general a enterrar todos os seus soldados mortos, ainda que morresse nessa tarefa.
Assim, ao chegar, foi preso.
Todavia, usando sua retórica, conseguiu convencer as pessoas de que, embora fosse indesejável, seria melhor deixar os cadáveres do que permitir que morressem todos. “Uma vez que, se todos morressem, não haveria quem os enterrasse”, argumentou. Assim conseguiu a liberdade. Ficou livre por mais trinta anos. Mas deixou uma cicatriz social.
Agora, ao ouvir a acusação de Meleto, a plateia de juízes foi menos generosa. Críton, Platão e outros discípulos faziam gestos para que ele se defendesse. Mas ele não se animava. Napoleão estava aflito ao ouvir essas acusações e perceber a atitude passiva de Sócrates. Agora entendia porque Críton, seu amigo, o advertira: “Se entrega, agora, sem lutar?”. No final do julgamento, quando o clima estava desfavorável a ele, abriu sua boca procurando mostrar as contradições dos seus acusadores:

– Como podem me julgar se não me conhecem? E como podem me conhecer se eu mesmo não me conheço?
Mas Sócrates não fez uma defesa pessoal vibrante. Sabia que o julgamento era político, não baseado em fatos, mas no preconceito dos seus julgadores e em interesses escusos. A sentença já estava previamente estabelecida.
Logo depois da fala de Sócrates, a maioria dos quinhentos cidadãos o condenou. Meleto, o oficial do julgamento, leu a sentença como um semideus.
– Esse magnânimo e justo tribunal de Atenas condena
Sócrates, por todos os seus crimes, a se exilar para sempre, ao ostracismo, a ser banido do contato com o povo, em especial com os jovens, para que nunca mais os perverta. Como prova de nossa benevolência, damos ao criminoso a opção de escolher ter sua língua cortada, para que fique impossibilitado para sempre de ensinar. Caso recuse essas opções, será sentenciado à morte pela cicuta!
O extrato da cicuta era um óleo amarelo de uma planta da família das Apiáceas, da espécie Conium maculatum. Era uma substância alcaloide que, em grandes concentrações, se tornava um veneno poderoso que paralisa músculos e órgãos vitais, como coração e pulmões.
Os discípulos de Sócrates foram perdendo a cor à medida que ouviam a sentença. Torciam que ele aceitasse o banimento, pois pelo menos nas noites soturnas, nas escarpas da montanhas, nos ermos da Grécia, poderiam tentar se reunir às ocultas e continuar bebendo de sua sabedoria. Todavia, no momento em que eles pensaram que Sócrates optaria pelo ostracismo, ele proferiu estas palavras:
– Membros deste tribunal, vocês me obrigam a escolher entre duas coisas: uma, que eu sei ser terrível, é ser exilado; ou ter minha língua mutilada. Ou seja, de um modo ou de outro, eu viveria sem ter como transmitir meus aprendizados. A outra, que eu não conheço, é a morte. Então, escolho o desconhecido!
Napoleão olhou para H e ficou impressionado com essa determinação. Ficou questionando se, no seu tempo, algum político agiria desse modo. Os quinhentos jurados do tribunal sabiam que Sócrates era intrépido, mas ficaram perplexos com sua ousadia.
Vendo-os ansiosos, Sócrates ainda teceu outros argumentos, não para se defender, mas para mostrar sua indignação com a sentença. E
falou magistralmente:
– Vocês acabam de me condenar com a expectativa de ficarem livres de prestar contas de suas vidas. Mas, se pensam que matando as pessoas as impedirão de reprová-los por viverem mal, estão errados. Essa forma de se livrarem de quem os critica não é nem muito eficaz, nem muito honrosa.
– É surpreendente a defesa de Sócrates. Que inteligência, que fineza de raciocínio, que capacidade de síntese – mais uma vez disse Napoleão aos ouvidos do seu mestre.
– Uma mente brilhante – afirmou H.

– Como podem condená-lo? É uma injustiça, uma barbárie –
lamentou o respeitado advogado e famoso político do século XXI.
A plateia de magistrados se comoveu, mas não se curvou com suas últimas palavras. Sócrates, um homem que só era um perigo para os radicais, os manipuladores, os encarcerados pelo preconceito, seria silenciado. Ele encerrou sua fala honrando o tribunal injusto e, ao mesmo tempo, mostrando por que era o filósofo que abalaria o mundo ocidental pelos milênios seguintes.
– Reitero: ser relegado ao ostracismo ou ter a língua cortada são duas formas atrozes de morrer em vida. Sou-lhes grato e demonstro meu amor por vocês, magistrados. Mas saibam que, enquanto tiver um sopro de vida, jamais deixarei de filosofar. Minha preocupação continuará sendo a de persuadir as pessoas, jovens e velhas, a ter preocupações mais nobres que o corpo e a fortuna, a preocupação pelo desenvolvimento da alma, tornando-a tão nobre quanto possível.
Era o ano de 399 a.C. Naquele tempo não havia vacinas, medidas sanitárias, antibióticos. Uma simples amigdalite poderia levar à morte. O tempo médio de vida era de trinta anos. Mas Sócrates tinha setenta e continuava vigoroso e lúcido. A arte da pergunta irrigava seu cérebro, que melhorava seu metabolismo e o tornava um jovem no organismo de um velho. Morreria filosofando, morreria questionando, morreria entrando em camadas mais profundas do mundo em que estava.
Ao ouvir as últimas palavras de Sócrates, todos emudeceram.
Ele tinha uma motivação incontrolável, que não se desviava de seus princípios.
– Que político de sua nação teria tal ousadia e tal fidelidade à própria consciência? – H indagou a Napoleão.
– Desconheço.
Bastava dizer “esqueçam o que disse”, embalar melhor suas ideias, dissimular ou falar de forma subliminar, enigmática, e Sócrates seria solto. Mas ele olhou em torno de si e sentou. Seu destino estava traçado, morreria asfixiado.
H, cabisbaixo, deu as costas para Napoleão e foi saindo decepcionado, sem convidá-lo a se retirar consigo. Não colocou Napoleão em cáustico conflito, como sempre fazia. Parecia querer abandoná-lo. Expressou desânimo com a espécie humana.
– Humanidade! – E meneou com a cabeça, frustrado. –
Acabaram de condenar os professores.
Napoleão ouviu suas palavras e ficou tocado. Acompanhou H
com os olhos em direção à porta. Quando este estava prestes a se retirar do anfiteatro, um personagem misterioso surgiu no cenário e, com voz poderosa, chamou a atenção de todos. E disse, altissonante.
– Egrégio tribunal, não podem condenar um homem sem que ele tenha um defensor que o auxilie. Tal atitude é contra a grandeza da Grécia, a nobreza deste conselho.

H interrompeu seus passos e abriu um sorriso.
– Como ninguém se manifestou, eu, Napoleão, o criminalista, o defenderei.
H começou a aplaudir, e alguns o acompanharam, em especial os discípulos de Sócrates. Ao ouvir os aplausos, Napoleão se animou.
Queria libertar o pensador.
– Um homem não é medido pelos seus bens, não é auferi do pelo seu tamanho, não é avaliado pela sua origem, mas pelas suas ideias. – Napoleão continuou: – Um dia, quando esta Terra embriagar-se com os séculos e os historiadores forem contar os feitos da Grécia para o mundo, em especial o evento deste dia, o julgamento de Sócrates, certamente contarão que este tribunal foi justo, imparcial e generoso. Um tribunal que libertou o homem que amava a arte das perguntas.
Várias pessoas o aplaudiram, agora em maior número.
H fez sinal para que Napoleão se sentasse, suas palavras eram o suficiente, mas este não viu os gestos das suas mãos. A euforia, esse vinho que embriaga mentes lúcidas, começou a embriagar Napoleão.
Excitado, ele ainda comentou:
– A grande Grécia certamente dá o exemplo para as nações da atualidade e para todas as que se estabelecerão no futuro: a liberdade plena. Uma sociedade só é livre quando não tem escravos, quando todos são livres para pensar. Esse é o pensamento do ilustre Sócrates.
Libertem-no!
Ânito, Meleto e Lícon se levantaram em total desacordo.
Ânito, por ser representantes dos ricos, tomou a palavra e furiosamente bradou.
– Heresia! Nem Sócrates nem este tagarela que o defende sabem que um terço dos habitantes de Atenas é constituída de escravos? – Muitos riram deles. – Libertá-los é assinar nossa ruína!
Napoleão ficou paralisado. Deveria aliviar a sentença de Sócrates, mas o que fez só precipitou sua condenação. O homem que passou pela guilhotina e pela virulência de Himmler não podia se calar. Poderia ser condenado com Sócrates, mas não silenciaria sua voz. Napoleão pediu a palavra mais uma vez.
– Quem é este petulante? – estranhou um dos jurados.
– O que mais pode ele dizer? – questionou outro.
– Sua língua deveria ser cortada em público – comentou Meleto para Ânito e Lícon.
Diante da insistência, aos poucos, os quinhentos magistrados, alguns eleitos democraticamente, outros sorteados dentre o povo, foram aquietando suas mentes e calando suas vozes. Mas alguns ainda estavam distraídos. Meleto, o líder do julgamento, estava ansioso para terminar tudo. Deu-lhe a palavra, mas fez um gesto para que ele não fosse prolixo.
– Senhores juízes desta corte, insisto em que me deem ouvidos. Sócrates disse que filosofaria até seu último suspiro, e eu lhes digo que o defenderia até meu último fôlego. Sócrates foi condenado por perverter a juventude.

Eu venho de um país longínquo. Em minha nação, e em muitas que conheço, muitos
jovens já não mais se interessam pelos professores ou pelos mestres.
O último lugar que eles querem estar é dentro de uma sala de aula.
Na plateia, ouviu-se um burburinho.
– Não é possível.
– Que nação é essa?
– De onde ele vem?
E Napoleão continuou:
– Quando os professores passam, nossos alunos não suspiram; quando eles falam, os alunos não se encantam; quando estão à beira da morte, nossos alunos não se desesperam, como vejo aqui o jovem Platão, Críton e outros, que estão derramando lágrimas ao ouvir a condenação do seu mestre. – E fez uma pausa emocionada.
– Os professores são os profissionais mais importantes da sociedade, são cozinheiros do conhecimento que preparam o alimento para seus alunos, mas de onde eu venho eles raramente têm apetite. E, pior ainda, muitos mestres, ameaçados, sentem-se inseguros em sala de aula, não são honrados como mestres da vida.
Os atenienses ficaram assombrados com a exposição de Napoleão.
– Que lugar horrível é esse? Nada pode ser pior – disse um magistrado.
– Sem os professores, a sociedade morre e a democracia se destrói – comentou outro.
E Napoleão seguiu em frente:
– Aqui a juventude ainda é impactada, influenciada, provocada pela mente dos seus mestres, como a do brilhante Sócrates. Que privilégio! De onde venho eles ficam viciados em… –
Queria falar “celular”, mas pensou que seria demais para eles. Então comentou – …em olhar para um aparelho que carregam nas palmas das mãos. Não falam mais olhando na face um do outro, não dividem seus problemas.
Centenas de membro do tribunal deram risadas.
– Esse defensor é maluco, os jovens são sempre inquietos, gostam de criar, questionar, contemplar a natureza.
Outros comentaram estarrecidos.
– Que aparelho é esse que os jovens ficam olhando na palma das mãos? Isso nunca existiu nem nunca existirá.
Napoleão, vendo a descrença deles, deu uma estatística.
– Em meu país, aumentou em 40% o índice de suicídio entre jovens de dez a quinze anos. No apogeu da necessidade de nos aventurarmos, estamos produzindo uma safra de milhões de crianças e jovens mendigando o pão da alegria. – Lembrou-se de seu irmão Rubens: – Muitos jovens não sonham mais, não elaboram ideias próprias, não dirigem suas mentes. – E lembrou-se de seu pai: – Os pais raramente falam de suas lágrimas para seus filhos aprenderem a chorar as deles.

Ao ouvir essas palavras, Meleto, o representante dos poetas, comentou com os dois outros magistrados.
– Que loucura é essa? Os jovens têm fome e sede de viver.
Vivem em prosa e verso a vida. Se mendigam a alegria, essa nação não é uma sociedade livre, mas uma prisão.
E Napoleão terminou a defesa de Sócrates com estas palavras:
– Três coisas se requer de um juiz: que ouça profundamente, que interprete inteligentemente e que julgue imparcialmente. Essa ideia não é minha, mas do próprio Sócrates. Em nome de Sócrates, exaltem solenemente todos os mestres. Pois, sem eles, os céus da humanidade não têm estrelas.
Sócrates, pela primeira vez, olhou para Napoleão e esboçou um leve sorriso.
Após essa fala, houve silêncio geral na plateia. De repente, um conselheiro atrás do outro começou a se levantar e a aplaudir Napoleão. Estavam propensos a mudar a sentença. Mas Meleto, cuja mente era governada pelos fantasmas mentais, mostrou-se de uma sutileza sem precedente. Insistiu com suas mãos para que os ânimos fossem abrandados. Um minuto depois comentou:
– Você quase nos persuadiu a sermos socráticos! – E, voltando-se para o tribunal, sentenciou: – Entretanto, senhores, este misterioso homem defendeu Sócrates apenas da terceira acusação. As
duas outras permaneceram intocadas.
Nesse momento a plateia, manipulada mais uma vez, começou a retroceder. E Meleto, como líder dos magistrado, usou de requinte de crueldade.
– Não é possível revogar a sentença. – E, voltando-se para Sócrates, deu-lhe um solavanco: – A não ser que Sócrates negue tudo o que disse.
Sócrates meneou a cabeça indicando que jamais as negaria.
– E agora chegou a hora de nós irmos, eu para morrer, e vocês para viver. E quem de nós fica com a melhor parte, ninguém sabe, exceto Deus.
Com essas palavras, o filósofo selou seu destino.
Rapidamente, três soldados entraram em ação e o manietaram sem compaixão. Sem demora o levaram ao cárcere como um criminoso, um perversor da ordem de Atenas. Queriam silenciar a afiadíssima inteligência do homem de setenta anos, portador de um corpo combalido, mas cujo cérebro era mais ativo e produtivo do que dos jovens de seu tempo.
Só os amigos traem
Era uma madrugada fria. Um personagem revolvia-se agitado debaixo do lençol. Agarrava-se a seu travesseiro como se estivesse num oceano, solitário, desprotegido, lutando desesperadamente para não afundar. Sua inquietação era tamanha que invadiu o espaço da sua parceira, despertando-a. Ela sentou-se na cama e pôs-se a observar os movimentos ondulares de seu homem. Ele parecia travar uma luta com os demônios de sua mente.
– Querido, acorde! – disse ela, tocando suavemente em seu peito. Nesse momento, ainda sonolento, ele balbuciou algumas palavras.
– Eu falhei! Eu falhei!

– Querido, acalme-se!
– O quê? Onde está Sócrates? – Ele reagiu tentando se localizar no tempo e no espaço.
– Quem? – questionou ela, confusa.
Segundos depois, ele apoiou suas mãos sobre a cama, flexionou lentamente seus músculos e sentou-se. Estava transtornado. Piscando seus olhos, tentou desembaçar sua córnea, melhorar sua visão e, ao mesmo tempo, ordenar suas ideias.
Débora tentou elucidá-lo calmamente.
– Você teve um pesadelo, Napoleão. Quem é Sócrates?
– É o filósofo.
– O filósofo?
– Desculpe-me, é que…
Quando a luz da razão penetrou insidiosamente nos porões da psique de Napoleão, ele não se arriscou a contar o episódio histórico que vivera. Um dia teria de fazê-lo, mas era melhor esperar o fim da campanha. Afinal de contas, ela era psicopedagoga e poderia achar que ele estava tendo um surto psicótico. E, além disso, os eventos e as surpresas que as eleições traziam já eram por si mesmos estressantes demais. Desgastar-se explicando o inexplicável era
desnecessário, pensou.
– Esta campanha está esgotando seu cérebro! – disse ela, mais uma vez. – Venha aqui, use meu peito como seu travesseiro –
sugeriu, delicadamente.
Há um momento em que todo homem precisa deixar suas trincheiras e ter sua mulher não apenas como amante, mas como seu lugar de descanso, seu porto seguro. As mulheres sempre foram mais fortes e resilientes que os homens. Napoleão se aconchegou no peito da sua ponderada esposa. Dormiu o resto da noite como uma criança protegida pela força dessa mulher.
Três horas depois, Débora despertou, mas ainda era cedo.
Procurou pelo marido, mas ele já não se encontrava no quarto. Estava lendo as últimas notícias do jornal, um ritual que repetia havia quinze anos. Desta vez, seu rosto estava desfigurado. A manchete do jornal atingia o coração da sua campanha e de sua postura como líder: “Cacique da política abandona a campanha de Napoleão”.
O senador Marcos Paulo, que dizia ser grande amigo de Napoleão, embora fosse um elemento periférico na sua campanha, a abandonara soltando farpas, atirando-o na lama. Escrevera uma nota para a imprensa esfacelando sua imagem, o que poderia mudar os rumos da eleição quase definida. A nota dizia:
…Sou homem equilibrado. Estou com setenta anos e tenho trinta e seis anos na política. Dei inegável cota de contribuição para a sociedade.
Sairei da vida pública para entrar na história quando terminar meu mandato no Senado. Entretanto, quero sair com dignidade, sem peso na

consciência. Por isso, apesar de nos últimos meses ser um dos maiores conselheiros políticos de Napoleão de Alcântara, venho a público esclarecer uma mudança de rota. Sei que minha decisão gerará sequelas irreversíveis em meu partido. Mas quem não é capaz de tomar grandes decisões não é digno de ser um grande líder. Agora que conheço Napoleão melhor, vejo como ele é ambicioso, concentrador e impulsivo. Seu apetite voraz pela presidência o impede de tomar decisões participativas, o que asfixia não apenas sua capacidade de
liderança, mas também a democracia. Ele mesmo fez um exame de consciência e confessou numa das reuniões do comitê que na quadra onde mora há centenas de pessoas que poderiam governar o país tão bem quando ele. Além de não saber negociar com a classe política, comentou que muitos de nós temos a necessidade neurótica de poder e de estar no centro das atenções. Claro, por conhecer minha postura, confessou que não faço parte dessa estirpe. Poderia citar outros elementos que me fazem abandonar sua campanha, mas aqui apenas cito seu projeto para a Previdência Social, ou seja, passar a idade mínima para aposentadoria para sessenta e cinco anos numa canetada, ideia da qual discordo. Portanto, em minha opinião, embora Napoleão seja um exemplo de parlamentar, está despreparado para governar o país. Quero deixar claro que o melhor candidato para dirigir nossa nação no momento atual é Carlos de Mel o. Eu fiz minha escolha, espero que você faça a sua. Assinado: Marcos Paulo, senador.
O senador Marcos Paulo sempre nutrira uma inveja clandestina por Napoleão, embora fosse o homem do tapinha nas costas. Autoproclamava-se seu grande incentivador. Mas, quando percebeu que seu secreto desejo de ser ministro não se materializaria, os vampiros que estavam silenciados nos porões de sua mente ganharam musculatura.
Numa das conversas que Napoleão teve com H, o misterioso personagem disse:
– A interpretação está nos olhos de quem vê. Três coisas se exigem dos políticos: saber ouvir, colocar a sociedade acima de suas ambições pessoais e das de seu partido e decidir de forma imparcial.
Mas, no teatro da política, esses elementos estão escasseando como ouro. A interpretação contaminada pela intencionalidade subjacente era tão antiga quanto o próprio ser humano. Manifestou-se quando Meleto julgou Sócrates, manifestou-se agora na nota pública do
senador Marcos Paulo em relação à liderança de Napoleão. Este já tinha comentado sobre a previdência num debate televisivo, mas Marcos Paulo trouxe o assunto à cena novamente no final da campanha e de forma distorcida.
Napoleão nunca dissera que numa canetada as pessoas da ativa só poderiam se aposentar aos sessenta e cinco anos. Seu desafeto distorcera seu projeto de aposentadoria escalonado para salvar a previdência e a nação. Além disso, pensava Napoleão, continuar por mais algum tempo trabalhando poderia ser uma dádiva para a saúde cerebral, pois não poucos

que se aposentavam se deprimiam, já que a vida média havia aumentado muito.
Tendo consultado especialistas, Napoleão entendia que o país estava perdendo seu bônus demográfico. O recolhimento da previdência por parte dos trabalhadores da ativa já não dava conta dos que estavam aposentados. Isso levaria à falência do sistema previdenciário, um fenômeno gravíssimo que abocanhava recursos volumosos do governo que deveriam ir para a saúde, a educação e a infraestrutura. Enfim, tratava-se do desenvolvimento do país. Para Napoleão, toda a sociedade devia saber disso.
– A falência da previdência, programa que deveria ser uma alegria, é um câncer que nos está comendo por dentro – disse certa vez. – Para evitar o que o que aconteceu em alguns países, onde a falência da previdência levou os aposentados a receberem apenas 60% do que tinham direito, medidas urgentes precisariam ser tomadas.
Em sua nota bombástica à imprensa, Marcos Paulo também duvidou da capacidade de liderança de Napoleão. Este sempre fora ambicioso, era um homem decidido, cujas opiniões eram obsessivamente rígidas. Todavia, ao caminhar com o mestre do tempo, quebrou a espinha dorsal do seu orgulho, que o levou a pensar em outras possibilidades.
Marcos Paulo distorceu as ideias de Napoleão de forma voluntária, em especial quando disse que um funcionário tem um patrão, mas o presidente de uma nação tem milhões de patrões, por
isso “eu farei uma gestão pública profissional corresponder às expectativas da sociedade”. Mas Napoleão não era ingênuo, sabia que teria brilhantes políticos em seus quadros, inclusive com habilidade para negociar com o Congresso. Mas jamais faria a política do tomalá-dá-cá e que se lascasse a sociedade.
– A democracia não é o governo de um partido, como dizia Abraham Lincoln, mas o governo do povo, pelo povo e para o povo.
– Sempre proclamava Napoleão de Alcântara. Logo que ele leu a notícia do jornal, começaram as ligações telefônicas. – Napoleão, viu a manchete? – falou, furioso, Carvalho.
– Eu vi. – Apesar de estar profundamente magoado, Napoleão tentou se recompor.
– Estou possesso de raiva, soltando fogo pela boca! Marcos Paulo é um traíra. Eu sempre disse que esse velho não prestava, mas você nunca acreditou – afirmou o tesoureiro.
– Ele tem a idade de Sócrates quando morreu, mas é emocionalmente imaturo – disse, magoado, mas não irado.
– Imaturo? Esse senador é um terrorista. Implodiu nossa campanha.
– Calma, Carvalho. Desse jeito você vai enfartar. Nem tudo está perdido.
– Que calma o quê! Ele foi comprado, comprado, comprado!
– disse, aos gritos, Carvalho. – Certamente recebeu milhões de dólares e os distribuiu em paraísos fiscais.
– Não acuse sem provas, homem!

Carvalho não raciocinava. Estava descontrolado.
– O que me surpreende é que durante todas essas semanas estivemos reunidos – disse Napoleão, recapitulando os momentos que tiveram juntos.
– Esse cara é um Judas. Nos beija numa face e com a outra nos apunhala.
– Os fantasmas da negação e da traição estão dentro de todos nós. Pilote bem sua mente para não cair nessa armadilha.
– Eu jamais faria algo que comprometesse sua candidatura, Napoleão. Sou cem por cento fiel! Estou indo para o comitê para construirmos estratégias juntos. Precisamos detonar esse sujeito – disse Carvalho, traçando ordens.
– Não vou me reunir agora. Quero pensar.
– Você está louco? O circo está pegando fogo e você quer pensar? – disse, irado. – Precisamos agir.
– Mas não estou num circo. Você está descontrolado. Está me dando ordens como se fosse o candidato.
Percebendo que ultrapassara os limites, Carvalho comentou:
– Desculpe, desculpe. Estou pensando em você, no seu futuro. Estou indo para a sua casa. – E desligou sem que Napoleão tivesse a chance de dizer que precisava um tempo para interiorizar.
Napoleão meneou a cabeça. Desconfiava de que, no fundo, era o futuro dele que estava em jogo. Carvalho e outros assessores sabiam navegar em águas calmas, mas não conheciam técnicas mínimas de gestão da emoção para lidar com as inevitáveis turbulências da vida. Era um homem impulsivo, ansioso, explosivo, irritadiço.
Enquanto o time mais próximo de Napoleão se dirigia para sua casa, Débora saiu do quarto, viu seu semblante descaído e perguntou:
– O que está acontecendo, meu bem?
Napoleão não abriu a boca, apenas entregou-lhe o jornal. Ao ler a matéria, ela perdeu a cor.
– Mas ainda na semana passada Marcos Paulo jantou em nossa casa e o elogiou tanto!
– Quem nos trai: os amigos ou os inimigos?
– Os amigos.
– Correto, os inimigos nos frustram, só os amigos nos traem.
Então o interfone tocou. Era o porteiro, dizendo que havia dezenas de jornalistas e redes de tevê de plantão na porta do prédio querendo falar com ele. Mas, antes que Napoleão desse uma entrevista coletiva, um dos raros homens que tinham acesso direto ao seu apartamento tocou a campainha. Era o chefe da campanha de marketing, João Gilberto, em estado de choque. Havia especialistas em marketing político que eram éticos, altruístas e comprometidos com o futuro da sociedade, mas esse não era o caso do marqueteiro que o partido escolhera, indicado por Carvalho. Napoleão pensou várias vezes em trocá-lo, mas compraria uma briga enorme com os líderes que o apoiavam.

João Gilberto estava prestes a abocanhar a segunda campanha vitoriosa à presidência. Ganhá-la o entronizaria como o publicitário que mais vencera eleições no país. Quando os ventos começaram a jogar contra, perdeu o controle.

Ao entrar no apartamento, estava tão ansioso que não perguntou como estava Napoleão, se estava estressado ou deprimido pela punhalada que recebera. Sua primeira frase foi um xingamento.

– Esse crápula! Agora que a campanha estava ganha, esse canalha. – E olhou para a mulher de Napoleão e disse: – Desculpe, Débora. Estou num ataque de raiva.

Nesse momento, Carvalho e Calisto chegaram. Deu tempo de ouvir a serena resposta de Napoleão.

– Vamos pensar numa saída. O mundo não acabou, a eleição não terminou. É possível extrair oportunidades dessas dificuldades.

Calisto olhou bem nos olhos dele, esfregou as mãos no rosto e sintetizou seu pensamento:

– Você não é o mesmo homem que conheci e que iniciou esta campanha. Sua calma me assombra.

– Não há outra saída, o negócio é contra-atacar, jogar esse traidor na lama – argumentou João Gilberto.

– Quem reclama das crises esgota seu cérebro, um cérebro esgotado sequestra o pensamento, prepara-nos para lutar ou para fugir. Há outras alternativas. Não estamos prestes a tomar a cicuta. –
disse o ponderado Napoleão.

– Cicuta? O que é isso? Não entendo seu comportamento. Onde aprendeu essas coisas? Por que está tão zen? Estamos numa guerra, sabia? – falou João Gilberto.

– Discordo novamente. Você é que está numa guerra. Eu estou
numa campanha.

– Mas isso é guerra. Só não tem armas, mas é uma guerra.

Alise seu adversário e ele o massacrará. Você vai dizer para a imprensa que nunca confiou no senador, que ele nunca foi seu assessor e que só depois que lhe negou um ministério ele se virou contra você – falou o homem do marketing.

– Mas isso é mentira! Ele nunca me pediu um ministério.

– Formalmente não, mas tinha fome e sede de ser ministro.

Em política ninguém faz nada sem querer algo em troca – disse Calisto.

– Até você, Calisto?

– Bem, eu não, penso no país. Mas poucos são de minha estirpe.

– Gente, vamos parar de filosofar. Napoleão, use minhas táticas de guerra e vencerá essa… – Quando João Gilberto ia falar um palavrão, se conteve.

– Se insistir nessas táticas, João, mais uma vez lhe digo: retire-se desta campanha. – E se levantou, irado.

Débora ficou atônita com sua atitude. Nunca gostara de João Gilberto, mas ele era ouvido como um deus. Tentou esfriar a cabeça de Napoleão.

– Calma, meu bem, calma. Estamos todos nervosos.
– Esse sujeito me tira do ponto de equilíbrio – disse Napoleão.
– Eu? Você está de brincadeira. O cara te ferra e você põe a culpa em mim.
– Mas depois, respirando profundamente, João Gilberto se corrigiu: – Desculpe, presidente. Estou preocupado com seu futuro, com o futuro do país.
– Há minutos ouvi essa mesma conversa.
– Não falo com empáfia – disse o especialista em marketing:
– Quando me dedico a uma campanha, eu o faço de corpo e alma.
Napoleão lembrou-se do tempo em que era um criminalista, na época em que o dinheiro falava mais alto.
– Se o Diabo fosse candidato, procuraria também elegê-lo?
O marqueteiro não teve dúvidas:
– Se me pagasse bem, eu tentaria.
– Mesmo que ele transformasse a sociedade num inferno?
– O problema seria de quem o elegeu.
– Então considere-se fora da minha campanha.
– Está me demitindo?
– Estou.
– Você não entende uma piada. Sou um homem ético. Dou meu sangue por você. Não é justo fazer isso. Esqueça isso, cara. Estou do seu lado.
Pela primeira vez, o deus do marketing caiu do céu para a Terra. Carvalho, preocupadíssimo, interveio.
– Napoleão, não jogue seu projeto nacional no lixo. Calma, calma. João é um cara que o confronta, mas ninguém o admira tanto.
Ele o ama – disse, dissimulando.
– Espero que vocês não se envolvam em nenhuma negociata.
Espero que jamais peguem dinheiro ilícito. Espero que declarem todo dinheiro recebido. Espero que jamais fiquem com sobra de campanha, nem dinheiro para um cafezinho. Não existe ética pela metade, não existe noventa por cento de ética, assim como não existe cirurgia parcial de um câncer.
– Se há pessoas que nunca, mas nunca mesmo, irão traí-lo somos nós. Eu, Calisto, João.
– Olha, João Gilberto, faltam alguns dias para as eleições, não sei quantos votos vou perder, se milhares ou milhões, mas vou falar de acordo com a minha consciência e não com a sua. Ok?
– Ok. Você venceu. A imprensa está lá fora querendo explicações. Todo o país fala da atitude de Marcos Paulo. – E, impulsivamente, mostrou de novo seus velhos métodos: – Fale que ele era uma cicuta ambulante, que foi seduzido pelos adversários.
– Depois caindo em si, se corrigiu: Quer dizer… fale o que você achar melhor.
Napoleão lembrou-se que não apenas drogas viciam, mas

comportamentos também. Recordou ainda de Sócrates, que resolutamente disse que poderia morrer, mas até o último suspiro jamais deixaria de filosofar e de pensar criticamente. Em seguida, foi para a coletiva.
– Que explicações o senhor dá para alguém que era um dos seus assessores mais próximos, considerado um grande amigo, ter abandonado sua campanha de última hora?
– Em primeiro lugar, ele provou que não era meu amigo. Em segundo lugar, embora fosse um conselheiro, não era dos mais próximos, como ele escreveu. Em terceiro lugar, cabe a mim apenas respeitar sua opinião. Estamos numa sociedade democrática, as pessoas têm direito de ir e vir, tem também o direito de opinar, apoiar ou abandonar um candidato.
– Você acha que ele foi um traidor? – perguntou um jornalista de um importante jornal.
– De modo algum. Só acho que ele escolheu o candidato errado.
Pelo histórico que tinha, suicídio de seu irmão e alcoolismo de seu pai, Napoleão não tinha a argamassa do bom humor como liga básica de sua personalidade. Mas seu treinamento estava revolucionando a maneira dele de ver, pensar e reagir à vida. O bom humor começou a fazer parte do cardápio da sua emoção.
Alguns jornalistas deram risadas.
– Mas você não acha estranho um cacique do seu partido mudar de opinião doze dias antes da eleição? – indagou uma repórter de tevê.
– Bem, sempre tem a primeira vez. Fui premiado.
– Mas qualquer um estaria cuspindo fogo num homem que dá tal guinada – comentou um jornalista político.
– Desculpe-me, mas você está equivocado. Antes de ser um senador, Marcos Paulo é um eleitor. Milhares de pessoas mudam seu voto semanas, dias, horas ou minutos antes da eleição. – E, olhando para a lente da câmera, disse: – E espero que eleitores indecisos do meu adversário mudem também seu voto ao meu favor.
– Mas essa questão da previdência está gerando polêmica – interferiu uma repórter de economia de uma revista importante.
– Em vez de responder, eu pergunto a você, que escreve brilhantemente sobre economia em sua revista: a previdência corre risco de quebrar?
Ela, pega de surpresa, disse:
– Sim.
– Obrigado por responder por mim.
E assim terminou a entrevista. Havia muitos estilhaços pelo chão da campanha, mas os principais fragmentos foram colados por Napoleão. Todavia, suas dores de cabeça estavam apenas começando.
Ideias que resistem ao veneno Napoleão estava no interior de uma câmara, úmida, fétida, escura, um ninho de fungos. Tinha a doença física do século XXI, a alergia.
Começou a sentir coceira na garganta e a ter leve edema de glote, o que dificultava sua respiração. Despertou com dores nas costas e tossindo.

Procurou tatear a saída e se deparou com grades rústicas de ferro mal fundidas. Lembrou-se do seu quarto, da cama macia, dos lençóis limpos, do edredom confortável, da ventilação agradável.
Estava em mais um lugar inóspito, em mais uma viagem sem ter a certeza do bilhete de volta. Acordou num cárcere. Agarrado às grades, gritou por ajuda.
– Alguém pode me ouvir?
De repente sua claustrofobia, que aparecia apenas em situações especiais, começou a devorar sua tranquilidade. Sua voz alçou voo ainda mais alto, enquanto seu coração bombeava seu sangue em desespero.
– Tem alguém aí?
Não tardou a sentir reações. A ansiedade de Napoleão era frequentemente um despertador de homens e feras. Os prisioneiros, ouvindo sua angústia, começaram a suplicar por pão e água, outros a gemer de dor. Napoleão perturbou os parcos segundos de descanso daqueles miseráveis.
Subitamente, apareceu um sujeito com um capuz. A luz do candelabro que estava no corredor incidia sobre seu rosto, mas não dava para ver o desenho do seu rosto.
– O senhor me ajude.
Economizando palavras, o homem pegou uma chave e abriu, pacientemente.
– Muito obrigado.
Então o encarcerado olhou bem o rosto do seu libertador e indagou:
– H, é você?
– Estou sempre livrando você de enrascadas.
– E quem disse que eu as procurei?
– Tenho o poder de abrir o cárcere físico, mas só você tem o de abrir o cárcere de sua mente – disse seu enigmático mestre.
– Por acaso, estou preso em minha mente?
– Frequentemente está. Já disse, há mais presídios dentro do cérebro humano do que nas grandes cidades modernas. Mas, vamos, a sentença final se aproxima.
– De quem?
– Oras, do réu que você defendeu.
– Sócrates ainda não foi sentenciado?
O filósofo das perguntas ficou um mês preso, mas chegou o momento de fechar os olhos para a vida. Tomaria a droga fatal que atuaria nas suas fibras nervosas, cortando a comunicação vital e silenciando a contração das células musculares. Napoleão e H
percorreram longos corredores, era tétrico. Por onde passavam, os homens suplicavam por ajuda.
– Senhor, me tira daqui. – Ouvia-se.
– Por que você não os liberta?
– Já disse. Não posso mudar o passado.
Mas, nesse momento, ele pegou as chaves de H e fez o grande teste de todas essas viagens. Tentou abrir uma das celas. Ela estava emperrada, mas

ele insistiu duas, três, quatro vezes. Por fim, ela se abriu e seis presos fugiram.
– Espere, você disse que o futuro não pode mudar o passado, mas abri a cela.
– Não sei como você o fez sem minha permissão. É um poder que jamais vi um homem ter. Talvez nosso relacionamento esteja chegando ao fim.
– Você está brincando? – disse Napoleão, com um humor pendular, alternando entre a alegria e a tristeza. Afinal de contas, H
mexera com toda a sua estrutura.
– Mas, cuidado, não brinque de Deus. Se você alterar o passado, altera também uma cadeia de eventos e refaz o futuro. Se libertar um prisioneiro, não sabe seu potencial homicida. Se evitar
uma pequena guerra, não sabe se outra será deflagrada onde milhões silenciariam suas vidas. Somente a educação pode prevenir as mazelas humanas de forma segura.
– Estou sentindo calafrios. Estar com um pé no passado e outro no presente é um delírio perigoso. Ou você é meu delírio, H?
– Delírio? Pode ser. Mas o que é ser real?
– Só me faltava você virar filósofo – brincou Napoleão.
Foram caminhando e conversando até que encontraram a cela onde estava o filósofo. Estava em posição fetal.
– Sócrates está meditando, preparando para ser recebido ao útero da terra. "Você é pó e ao pó retornará." – ponderou o mestre de Napoleão.
O político refletiu sobre essas palavras e, em seguida, o chamou:
– Sócrates?
– Quem se atreve a entrar no ninho das minhas ideias?
– Sou eu, Napoleão.
– Não o conheço!
– Sou seu defensor.
– O homem que acelerou meu fim?
– Desculpe-me.
– Se você não tivesse constrangido meus julgadores, talvez…
H olhou para Napoleão, e ele entendeu o recado.
Sócrates completou seu pensamento.
– Mas sua intenção foi digna de aplauso. – Em seguida, o pensador navegou nas águas da gentileza. H, tomando o cálice do silêncio, apenas os observava. – Por que colocou sua cabeça a prêmio a meu favor?
– Bem, senti que você fora injustiçado.
– Todo homem é injustiçado. Ou pensa que a morte, as doenças, a fadiga da velhice são presentes à vida? – questionou o filósofo: – Mas quem é você?
Era uma pergunta dificílima de responder.
– Sou um ser humano em construção.
O filósofo foi surpreendido pela resposta.
– Gostei. Todos deveríamos ser homens inacabados. Mas de onde você é?
– Sou um simples viajante no tempo.

O filósofo respirou lentamente, olhou para o teto desbotado, como se estivesse observando o céu iluminado, e indagou:
– Interessante. Ninguém é tão irônico quanto o tempo. Ele debocha dos ricos dizendo: “Você é pobre!”. Ri dos generais: “Você é frágil!”. Viajar no tempo é velejar nas águas da ironia.
H não suportou. Entrou no epicentro do diálogo.
– Entre a meninice e a velhice são alguns instantes. Ah, o tempo, enriquece os que aplaudem a sabedoria ética e assombra os que amam a estética.
Sócrates interveio:
– Você?
H descobriu seu rosto. Sócrates, abrindo um sorriso incontido para quem estava para morrer, indagou:
– Mestre! A que devo a honra?
H silenciou, apenas tocou seu ombro. Sócrates indagou:
– Estou para beber meus últimos minutos. Veio me assistir?
H meneou a cabeça afirmativamente. Sócrates acrescentou:
– Infelizes os que não têm tempo para visitar suas limitações.
Esses tais deixam de ser aprendizes, infectam a humanidade, se encastelam no trono do orgulho.
– Nunca proclamarão “só sei que nada sei” – afirmou o candidato à presidência, sorrindo.
– Conhece minhas ideias? – indagou Sócrates, curioso.
– Conheço alguns tijolos, mas muito pouco o oleiro que as produziu. E então chegaram alguns soldados, desataram as algemas de Sócrates e o conduziram a uma câmara bem iluminada. H e Napoleão os acompanharam à distância. No caminho, o advogado perguntou ao mestre:
– De onde Sócrates o conhece?
– Conheço a todos: dos loucos aos sábios, dos que mendigam
o pão de trigo aos que mendigam o pão da alegria – disse, com inabalável segurança.
– E porque ele o chamou de mestre?
– Que outro nome eu teria?
Lá aguardavam alguns discípulos do pensador. Abalados, angustiados, compenetrados, torcendo para que Sócrates retrocedesse, pelo menos um pouco, de suas convicções. Não queriam presenciar uma cena de inimaginável dramaticidade. O
carrasco que portava o veneno, vendo a tranquilidade de Sócrates, disse:
– É o primeiro condenado que está tranquilo diante deste cálice.
– Por que não estaria? Quem disse que a morte me silenciará?
Desesperados, seus alunos intervieram.
– Ainda é possível não tomar a cicuta. O ostracismo seria melhor – suplicou Apolodoro.
– Deixaria eu, Apolodoro, de ser um parteiro das ideias?
Andarei errante dentro de mim mesmo! – Sócrates respondeu.
Platão, ansioso, interveio:

– Mestre, se apenas revisar seus conceitos, sem abandonar sua essência, o conselho que o julgou se animará em revisar sua sentença.
– Platão, Platão. Eu recuaria do que sou para ser o que não sou. Eu amo a vida, mas não quero morrer por dentro. Seria um suicídio da minha identidade.
– Somente ajuste o que pensa – disse Críton.
– Lembre, Críton, o que lhe disse: phthora, corrupção, é a decomposição da consciência! Ah, esse demônio assombra a humanidade – expressou o filósofo, com propriedade. – Não posso admitir que a minha consciência se decomponha junto ao meu frágil corpo.
Platão comentou:
– Nós sabemos, a phthora se disfarça atrás dos acordos, se dissimula nos discursos e se esconde nos tecidos das ideologias.
Ao ouvir essa síntese sobre a corrupção, Napoleão viajou no tempo, mas agora sem sair do lugar. Refletiu sobre sua vida, seus objetivos políticos, seus pares e seus assessores. Foi apunhalado pelas costas e não sabia o impacto sobre as pesquisas de opinião.
Poderia perder a eleição, mas não poderia perder sua identidade, fragmentar sua personalidade. De repente, Sócrates se antecipou e disse para seu carrasco:
– Estou preparado.
E a História seguiu seu sinuoso e acidentado curso. Anos depois desse episódio, Platão, o mais ilustre discípulo de Sócrates, narrou de próprio punho em seu livro Fédon esses momentos emocionantes. Nele, conta como todos os seguidores de Sócrates caíram no choro ao vê-lo beber, sem nenhum sinal de hesitação, todo o veneno.
Ao notar que um de seus discípulos, Apolodoro, urrava de sofrimento, Sócrates pediu calma, lembrando que “só se deve morrer com palavras de bom agouro”. Platão conta que, nesse momento, os colegas e ele se sentiram envergonhados, tendo então deixado de chorar. Foi quando Sócrates se deitou de costas, conforme recomendara o homem que lhe dera o veneno. Este começou a lhe apertar pés e pernas, questionando se sentia algo, de tempos em tempos. Quando Sócrates deixou de sentir as pernas, o homem explicou que ele morreria assim que o veneno chegasse ao coração.
As últimas palavras de Sócrates, conforme descreveu Platão, foram dirigidas a Críton.
– Críton, devemos um galo a Asclépio. Não se esqueça de saldar essa dívida.
– Farei isso – respondeu Críton. – Não há nada mais que você queira dizer?
O pensador já não estava vivo para responder. Críton fechou seus olhos e sua boca. Ao escrever sobre o ocorrido, Platão resumiria: “De todos os homens que nos foi dado conhecer, era o melhor e também o mais sábio e mais justo”.
O texto intrigante de Platão revela um homem em sintonia
fina com sua paz interior. Ao sair do marcante ambiente onde Sócrates fechou seus olhos para a existência, H andava lado a lado com

Napoleão.
Estavam
tristes,
mas
não
deprimidos;
compenetrados, mas não pessimistas. Revelando que pequenos fatos têm grandes impactos, H concluiu para Napoleão.
– É uma ironia da história que um galo estivesse presente na história de dois grandiosos personagens da humanidade: Pedro, o apóstolo, e Sócrates, o filósofo. Pedro em sua negação e Sócrates perante a cicuta. No fundo, as duas aves revelavam duas dívidas.
– Não havia percebido esses detalhes – falou Napoleão, esperando a conclusão de H.
– Na história de Pedro, o galo cantou duas vezes antes que o negasse três vezes. De forma delicada, o Mestre dos mestres, o único que previa o futuro, disse que o som de uma ave levaria seu discípulo mais ousado a perscrutar as raízes mais íntimas da sua fragilidade.
Penetrando nas camadas da sua pequenez, ele entenderia que só há heróis quando navegamos em céu de brigadeiro.
– É surpreendente a história desse discípulo – disse Napoleão, e adicionou: – O simples pescador, que não teve instrução formal, que cresceu atirando redes ao mar e que morreria provavelmente pescador, tornou-se, depois de seu treinamento, um excelente pensador. Será que eu também, depois de detectar minhas fragilidades, minha arrogância e meus disfarces me transformarei num pequeno pensador? – disse humildemente para H.
– As crises e as perdas só são instrumentos da sabedoria se souber utilizá-las. Eu lhe dou a tinta e o papel, mas só você pode escrever a sua história. Pedro teve uma morte pior do que a de Sócrates. Também foi assassinado. Ao ser martirizado em Roma, pediu que fosse crucificado de cabeça para baixo, pois se achava indigno de morrer de forma semelhante ao seu mestre.
– Quanto à Sócrates, é particularmente interessante que uma pessoa se preocupe com a dívida de uma ave à beira da morte. Muitos mortais morrem com seus débitos.
H refletiu sobre esse intrigante fenômeno social.
– A citação de um galo por Sócrates poderia ser encarada como a continuação da ironia do filósofo diante da vida, mas ao citar o nome específico do seu credor, Asclépio, num momento em que seu coração estava à beira do colapso total, demonstrou, como raros humanos, seu apreço incondicional pela sua consciência. Queria fechar os olhos para vida em busca da eternidade para continuar filosofando.
– Afinal de contas H, a imortalidade existe? – indagou o político. Queria saciar a mais inquietante dúvida do ser humano.
– Fique tranquilo, você vai descobrir a resposta.

– Quando?
– Quando morrer – disse, sorrindo.
Napoleão e H continuaram andando pelas estradas da Grécia antiga. Tinham se tornado amigos. Subitamente apare ceu um fazendeiro trazendo dois cálices cheios. E os ofereceu para Napoleão:
– O que há nesses cálices, meu senhor?
– Um contém cicuta, e o outro, vinho.
Napoleão perdeu a cor. H se antecipou:
– Escolha.
– Você está brincando?
Vendo o conflito do seu aluno, H indagou:
– Onde a emoção tem seus dias mais felizes e relaxantes? No estrelato ou no anonimato?
Refletindo sobre tudo o que viveu naqueles últimos dias, Napoleão respondeu:
– Os homens procuram o estrelato como o sedento busca água no deserto, mas é no anonimato que o ser humano tem a possibilidade de ter uma felicidade inteligente e sustentável.
– Por quê? – indagou H, satisfeito com seu aluno.
– Porque a emoção é um fenômeno mais democrático que as democracias políticas.
– Continue – pediu H.
– Ter não é ser, meu caro. Na matemática financeira, quem tem um milhão de dólares é mil vezes mais rico do que quem tem mil dólares. Mas, na matemática da emoção, mil dólares podem gerar mais segurança do que um milhão, uma casa pode produzir mais conforto do que dez. Numa existência anônima, mas regada de significado, podemos conquistar aquilo que o dinheiro não consegue comprar e que o poder não consegue conquistar.
– Você está aprendendo lições que reis, presidentes e celebridades não aprenderam. Meu termômetro emocional indica que, quando era um simples estudante de direito e, logo depois, um advogado em início de carreira, você era 75% mais alegre, solto, livre, ousado, criativo do que agora. Tinha tempo de tomar sorvete, comer um hambúrguer e lambuzar a cara, visitar seus amigos, correr atrás dos filhos, beijar a esposa em público. Nas coisas simples e quase imperceptíveis aos olhos, sua emoção nutria-se vigorosamente.
– Hoje eu sei. Ganhei dinheiro, mas perdi a espontaneidade, conquistei prestígio, mas perdi a simplicidade, obtive o poder, mas perdi minha humanidade, tenho uma mesa farta, mas mendigo o pão do prazer. Empobreci à medida que enriqueci. Agora preciso reescrever minha história, pois meu cérebro vive entrincheirado.
Recuso-me a ser predador de mim mesmo.
O candidato à presidência descrevera poeticamente a história de políticos, empresários, intelectuais e religiosos.

– Tome os dois cálices – incentivou H.
– Como, me envenenarei?
– O cálice de vinho representa seus dias tranquilos e o cálice da cicuta representa a ansiedade, o estresse, o excesso de atividade, a intensidade da responsabilidade. Não tenha medo de tomar esse cálice.
– Mas isso é contraditório!
– Não. Certas pessoas sempre terão uma sobrecarga maior do que as outras. – E, usando metáforas, como sempre, discorreu: –
Elas carregarão o piano, o afinarão e, às vezes, até o tocarão, mas os outros é que devem receber os aplausos. O problema não é a intensidade do inverno, mas o tipo de agasalho que se usa. Se gerir sua emoção, seu trabalho será uma fonte de diversão, sua ansiedade será uma fonte de motivação, seu estresse será um cálice da motivação. Mas as estações dos invernos devem ser alternadas pelas primaveras. E espero que você prolongue estas e diminua aquelas, aí está a sabedoria.
Napoleão teve a coragem de tomar os dois cálices. E, no fim das contas, achou um melhor do que o outro.
Tendo dito essas palavras, H resolveu deixar a vida de Napoleão. Raramente um aluno que rejeitou tanto seu mestre teve com ele vínculos tão fortes.
O golpe dos íntimos
Napoleão estava dando mais uma entrevista coletiva com muita segurança. A carta de Marcos Paulo não afetara sua campanha como muitos esperavam. Ganhou mais espaço. Estava com cinco pontos à frente de Carlos de Mello. Parecia que navegaria em céu de brigadeiro até as eleições. Mas a vida é um ciclo. No meio da entrevista, recebeu um telefonema que um pai jamais gostaria de receber. O homem que tinha respostas para tudo ficou mudo, incrédulo, atônito.
– Napoleão, seu filho.
– Qual deles? O que houve?
– Fábio. Ele está preso.
– O quê? Como? O que aconteceu?
– Foi pego com cinco gramas de cocaína.
– Não pode ser, meu filho não usa drogas!
A imprensa logo ficou sabendo. Foi um escândalo de dimensões faraônicas. Houve comemoração no comitê de seu oponente, Carlos de Mello. Alguns soltaram fogos. Eram abutres em cima da carne fresca. Inúmeras reportagens, algumas plantadas pela equipe de marketing de seu adversário, traziam estes temas: “O homem que queria mudar a educação do país não consegue educar o próprio filho”, “O político que queria lutar contra a corrupção não enxergou o tráfico diante de seus próprios olhos”, “Um pai omisso e irresponsável quer ocupar a cadeira da presidência”.
Seu adversário deixou vir à tona uma crueldade ímpar.

Alardeou em entrevistas que, se Napoleão não governava a sua própria casa, não poderia governar o país. Napoleão foi à delegacia, ansioso, após chorar no caminho. Mas, em vez de dar uma bronca em Fábio, como sempre fazia quando ele errava, quis inquirir os fatos:
– Filho, meu filho.
E o abraçou afetuosamente.
– Mas, mas… você não… está furioso?
– Estou triste.
– Desculpe-me. Eu o derrotei sozinho nesta eleição – disse o rapaz, aos prantos.
– Filho, eu suporto perder a eleição, mas não suporto perder você.
Fábio, pela primeira vez, teve a certeza de que seu pai o amava.
– Quando isso começou?
– Comecei com a maconha há dois anos, e há dois meses experimentei cocaína pela primeira vez.
– Sou seu amigo, por que nunca me contou?
– Desculpe, não quero ofender. Mas um amigo tem tempo para o outro.
– Eu é quem peço desculpas. Prometo que gastarei mais tempo com você, serei seu amigo, entrarei em camadas mais profundas do meu ser. Olhe para dentro de você e me diga se quer parar de usar drogas.
– Eu quero, papai. Eu quero! Tenho depressão, sentimento de culpa, mas algo mais forte me controla.
– Apesar de todos os meus defeitos, procurarei ser o melhor pai do mundo. Darei a maior força a você. Quero ajudá-lo a pilotar sua aeronave mental.
– Como assim? – indagou Fábio, interessado.
– Tenho muitas histórias para contar – disse seu pai, emocionado, lembrando seu mestre. – Quem sabe um dia você viaje no tempo. Mas, por enquanto, quando bater a fissura, quando estiver angustiado, me ligue, você é a minha prioridade.
– Ok – disse, sorrindo e abraçando-o novamente.
Quando o juiz liberou o rapaz da cadeia, havia um batalhão de jornalistas de plantão no local para pedir explicações. Napoleão orientou o filho:
– Não tenha medo de reconhecer suas falhas. Use o caos como oportunidade criativa. Olhe nos olhos das pessoas e não tenha vergonha de si. Seja humilde, mas não cubra seu rosto. Promete?
– Prometo.
– Você não é obrigado a dar respostas.
E assim os dois saíram abraçados no meio de dezenas de câmeras de tevê, repórteres fotográficos, repórteres policiais, jornalistas políticos. Um jornalista policial perguntou:
– Seu filho é traficante?
O próprio Fábio respondeu.
– Não, sou usuário.
– Você é viciado há quanto tempo? – indagou o repórter.
– Por favor, poupem meu filho. Mas Fábio encarou-o.

– Há dois anos.
– Está arrependido?
– Você não estaria?
– Sim – disse o repórter.
– Você nem imagina eu.
– Mas o que leva o filho do candidato à presidência mais cotado para vencer as eleições a usar drogas? Isso é um péssimo exemplo para as famílias desta nação – indagou uma jornalista política conservadora.
– Não vou esconder. Vivi para a política, trabalhei muito, deixei pessoas caras pelo caminho – foi a vez de Napoleão responder.
– Então você reconhece que errou? – questionou ela, perplexa.
– Errei em gênero, número e grau.
– E como um candidato que não dirige bem sua casa vai dirigir este país?
– Se vocês querem uma pessoa perfeita, não votem em mim –
falou, enfaticamente. – Mas, se querem um líder que reconhece seus erros e tem coragem de corrigir suas rotas, então eu sou o presidente que vocês esperam. É simples assim.
Fábio ficou impressionado com a coragem do pai. Ele não disfarçava como antes. Abraçou-o enquanto ele falava.
– Mas você não tem medo de perder a eleição? – perguntou outro jornalista.
– Tenho medo, em primeiro lugar, de perder meu filho –
falou, convicto.
– Você reconhece que foi irresponsável na educação dele?
– Já disse, errei profundamente – disse com humildade o candidato.
– Mas só isso? Você não vai se defender? – questionou o homem, querendo que o candidato perdesse a estribeira, como em outras ocasiões.
– Eu fui um dos mais bem pagos criminalistas neste país. Sei fazer defesas como raros, mas não posso esconder que faltou diálogo.
Faltou cruzar minha história com a dele, faltou falar com Fábio sobre minhas lágrimas para que ele aprendesse a chorar as dele.
A honestidade de Napoleão e o reconhecimento de sua imperfeição o aproximava das pessoas normais, que, como ele, tinham defeitos. As pessoas que o assistiam ficavam impressionadas com a transparência do poderoso político, com sua coragem de tirar a maquiagem em público. Por isso, ele caiu apenas dois pontos na pesquisa, dentro da margem de erro. E, portanto, continuava na liderança. O que deixava seu adversário furioso.
– Eu odeio Napoleão! Ele zomba da sociedade, mas nada gruda nesse cara.
Dois dias depois, à noite, quando Napoleão estava abraçado a Fábio, assistindo a um filme num canal aberto, a programação foi interrompida por mais uma notícia bombástica. Carvalho, o tesoureiro da campanha, tinha sido preso pela Polícia Federal com uma mala contendo cem mil dólares não declarados. Estavam a cinco dias das eleições. Não faltava mais nada para jogar no lixo a campanha. Carvalho disse que nunca o trairia, mas o fez com habilidade inimaginável.

Dessa vez, o estrago fora grande. Tinha todas as chances de perder a eleição. Mais uma entrevista coletiva, mais explicações quase impossíveis de dar. João Gilberto não apareceu para orientá-
lo, estava envolvido com Carvalho, algo que ainda não tinha vindo à tona.
– Peço desculpas à nação. Não tenho explicação para dar.
Carvalho é quem deve dá-las.
– Mas ele não era o tesoureiro da sua campanha? – questionou uma jornalista.
– Sim, mas ele deve ser investigado e julgado com o rigor da lei. Mas não posso responder por ele, reitero.
– Era um homem da sua confiança. Que segurança o país vai ter de que não há outros envolvidos na sua campanha? – disse outro jornalista, querendo insinuar que o próprio Napoleão poderia estar relacionado ao caso.
– O que garantirá a segurança dos eleitores é minha decisão, que anuncio neste momento, de liberar todos os dados de telefonemas que fiz e recebi desde antes do início da campanha e também todas as informações bancárias necessárias para investigação pelas autoridades competentes.
Os jornalistas se calaram perante tal ousadia. Percebiam que Napoleão estava enfrentando sérios problemas na campanha, mas nunca tinham visto um líder tratar de forma tão transparente suas dificuldades e seus erros.
– Com os três últimos escândalos, o abandono de um senador de sua campanha, o problema do seu filho e a descoberta do caso envolvendo o tesoureiro da sua campanha, há grande risco de o senhor perder esta disputa, quando sua eleição, segundo as pesquisas, estava praticamente assegurada. O senhor concorda? –
perguntou um repórter de tevê.
Em vez de se intimidar pelas perguntas, ele as enfrentou como um cirurgião que opera seus próprios tumores.
– Concordo, sem dúvida. Posso perder esta eleição, mas sou quem sou. Só não quero perder a minha consciência, minha identidade.
– Seu adversário, Carlos de Mello, alardeia por todo o país:
“Como pode um homem querer dirigir a nação se não sabe escolher seus assessores?” – alfinetou outra jornalista.
– Carlos de Mello tem três assessores sendo processados por corrupção, e ele mesmo tem um processo tramitando no Tribunal de
Contas – acrescentou uma terceira repórter. – Por que, sabendo disso, você não está contra-atacando?
– Sendo honesto, não posso esconder meus erros por trás dos erros deles. Um país afunda não apenas pela corrupção de seu líder, mas também pela escolha de seu estafe. O que os eleitores vão escolher no final do ano, um presidente ou um empregado?
– Um presidente – enfatizou a jornalista.
– Errado. Milhões de eleitores escolherão um empregado. Um empregado que tem a obrigação de ter política de Estado, e não política de partido, que objetiva manter um grupo no poder. A necessidade neurótica de poder e de

ser o centro das atenções são os cânceres desta nação. Caso eu vença a eleição, terei milhões de patrões, os contribuintes, e por isso minha gestão será profissional, embora haja notáveis políticos em áreas de articulação. Em todos os departamentos, em destaque no gabinete da Presidência, pedirei para afixar esta mensagem: “O patrão aqui é o contribuinte!”. E, se isso se materializar, depois de cumprido meu mandato, sairei da política como um simples funcionário para não mais voltar. Outros melhores do que eu me sucederão, inclusive da oposição.
– Você está acusando o governo anterior desses erros? – questionou a mulher.
– Não estou acusando, pois meu partido também está contaminado – enfatizou o candidato à presidência, deixando todos chocados. – Posso estar errado, mas em minha opinião não há partidos santos nem políticos santos. Todos temos um débito com a sociedade.
– Suas ideias são belas, um sonho, uma poesia – comentou outro profissional, chocado. – Mas não serão ingênuas ou utópicas?
– Se os eleitores acharem que é ingenuidade, a solução é simples: que não votem em mim – disse, taxativo.
E assim terminou mais um episódio escandaloso na campanha de Napoleão Anacleto de Alcântara Filho. As pessoas tentavam esfolá-lo, pressioná-lo, massacrá-lo de todas as maneiras, inclusive justificadamente, pois seus erros eram sérios. Mas sua capacidade de desnudar suas mazelas e reconhecer suas falhas não tinha precedente no teatro da política. Parecia que ele tinha desapego ao cargo. Suas atitudes ímpares criavam uma nova aura no inconsciente coletivo, a de que, por trás do famoso político, havia um homem cru, concreto, real, de carne e osso, e, acima de tudo, imperfeito, mas honesto.
Suas palavras exaltavam o eleitor como jamais um político havia feito. Muitos contribuintes sentiam-se pedintes em alguns departamentos públicos, e agora descobriam que eram patrões.
Funcionários públicos altamente competentes e comprometidos afixaram cartazes nos seus departamentos com a frase de Napoleão, antes da eleição. Os contribuintes descobriram o óbvio, que eles pagavam com seu suor os salários de vereadores, prefeitos, deputados, senadores, governadores, presidentes e todo o funcionalismo público.
Na era digital, era a primeira vez que uma geração mais nova sabia mais do que a geração mais velha. A democratização das informações tinha ampliado a consciência crítica dos eleitores comuns, que aprenderam a filtrar as falácias e as falsas promessas.
Eles procuravam seres humanos de verdade, e não fabricados pelo marketing.
Na noite desse turbulento dia, Napoleão e sua esposa foram à uma instituição que cuidava de jovens em situação de risco. Eles eram paupérrimos e recebiam um jantar diário gratuitamente.

Pessoas de todas as classes sociais, revelando a pérola do altruísmo, doavam parte do seu tempo e dinheiro para aliviar a fome desses filhos da humanidade. O candidato à presidência foi cozinhar e servir a eles como faria um servo. Todos ficaram surpresos com sua disponibilidade. Ele pediu que não divulgassem na imprensa sua atitude. Estava aprendendo a superar sua necessidade neurótica de ser o centro das atenções: o que a mão esquerda faz, a direita não deve ficar sabendo.

Uma incrível história de amor No outro dia pela manhã, Napoleão estava sozinho, sentado numa praça. Era raro ter um momento de privacidade, um espaço só dele, pois diariamente era seguido por centenas de jornalistas. Não entendia porque estava ali. As pessoas passavam por ele, mas não o conheciam. Tinha a impressão de que estava fazendo mais uma viagem no tempo, mas parecia que o lugar era conhecido. Via algumas crianças correndo pelas ruas, outras soltando pipas. Tudo era belo e singelo.

De repente, viu um homem de costas ensinar seu filho a soltar pipas. Estava a mais de cinquenta metros. O filho tinha sete anos. A pipa frequentemente caía, mas o pai, experiente, o ensinava a correr contra o vento. O menino enroscou a pipa numa árvore e o pai, pacientemente, a tirou sem rasgá-la. E novamente o ensinou a correr contra o vento e a incliná-la suavemente. O menino repetiu o processo dez vezes, a pipa subia e caía, até que conseguiu incliná-la como devia.

Ao observá-los, Napoleão sentiu uma vontade irresistível de se aproximar dos dois. Sua face estava compenetrada, nada o distraía.

À medida que se aproximava, colocava as mãos na boca, atônito. A câmera dos seus olhos começou a focar e identificar os personagens.

Parecia conhecer o pai, seus gestos, seus movimentos, sua face. Era seu próprio pai. Também começou a reconhecer o menino, seus comportamentos, sua ansiedade, seus traços. Era ele mesmo, aos sete anos. Estava assombrado, perplexo, extasiado. O tempo congelou, nada no mundo era mais importante do que aquela cena. Não se controlou.

– Pai? – indagou, quando estava a cinco metros. Mas o fenômeno que aconteceu algumas vezes com ele e com H se repetiu.

Eles via os personagens, mas eles não o percebiam.

Como espectador superconcentrado, Napoleão começou a prestar atenção no relacionamento deles.

– A pipa caiu de novo – disse o menino.

– Tente outra vez, filho. Você consegue.

O menino tentou, ela ficou dez segundos no ar e depois caiu.

– Parabéns, filho. Tenho muito orgulho de ser seu pai.

– Te amo, papai – disse o menino, abraçando-o.

E os dois pareciam eternos amigos. Qualquer um que os visse juraria que jamais se separariam. Napoleão, adulto, sentiu seus olhos ficarem úmidos enquanto os assistia. Era o filme de sua vida ao vivo e em cores, um filme que não fora deletado, mas as cenas mais importantes tinham sido embotadas pelos acidentes da vida. Os traumas o tinham cegado, as

decepções haviam bloqueado sua memória. Naquele episódio a generosidade de seu pai veio à tona, o que o levou a concluir que seu pai nunca fora um carrasco, como ele desenhara distorcidamente no fim da adolescência. Ao contrário.
Agora, ao pilotar sua aeronave mental, lembrou-se da tese: por trás de uma pessoa que fere há sempre uma pessoa ferida. Tinha de dar um desconto para seu pai: ninguém fere gratuitamente.
Dez minutos depois, um garoto de doze anos se juntou à brincadeira e começou a soltar pipa junto. O candidato perdeu o fôlego quando o viu. Era Rubens, seu irmão mais velho. O jovem que vivera uma experiência trágica, que tiraria a própria vida anos depois.
– Rubens, vamos ver quem solta mais alto? – desafiou o pequeno Napoleão.
– Ah, não. Você é melhor que eu – disse Rubens, piscando para o pai.
E o menino foi soltar sua pipa feliz da vida por causa do elogio do irmão mais velho. Napoleão, o pai, colocou as mãos sobre os ombros de Rubens e o valorizou:
– Parabéns, meu filho, por amar seu irmão e o encorajá-lo.
– Você sempre me ensinou a investir em quem precisa.
Napoleão, o político, começou a chorar copiosamente.
Descobriu que sua família não era uma droga, um grupo de estranhos, mas linda. De repente, o pequeno Napoleão enroscou
novamente sua pipa na árvore. Ele desistia fácil das coisas.
– Não dá. Não sei soltar pipa. Vou parar – disse o menino, frustrado.
– Não desista. Vou pegar para você, maninho.
– É isso aí. O mundo é dos teimosos, Napoleão, dos que persistem sempre – afirmou o pai, em sintonia com Rubens.
Napoleão, o candidato, ficou abalado. Infelizmente, seu irmão desistira de si mesmo, mas não sem antes ensiná-lo a não desistir.
Do mesmo modo, seu pai, de forma lúdica, o ajudou a ser perseverante. Era inacreditável que aquelas duas pessoas que não estavam mais ao seu lado, de quem ele pouco se lembrava, tinham contribuído tanto para que ele se tornasse um persistente criminalista e um notável líder político. Ao ver a cena, começou a soluçar forte. Sabia que eles não o ouviam, mas não se conteve.
– Rubens, eu te amo. Meu pai, eu te amo. Perdoem-me.
O candidato à presidência estava assombrado em descortinar o quanto eles eram uma família unida, amorosa. Os vendavais ficam no centro da memória; os jardins, na periferia. Desesperado, tentou conversar com Rubens. Dizer as palavras que gostaria de ter dito, mas que nunca saíram de sua boca.
– Rubens, meu irmão. Você sempre foi incrível, eu nunca lhe disse, mas sempre o admirei. Não desista de sua vida, por favor! –
Mas, infelizmente, poucos anos depois Rubens silenciaria sua voz.
Ele pensava que Rubens não o estava ouvindo. Mas Rubens abriu um sorriso e disse para seu pequeno irmão:

– Napoleão, você falou comigo?
– Agora?
– Sim.
– Eu, não.
– Mas é interessante. Eu senti algo que me tocou.
Fascinado, Napoleão se alegrou. Após essa enigmática cena, Rubens saiu correndo com o seu irmão soltando a pipa. Ficaram os dois a sós, Napoleão pai e seu filho adulto, invisível aos seus olhos.
– Papai, obrigado por tudo. Desculpe-me ter negado seu carinho. Desculpe ter sido um promotor te julgando, e não seu advogado de defesa. – E, enxugando seus olhos, completou: – Você não deu mais porque não tinha… Não se culpe, por favor.
Após essas palavras, o tempo fechou, começou a trovejar e a chover. O pai saiu correndo atrás dos filhos. Napoleão acenou com as mãos dando-lhe um adeus silencioso e gritante. Não se importou em ensopar seu corpo. Queria congelar aquela cena e vê-la e revê-la, mas o passado se vai sem se despedir do presente.
Nesse momento, apareceu um homem no meio da tempestade, oferecendo-lhe abrigo em seu guarda-chuva. Tinha a certeza de que era alguém que conhecia, ainda mais pela expressão.
– Quer abrigo, homem?
Napoleão se virou.
– H, você de novo? – indagou, com um sorriso incontido.
Mas se enganou, não era H.
– Papai! Mas como? – disse, quase sem voz.
Era seu pai, com cabelos grisalhos e faces enrugadas, maltratadas pelo alcoolismo e pelo abandono.
– Napoleão? O que faz aqui, meu filho? – questionou, mais perplexo ainda.
– Eu? Eu estava recordando minha infância – falou, em lágrimas.
– Você se lembrou deste lugar. Eu venho aqui quase todos os dias – disse o pai.
– Por quê?
– Nunca o esqueci. Foi aqui que eu o ensinei a soltar pipa.
Napoleão abraçou seu pai, afetuosamente.
– Perdoe-me, pai. Do fundo da minha alma, me perdoe.
– Por que, meu filho?
– O homem de sucesso deixa as pessoas mais caras pelo caminho. Cortei-o da minha vida.
– Mas sou um alcoólatra… Um lixo social. Uma vergonha para um filho tão importante – comentou, com a voz embargada.
– Não, papai. Você é uma pessoa maravilhosa.
O pai tentou desafogar os olhos com as mãos.
– Fui o pior pai do mundo.
– Não, pai. Você foi o pai mais paciente e presente do mundo até meus doze anos.

– Falhei como marido, como ser humano, como advogado e, pior, como pai. Nunca aceitei perder o Rubens. Nunca, nunca. Duas horas antes de ele tirar sua vida, eu gritei com ele, o critiquei fortemente, julguei-o sem lhe dar uma chance de defesa.
– Não papai. Você foi amoroso. Ele estava se drogando.
– Eu sei. Por isso discuti com ele.
– Os suicidas não querem matar a vida, mas sua dor. Rubens tinha fome e sede de viver.
– Será, meu filho?
– Tenho certeza.
Logo depois desse diálogo, a chuva parou e o tempo abriu.
Napoleão pai colocou o guarda-chuva sobre o banco da praça.
Respirou fundo.
– Eu procurei um experiente psiquiatra. Ele me disse que a psiquiatria tem moléculas para tratar a depressão e a ansiedade, mas não tem medicamento para tratar de sentimento de culpa. Disse que eu tinha de me perdoar. Mas nunca consegui. Ele queria que eu fizesse psicoterapia, mas me recusei. Dia e noite me culpava.
– Minha memória também foi marcada como gado –
comentou Napoleão, o filho, entristecido. – Três horas antes de Rubens morrer, eu o ofendi, fui egoísta, egocêntrico.
– Você era uma criança, mas nunca me contou. Não sabia que também você sofria tanto.
– As coisas mais importantes nós silenciamos.
Depois dessas palavras, Napoleão ficou frente a frente com o pai e colocou as mãos nos ombros dele.
– Pai, não se conserta o passado, só o presente. Precisamos nos perdoar e perdoar o Rubens. Vamos proclamar em nossa mente que, por amor a ele, seremos mais felizes.
– Conseguiremos?
– Se treinarmos diariamente nossa emoção, não tenho dúvidas.
A mamãe, a Débora, meus filhos e eu precisamos de você.
– Será que ainda serei útil?
– Você é tão importante que dei seu nome a um teatro.
Lembra-se? – disse o político, sorrindo, lembrando-se da sua própria vaidade.
– Nada é tão importante como sua presença, meu filho. E a campanha?
– Não sei se vou vencer. Mas sei que estou vencendo meus fantasmas. Sei que este momento é insubstituível na minha vida. Eu o amo. Sempre amei.
– Ah, me perdoe. Todos os dias eu venho nesta praça para conversar com você. Com as imagens que me sobraram. Eu o amo, meu filho!
Foi quando ouviram, ao longe, um pianista tocando uma música que eles conheciam no meio da belíssima praça, e, abraçados, caminharam em direção ao som.

Pai e filho tinham vivido no campo de concentração da culpa, foram atirados ao coliseu dos traumas e, por fim, negaram o que tinham de melhor. Viveram todo o passeio inimaginável patrocinado por H. Mas por fim, depois de três décadas de distanciamento, se reencontraram de fato, se perdoaram e começaram a zombar da vida e de sua estupidez.
E era necessário, pois só um ser humano governa outros seres humanos. Antes de ser ou não presidente, Napoleão precisava solucionar a mais importante equação da existência: ser um ser humano bem resolvido.
O pianista era tão magistral que logo cativou as pessoas da praça, que começaram a se agrupar em torno dele. Napoleão sentiu uma vontade irresistível de ver seu rosto.
– Pai, vamos nos aproximar mais? Acho que conheço esse homem. Tentou se esconder cobrindo o rosto com o blazer para ninguém o reconhecer.
Quando se aproximaram, Napoleão abriu um
sorriso: eis que estavam diante do mestre do tempo. H deu uma olhadela para ele e tocou com mais entusiasmo. Quem dera todos os seres humanos pudessem conhecê-lo, pensou o candidato à presidência. Após a música, Napoleão o aplaudiu entusiasticamente.
Aproximou-se e o cumprimentou como seu melhor amigo:
– H, não sabia que você era um pianista de primeira.
– Quem é H? E quem é você? – disse ele, surpreso e sorrindo.
– Você está brincando comigo! Fizemos muitas viagens juntos.
– Você e eu? O senhor está enganado.
Ninguém era tão discreto como esse personagem e, ao mesmo tempo, capaz de deixar um ser humano tão perplexo, surpreso, assombrado. Algumas pessoas descobriram a identidade de Napoleão. Diziam uma para as outras:
– Ele não é o candidato à presidência? Por que está aqui?
Parece perturbado.
Alguns tentaram abordá-lo:
– Senhor. Mas ele disse:
– Desculpem, estou confuso.
E saiu esfregando as mãos na cabeça, tentando entender o caos intelectual em que se metera. Seu pai notou que ele estava transtornado.
– O que está acontecendo, meu filho? Será que a falta de sono da campanha não está confundindo suas ideias?
– Eu conheço esse sujeito, pai, juro.
– Mas como? Ele acabou de dizer que não o conhece.
– Tem alguma coisa errada. Esse homem é misterioso demais.
– Como assim?
– Não sei como, mas ele sabe de tudo.
– Filho, o que está ocorrendo? Onde está o lúcido candidato à presidência?
– Parece loucura, mas ele sabe quantos espirros você deu neste mês, quantas e quais palavras você disse ontem. Sabe tudo.
– Sempre o considerei um homem inteligente. Acredita,

agora, em coisas do além? Isso é alucinação. Eu tenho isso quando me embriago.
– Mas eu tenho isso quando estou sóbrio. – E, olhando nos olhos de seu pai, confessou, constrangido: – Pai, H me disse que você deve em três bancos, que não tem coragem de se levantar da cama em seu aniversário, pois não tem ninguém para lhe dar parabéns, que acordou nove vezes de madrugada para visitar o túmulo de Rubens. – O pai ficou assombrado ao ver que o filho sabia de coisas sobre as quais ele nunca falara a ninguém. Em seguida, Napoleão completou: – Também comentou que você procurou treze vezes a mamãe para pedir desculpas pelo seu comportamento, mas que não teve coragem de se aproximar dela.
– Como ele sabe disso? Quem é este que disseca o passado, que revela a biografia oculta dos homens?
– Eu também queria saber. Espere, espere. Vamos até ele novamente – disse Napoleão, iluminado. Finalmente tinha um palpite mais sólido sobre a identidade do personagem que abalara seus alicerces e desnudara sua personalidade.
Chegando lá, H tinha desaparecido. O piano estava vazio. Mas, quando Napoleão estava dando as costas ao instrumento, viu um bilhete sobre o teclado. Aproximou-se e, ao tentar pegá-lo, um vento arremessou o papel no ar. O homem abriu a palma da mão e o bilhete repousou sobre ela. Havia uma mensagem intrigante: Eu me escondo na luz das estrelas, nas camadas de rocha, nos textos dos livros, nos pensamentos inaudíveis, na voz humana. Líderes que não me conhecem estão condenados a perpetuar suas loucuras. Eu sou o médico da humanidade, eu sou a cura da corrupção, eu sou a HISTÓRIA. Quem se candidata a ser o próximo viajante? Barack Obama? Hil ary Clinton?
Donald Trump? Abraham Lincoln? Adolf Hitler? Você?

Document Outline

- Um voo inesperado
- Vírus com várias cepas
- Reencontro com o passado
- Forasteiro de si mesmo
- Refém de um personagem
- Um menino e seus fantasmas
- A revolução e a guilhotina
- Todo carrasco constrói seus monstros
- O agrônomo que assassinou milhões
- Direito de escolher
- Um homem ousadíssimo
- A necessidade neurótica de poder
- A droga das drogas
- O maior julgamento da história
- Quem apaga a luz?
- Estranhos em família
- O grande provocador da mente
- Julgar sem conhecer
- Só os amigos traem
- Ideias que resistem ao veneno
- O golpe dos íntimos
- Uma incrível história de amor